



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

CRISTIANE DE OLIVEIRA PINTO

JUVENTUDE CAMPONESA: QUE PROJETOS DE FUTURO?

MARABÁ - PA
2016

CRISTIANE DE OLIVEIRA PINTO

JUVENTUDE CAMPONESA: QUE PROJETOS DE FUTURO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Campus de Marabá, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Agrárias e da Natureza.

Orientadora: Prof^ª Msc. Maura Pereira dos Anjos

MARABÁ - PA
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA

Pinto, Cristiane de Oliveira

Juventude camponesa: que projetos de futuro? / Cristiane de Oliveira Pinto ; orientador, Maura Pereira dos Anjos. — 2016.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura de Educação do Campo, Habilitação em Ciências Agrárias e da Natureza, Marabá, 2016.

1. Juventude rural – Açailândia (MA). 2. Assentamentos humanos – Açailândia (MA). 3. Camponeses. 4. Cidades e vilas – Açailândia (MA). I. Anjos, Maura Pereira dos, orient. II. Título.

CDD: 21. ed.: 305.23098121



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

CRISTIANE DE OLIVEIRA PINTO

JUVENTUDE CAMPONESA: QUE PROJETOS DE FUTURO?

Defesa pública em: 25/02/2016

Conceito:

Banca Examinadora

Prof^a Msc. Maura Pereira dos Anjos
UNIFESSPA – Campus Universitário de Marabá
(Orientadora)

Prof^a. Msc. Maria Celia Vieira da Silva
UNIFESSPA – Campus Universitário de Marabá
(Examinador)

Prof^o. Msc. Amintas Lopes da Silva Junior
UNIFESSPA – Campus Universitário de Marabá
(Examinador)

MARABÁ - PA
2016

DEDICO

AO REI SUPREMO:

Aquele que fez os Céus,
A Terra...
E a fonte das Águas.

ÀS MULHERES DA MINHA VIDA:

Minha MÃE por todo apoio incondicional;
Cláudia, minha irmã pela preocupação;
Cynthia, pelo apoio intelectual;
Cristina, pelo incentivo e paciência;
A pequena Bruna Carla, pela motivação;
Gabriela da Silva, melhor amiga, amor fraternal.

IN MEMÓRIA:

A meu PAI: Tomas de Aquino Pinto,
Bigode de Arame, da beira do Tracuá,
Mais duro do que a peste.

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer demonstra que alguém fez algo por nós,

Que alguém dedicou alguma parte de seu tempo para nos fazer o bem.

Assim, demonstro – me completamente grata a **DEUS**, por me conceder grandes bênçãos, não somente durante este período de curso, mais em todas as fazes da minha vida.

Em seguida, a **MINHA MÃE** (minha heroína) e **MEU PAI** (meu herói), que em meio a tantas dificuldades dedicaram suas vidas a mim e meus irmãos, nos educando, nos dando carinho e demonstrando o real sentido de uma família.

A minha irmã, **CRISTINA**, que com sua calma e paciência me ajuda sempre que preciso.

Aos meus irmãos: **CLAÚDIA e DANDOK**; tio **ROMEU** e avó **TEREZA**, que direto ou indiretamente contribuíram nesse processo.

A minha irmã **CYNTHIA**, como ela diz: “a única graduada, pós-graduada e concursada da família”, pela inspiração que permitiu ser pra mim.

Aos meus sobrinhos: **GUSTAVO, SABRINA, THIAGO, EDUARDO e BRUNA CARLA**.

Agradeço a **GABRIELA** que durante estes cinco anos dividiu comigo todas as alegrias e angustias. Pela força e contribuição no momento da construção deste trabalho, por cada leite que me serviu, por cada almoço que preparou enquanto eu estava escrevendo e pelas noites em claro que pela amizade me esperava enquanto concluía alguma leitura ou escrita.

A todos da **TURMA DE 2011** que contribuíram com esse processo de formação.

A nova família que foi possível formar durante a estadia em Marabá: A **MARLY, MARIA RAIMUNDA e GLEYCE**, que dedicaram boa parte de seu tempo nos ajudando e nos acolhendo quando precisávamos.

Aos queridos amigos da república: **INGLED** que com seu jeitinho meigo conquistou todo mundo. A **NAÉLIA e ALINE**, moças competentes e dedicadas. **FRANCISCO**, que com suas crônicas e piadas nos proporcionou vários momentos de alegria e felicidade.

A **CLAUDERÍ**, o quilombola mais descolado e compreensivo que conheço.

E como esquecer do **APARECIDO JUNIOR**, com seus risos e alegrias.

A todos **DA ESCOLA OZIEL ALVES**, pelo apoio e compreensão durante esta jornada.

A todos os **PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**, em especial a minha orientadora **MAURA** pela cumplicidade e paciência na construção deste trabalho.

Enfim, **AGRADEÇO A TODA À JUVENTUDE** da agrovila Nova Conquista,

Pela contribuição na construção deste trabalho.

LISTA DE SIGLAS

ASG – Auxiliar de Serviços Gerais

CONJUVE – Conselho Nacional da Juventude

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FHC – Fernando Henrique Cardoso

IBGE – Instituto Nacional de Geografia e Estatística

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PA – Projeto de Assentamento

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01. Estrutura física da Agrovila Nova Conquista.....	33
FIGURA 02. Relação dos jovens a partir da idade.....	37
FIGURA 03. Classificação da juventude por faixa etária.....	37
FIGURA 04. Relação da juventude por gênero.....	41
FIGURA 05. Municípios de origem dos jovens.....	43
FIGURA 06. Há quanto tempo moram na agrovila.....	44
FIGURA 07. Jovens auto declarados participantes do MST.....	45
FIGURA 08. Níveis de escolaridade da juventude pesquisada.....	47
FIGURA 09. Ocupação da juventude.....	49
FIGURA 10. Renda mensal declarada pela juventude.....	50
FIGURA 11. Estado civil da juventude pesquisada.....	52
FIGURA 12. Probabilidade de o jovem se tornar chefe ou cônjuge, segundo sexo ou idade – Brasil 1981 e 2001.....	53
FIGURA 13. Quantidade de filhos da juventude pesquisada.....	54
FIGURA 14. Situação de moradia da juventude pesquisada.....	55
FIGURA 15. Relação da juventude por religião.....	56

RESUMO

O presente trabalho, intitulado Juventude Camponesa: Que projetos de futuro? objetiva compreender os projetos de vida da juventude na Agrovila Nova Conquista, e problematizar se esses se relacionam com a continuidade ou não da vida no campo. A agrovila está localizada no município de Açailândia, estado do Maranhão. Utilizamos como referencial teórico: Fernandes (2008) e Carrano e Dayrell (2013); em uma discussão voltada a juventude em um contexto geral. E Carneiro (2007); Ferrari *et al* (2004); Rosas (2007); Castro (2008); Carvalho et al (2009) que tratam do conceito de juventude rural (camponesa). A fim de apresentar a comunidade pesquisada a partir da ligação com o MST: Comparato (2001); Fernandes (2008); Medeiros (2009). Fizemos uso da pesquisa de campo com abordagens quantitativas e qualitativas e recorreremos também à pesquisa bibliográfica. Na pesquisa de campo, constatamos a presença de 152 jovens na faixa etária de 14 a 30 anos (adotada por este trabalho); através da aplicação de questionário. As informações foram sistematizadas e apresentadas categorizando a juventude quanto à escolaridade, à ocupação, estado civil, etc. E realizou - se entrevistas com dez jovens, nas quais buscamos a partir de critérios, construir uma interpretação sobre seus projetos de vida, permitindo uma análise e reflexão acerca da reprodução camponesa. As análises dos relatos demonstram que a juventude não considera que a agrovila oferece alternativa para a continuidade da categoria no campo, pois, segundo estes a ausência de vários aspectos, como o trabalho assalariado, influencia na possibilidade do jovem permanecer. No entanto, apesar das afirmativas estes apresentam em seus projetos de vida, o desejo de continuar no campo, seja pela tranquilidade ou pelo vínculo que possui com a comunidade.

PALAVRAS CHAVES: Juventude camponesa; Assentamento Rural, Reprodução Camponesa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 01: JUVENTUDE EM DISCUSSÃO	16
1.1 O MST E A CONSTITUIÇÃO DA AGROVILA NOVA CONQUISTA NO CONTEXTO DA LUTA PELA TERRA	25
CAPITULO 2. PERFIL DA JUVENTUDE DA AGROVILA NOVA CONQUISTA	36
2.1 ORIGEM DA JUVENTUDE PESQUISADA	41
2.2 JUVENTUDE E MST	45
2.3 ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE PESQUISADA	46
CAPITULO 03: PROJETOS DE VIDA DA JUVENTUDE DA AGROVILA NOVA CONQUISTA	59
3.1 VIVÊNCIA NO CAMPO	60
3.1.1 Vivência no campo como sinônimo de tranquilidade	61
3.1.2 O campo como um local de ausências	63
3.2 ORGANIZAÇÃO DA AGROVILA NOVA CONQUISTA	65
3.3 PROJETOS DE VIDA DA JUVENTUDE DA AGROVILA NOVA CONQUISTA	73
3.3.1 Projetos de vida da juventude militante do MST	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus Universitário de Marabá, foi institucionalizado em 2009 e passou a ofertar turmas regularmente através da alternância pedagógica. Este funciona a partir da alternância de tempos e espaços educativos, tais como: o tempo universidade, período de dois meses em que são ministradas as atividades curriculares presenciais, seminários, viagem de campo etc; e o tempo comunidade, período de quatro meses, em que são realizadas as pesquisas, os trabalhos educativos nas escolas e a participação em diversas atividades de extensão nas comunidades camponesas.

Através do ingresso nesse curso em 2011, construímos mais conhecimento sobre as populações camponesas e como estas comunidades se organizaram historicamente. Dessa forma, a partir da oportunidade que o curso ofereceu, através das pesquisas de tempo comunidade, tivemos a oportunidade de construir trabalhos educativos, contribuindo e intervindo em vários aspectos nas comunidades. O fato de durante as etapas de ensino na universidade nos aprofundarmos teoricamente dos conflitos existentes no campo, nos animou de diferentes formas, o desejo em melhor compreender os diversos sujeitos que estão territorializados no campo.

O assentamento escolhido para o desenvolvimento da pesquisa é denominado Projeto de Assentamento (PA) Açai, este fica localizado no município de Açailândia - estado do Maranhão. O assentamento é dividido em cinco agrovilas dentre elas se encontra a Agrovila Nova Conquista, *locus* da pesquisa, distante aproximadamente trinta quilômetros das margens da BR – 010, e possui cerca de 160 famílias assentadas.

Nesse sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma continuidade de outras pesquisas realizadas durante o curso, na Agrovila Nova Conquista. Com as pesquisas de tempo comunidade foi possível compreender a constituição histórica da Agrovila, da escola Oziel Alves e foi possível realizar trabalhos de observação sistemática e intervenção com a juventude na escola.

A escolha por desenvolver o trabalho na agrovila, se deu pelo fato de enquanto pesquisadora residir na localidade há aproximadamente 17 anos e a partir da inserção no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Cresci participando nas ações da escola e do Coletivo de Juventude; tive a oportunidade de me inserir nas discussões sobre

juventude, participando de reuniões, debates e diálogos entre a juventude da região e em encontros nacionais, convivendo com a juventude de outras partes do país.

Desde o início do acampamento, minha família se tornou militante do movimento. Duas das minhas irmãs dedicaram boa parte de seu tempo, contribuindo com as ações do setor de Educação do MST, dessa forma se inseriram em diversos cursos coordenados pelo movimento, entre eles um curso de licenciatura em História na Universidade Federal da Paraíba e outro de magistério na Universidade Federal do Maranhão. Por ser a irmã mais nova e não ter concluído o primeiro e segundo grau fui me inserindo no movimento aos poucos contribuindo no espaço da escola. Assim, iniciei participando de um grupo de teatro da escola, este se tratava de um teatro denúncia, no qual tentávamos mostrar a realidade dos camponeses através da arte. Esse grupo se desfez, por volta de 2010 por vários motivos, dentre eles: a falta de incentivo cultural, a migração de alguns componentes para a cidade, o fato de alguns ter constituído família e assumido outras responsabilidades, dentre outros.

O ingresso no curso de Educação do Campo, em 2011, após problematizar nas pesquisas iniciais, a reprodução do campesinato a partir da luta e da criação dos assentamentos, em conversas com um professor do curso, decidi retomar as atividades do grupo de teatro, pois, passei a enxergar neste, uma forma de mobilização e formação para a juventude nos espaços do campo. Com a ajuda de outros jovens, tentamos mobilizar a juventude e recriar um grupo de jovens da agrovila, para debatermos nossas necessidades e trocarmos experiência com jovens de outras comunidades. No entanto, não se concretizou, não conseguimos estruturar o grupo pela pouca participação dos jovens. E então, com um grupo reduzido, constituímos o grupo de teatro denominado: Rompendo Cercas, com muita dificuldade resiste até hoje, porém, apesar de ter uma abertura para receber jovens como membros, não há tanta procura de outros jovens da agrovila.

Foi esta dificuldade em mobilizar a juventude do campo que motivou a presente pesquisa denominada “Juventude Camponesa: que projetos de futuro?”. O contato com o movimento, com as igrejas tanto católica como evangélica (Adventista do Sétimo Dia) e com o curso de Educação do Campo, me permitiu refletir e me questionar sobre a categoria que estou inserida. Quem são e como estes sujeitos estão organizados na agrovila Nova Conquista? O que estes jovens almejam construir? Para então refletir, sobre estes questionamentos me propus a realizar esta pesquisa. Ressaltando a importância de conhecer e entender os projetos de vida da juventude do campo, pois, a partir do momento que conhecemos esta categoria, podemos construir outras ações com os mesmos, nestes espaços

de atuação no assentamento, contribuindo com a luta constante destes jovens em construir projetos viáveis e sua participação ativa nas lutas sociais, e em saírem da invisibilidade e serem vistos agora não mais como adolescentes que passaram para a fase jovem, mais como uma categoria social e política.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral: Compreender os projetos de vida da juventude na Agrovila Nova Conquista, e problematizar se seus projetos se relacionam com a continuidade ou não da vida no campo. E como objetivos específicos: a) Entender a Juventude Camponesa a partir dos referenciais teóricos que discutem esta categoria social; b) Construir o perfil da juventude, assentados na Agrovila Nova Conquista; c) investigar quais os projetos de vida (principais anseios e perspectivas) apresentados pelos jovens que residem nessa Agrovila, e por fim, d) Apresentar uma proposta de discutir quais as possibilidades de materialização dos seus anseios numa vila rural e se apontam para uma reprodução camponesa ou pela desterritorialização.

Para então dar conta dos objetivos propostos iniciamos o trabalho em outubro de 2014 através do levantamento dos referenciais teóricos que discutem a temática. Após uma leitura e fichamento de autores como Carneiro (2007) e Brumer (2007) nos meses de janeiro e fevereiro de 2015 no período de tempo universidade iniciamos a construção do projeto de pesquisa.

Recorremos a autores como Severino (2007); Alves-Mazzott e Gewandsznajder (1999); Delgado (2006), para ter uma dimensão das metodologias de pesquisa a serem utilizadas. Optamos por utilizar das abordagens quantitativas e qualitativas para dar conta dos objetivos propostos. Sequenciando estas leituras, no mês de abril, reconstruímos o projeto para melhor estruturar a pesquisa, antes de construirmos a pesquisa de campo.

Ainda no mês de abril, iniciamos o planejamento da pesquisa de campo, tendo em vista que a proposta era fazer um levantamento da juventude, na faixa etária de 14 a 30 anos, que reside na agrovila. Fizemos a construção de um questionário fechado a ser aplicado, este questionário tinha o intuito de produzir informações sobre a juventude, desde a escolaridade, estado civil, ocupações e espaços que frequentam. Esse questionário precisou ser revisto nas primeiras experiências de levantamento, após alterações nas questões e de chegarmos a um consenso que estava pronto, iniciamos o trabalho de campo já no mês de maio. Devido residir na agrovila, esta etapa do trabalho não teve complicações, pois, dediquei todo o tempo para execução desta tarefa.

Devido dispor de bastante tempo para esta atividade de campo, conclui a mesma ainda no final do mês de maio, iniciando assim a categorização e sistematização das informações, no mês de junho de 2015. Este foi um momento complexo pela quantidade de informações levantadas nos questionários. Porém, foi um dos períodos da pesquisa que mais me identifiquei, pois, propomos construir o perfil da juventude quantitativamente e esta é uma tarefa que me identifiquei, pois utilizei de ferramentas da matemática que era a área do conhecimento, a princípio, que gostaria de ter cursado, mas não foi ofertada para minha turma. Com muito entusiasmo, conseguimos categorizar as informações dos questionários, concluindo em junho.

Após a categorização, passamos a sistematização e fazer uma leitura da juventude da agrovila, dessa forma, encontramos 152 jovens na faixa etária selecionada. E buscamos, a partir de uma sistematização, fazer entrevista por amostragem, para investigar os projetos de vida desses sujeitos. Para dar continuidade ao trabalho de campo, escolhemos alguns critérios para investigar os projetos de vida da juventude, tais como: jovens que representassem a categoria que participa do MST que destacavam a participação política e o estudo como ferramenta para inserção nas ações da agrovila, os jovens que representassem os solteiros, os casados ou em união estável, pois trazem questões importantes quanto a sobrevivência material e a reprodução da vida, os jovens que trabalham com a agricultura, pois problematizam a continuidade da vida a partir do trabalho na terra e também os jovens que não concluíram a educação básica; mas que se inseriram de diversas formas no trabalho e por isso, tem uma compreensão sobre a constituição de projetos de vida que estão apresentados como reprodução ou não da vida no campo.

Após a análise destes critérios, selecionamos uma amostra de 10 jovens nos quais poderiam buscar seus anseios e projetos de vida, através de uma representação do grupo. As entrevistas foram marcadas posteriormente, foram realizadas nas casas dos entrevistados, em junho e julho e tiveram uma duração média de 30 a 40 minutos.

Voltaríamos em julho de 2015, para realização do oitavo e último tempo universidade. No entanto, as universidades federais enfrentaram uma greve que durou de maio a setembro de 2015. Esse período utilizei para transcrição das entrevistas, momento considerado o mais doloroso na realização do trabalho de campo, tendo em vista, que trabalhar com narrativas orais, mesmo através da análise de conteúdo foi uma atividade muito difícil, construir uma interpretação e categorizar os relatos dos jovens, a partir dos objetivos

propostos ou reconstruir esses, a partir dos critérios que fomos estabelecendo, foi um longo período de análise, leitura e releitura das entrevistas, concluindo em agosto a sistematização.

Após concluir a pesquisa de campo começamos a elaborar as análises e a construção dos capítulos em agosto, retomamos a pesquisa bibliográfica os referenciais que já havíamos fichado. Propomos a construção de quatro capítulos e tivemos como meta a elaboração de um capítulo por mês, iniciando no mês de setembro. Assim o fizemos, iniciamos a escrita do primeiro capítulo no mês de setembro, no entanto, vieram às dificuldades em conseguir dialogar com os referenciais teóricos, revisamos as leituras, voltamos a construção e percebemos a necessidade de leituras que discutissem o MST para então dar conta de entender a constituição histórica da agrovila, recorremos então a pesquisas que tínhamos feito sobre a historicidade da agrovila e para entender a organicidade do MST recorremos a autores como: Caldart (2001) e Fernandes (2008). Durante as leituras voltamos a escrita do capítulo conseguindo uma versão em meados de outubro.

Partimos para a construção do segundo capítulo este concluído no mês de novembro. A estimativa que fizemos de um mês para cada capítulo não deu certo, então chegou o mês de dezembro de 2015 e não havíamos concluído o terceiro e tampouco o quarto.

Em janeiro de 2016, último tempo Universidade da turma 2011, coincidiu com a construção do terceiro capítulo, concluído ainda em janeiro. Seria o tempo de iniciar a escrita do quarto capítulo, no entanto, junto com a orientadora, após rever os capítulos escritos, decidimos não construir o capítulo, mas retomar nas considerações finais do trabalho os anseios e projetos da juventude pesquisada. Dessa forma, a construção da pesquisa se deu no período de outubro de 2014 a fevereiro de 2016, com duração de 17 meses.

Com a construção do trabalho, como um todo apresentamos os seguintes referenciais teóricos: para uma discussão voltada à temática da juventude em um sentido geral utilizamos dos conceitos de Carrano e Dayrell (2013); Fernandes (2008) e fizemos análise do Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE) (2006). Para uma tentativa de compreender como a nossa sociedade está estruturada dialogamos com: Bogo (2005); Iamamoto e Carvalho (2012). Uma discussão específica à juventude rural (camponesa) apresentamos os conceitos dos seguintes autores: Carneiro (2007); Ferrari *et al* (2004); Rosas (2007); Wanderley (2007); Brumer (2007); Castro (2008); Heredia (1979); Carvalho et al (2009); Freire, Castro (2007). Para apresentar a localidade pesquisada devido ter sua gênese ligada ao MST, recorremos a Comparato (2001); Caldart (2001); Fernandes (2008); Medeiros (2009), Loera (2009). Além

dos referenciais teóricos demonstrados acima destacamos que foi de suma importância para a construção da pesquisa os relatos de moradores da comunidade.

Este trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro apresentamos o conceito de juventude com o intuito de conhecer as várias concepções apresentadas e considerando que nesse trabalho, trabalhamos com a faixa etária de 14 a 30 anos, e apresentação da agrovila que foi desenvolvida a pesquisa.

O segundo se trata da construção do perfil da juventude através de uma abordagem quantitativa, onde categorizamos os jovens a partir da faixa etária, sexo, escolaridade ocupação, religião. Mostramos ainda uma possível relação dos dados apresentados com a juventude em um contexto mais geral.

No terceiro capítulo apresentamos através de recortes de entrevistas como a categoria pesquisada enxerga a vivência no campo, se oferece ou não alternativas para uma possível continuidade dos jovens no campo, e por fim, em que consiste os projetos de vida da juventude, relacionando com outras pesquisas sobre juventude. Em conseguinte as considerações finais que retomam as discussões propostas nos capítulos trazendo uma reflexão para os resultados alcançados com a pesquisa além de trazer para a discussão quais as possibilidades de materialização dos projetos da categoria no espaço rural.

Desejamos uma boa leitura e esperamos que este trabalho possa cumprir o papel social de dar uma maior visibilidade aos povos do campo, em especial a juventude, para que estes sujeitos se identifiquem com a localidade que estão inseridos e possam sentir o desejo em dar continuidade aos projetos que seus pais e avós tem construído historicamente.

CAPITULO 01: JUVENTUDE EM DISCUSSÃO

Neste capítulo discutimos o conceito Juventude em um contexto geral a partir da pesquisa bibliográfica, a fim de apresentar que há divergências na construção e não há um conceito único. Buscamos compreender a juventude camponesa e para tanto dialogamos com diferentes autores que tem se debruçado sobre a temática no sentido amplo e específico. Mobiliza-se os autores Carrano e Dayrell (2013); Fernandes (2008). Para uma discussão sobre as políticas públicas de juventude é apresentada as ideias do CONJUVE (2006); a fim de compreender como a sociedade se constitui nos inspiramos nas ideias de Marx e Engels apresentadas por Bogo (2005), Iamamoto e Carvalho (2012). Em relação à temática específica da juventude camponesa, utilizou – se dos autores Malagodi e Marques (2007); Carneiro (2007); Wanderley (2007); Marinho (2007); Carvalho et al (2009).

Imbricada com a temática da juventude camponesa apresentamos a constituição da juventude da Nova Conquista a partir da formação do assentamento com a ocupação a partir da ação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para dialogar com o conceito de ocupação e assentamento tratamos com Comparato (2001), Fernandes (2008) e Caldart (2001) tendo em vista que foi este movimento social que protagonizou a conquista da agrovila, por ultimo, ainda neste tópico é feito uma caracterização da agrovila, lócus da pesquisa, nesta caracterização é utilizado relatos dos camponeses envolvidos no processo, relacionando o processo de conquista da terra com o tema da pesquisa.

Nos últimos quinze anos, o tema juventude vem se tornando alvo de pesquisas em diferentes segmentos, seja: acadêmico, governamental ou mesmo de alguns movimentos sociais. Esta iniciativa se deu pelo fato de que esta é uma categoria considerada “problema” na sociedade, por uma serie de acontecimentos que tem envolvido principalmente estes sujeitos. Dessa forma, esta categoria tem sido vista constantemente pela ótica da negatividade.

Essa imagem convive com outra: a juventude vista como problema. Os índices alarmantes de violência, principalmente os homicídios, o tráfico de drogas, o consumo de álcool e outras drogas, a ameaça da AIDS e a gravidez na adolescência são fenômenos que contribuem para cristalizar a imagem da juventude como um tempo de vida problemático (CARRANO; DAYRELL, 2013, p. 11).

Essa imagem negativa da juventude dá luz ainda mais a invisibilidades desta categoria, provocando a diminuição da importância desta fase da vida. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a juventude Brasileira de 15 a 29 anos é composta por 49 milhões de pessoas, representando 27% da população. Os dados

demonstram que estes sujeitos representam uma grande parcela da população, ou seja, é enorme o número de jovens que constantemente são considerados problemas pelos motivos apresentados anteriormente.

Os dados que seguem, demonstram um comparativo das principais mazelas que assolaram a juventude nos anos de 1996 e 2011.

- A taxa de homicídios da população total, que em 1996 era de 24,8 por 100 mil habitantes, cresceu para 27,1 em 2011.
- A taxa de homicídios juvenis, que era de 42,4 por 100 mil jovens, foi para 53,4.
- A taxa total de mortes em acidentes de transporte que em 1996 era de 22,6 por 100 mil habitantes cresceu para 23,2. A dos jovens, de 24,7 para 27,7.

O fato desta série de problemas citados acima estar relacionado com algumas ações dos jovens, os coloca na condição de marginais e irresponsáveis pela sociedade. A juventude tem sido vista como uma “idade problema”, por esta série de fatores apresentados anteriormente, este tipo de classificação deixa ainda mais claro a invisibilidade da categoria.

A juventude considerada como um problema reduz a importância desse momento da vida desses sujeitos, a forma como a sociedade apresenta os jovens inibe o desenvolvimento social, cultural e político dos mesmos. Enxergar a juventude pela ótica da negatividade é o mesmo que exterminar a importância desta categoria social.

Nesse sentido, não há como falar de juventude sem antes entender em que espaços estes sujeitos estão inseridos, assim, não há como responsabilizar os jovens por uma série de problemas que antes de tal sujeito chegar a uma determinada faixa etária já existia. É uma explicação simplista culpar a juventude pelos acontecimentos citados anteriormente, tendo em vista que existe uma série de fatores que estão relacionados. É necessário avaliarmos que existe uma demanda almejada pelos jovens que precisa ser cumprida e respeitada, e que todos estes problemas citados acima podem ter surgido de demandas não atendidas. É necessário que esta categoria seja vista como sujeitos de potencialidades, de participação e também de produção.

Tendo em vista a sociedade capitalista e desigual que estamos inseridos é necessário analisar uma série de fatores para tratar do tema juventude. Nessa perspectiva, não há como afirmar que a categoria é um problema sem conjunturar o espaço que estes sujeitos se encontram. A juventude vive em um contexto de confrontos, onde a classe trabalhadora entra constantemente em conflito com a classe capitalista dominante, dessa forma, Bogo (2005) inspirado nas ideias de Marx e Engels, afirma que: “a história de todas as sociedades até agora

tem sido a história das lutas de classe [...] Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos [...]” (BOGO, 2005, p.84).

O capitalismo desapropria os sujeitos de seus projetos individuais e sociais, destrói a possibilidade desses sujeitos se reproduzir em determinado espaço. A sociedade capitalista com seu meio de produção expropria os sujeitos, provoca seu isolamento e individualismo onde cada sujeito só dá importância a sua própria vida. A classe capitalista com seus meios de alienação induz os seres humanos a se adaptar a seus meios de trabalho. Dessa forma, através do “capital, supõe o monopólio dos meios de produção e de subsistência por uma parte da sociedade – a classe capitalista - em confronto com os trabalhadores desprovidos das condições materiais necessárias a materialização de seu trabalho” (IAMAMOTO; CARVALHO, 2012, p. 42). Dessa forma, o capitalismo se constrói no consumismo, onde, determinadas realizações humanas só se concretizam no ato de consumir. “Para sobreviver, o homem precisa produzir os seus meios de subsistência e, para isso, tem que dispor dos meios necessários à sua produção” (IAMAMOTO; CARVALHO, 2012, p. 45).

Neste cenário, a vivência da juventude se torna difícil, tendo em vista que esta é uma categoria que está sempre em busca de oportunidades, e esta acaba se tornando uma sociedade de falta de acesso, pois, neste modo de produção existe uma alta concentração de riqueza nas mãos da burguesia, enquanto o que sobra para o restante da sociedade é a falta de alternativas para uma possível continuação da vida humana. Esta falta de alternativas tem deixado cada vez mais a juventude à margem e o que tem restado para estes sujeitos (não só para os jovens) são apenas os espaços periféricos, sem oportunidades.

Dessa forma, não podemos considerar os estereótipos aplicados à juventude, é necessário conhecer esta categoria em todos os seus aspectos.

A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida (CARRANO; DAYRELL, 2013, p. 14).

Para a sociedade, a juventude é considerada um grupo populacional de determinada faixa etária, que carrega características que precisam ser mudadas. A *grosso modo* a juventude é conhecida como uma fase de aprendizagem, de experiência para vir futuramente a ser adulto. No entanto, esta forma de classificação não permite que se considere e/ou conheça o verdadeiro sentido do ser jovem.

Para entender a juventude é necessário mobilizar uma série de conhecimentos acerca da categoria, assim, o conceito de juventude pode ser variado ao longo dos tempos e se difere dependendo da sociedade que se discute, possui significados distintos a partir de quem conceitua. Nessa perspectiva, não é algo homogêneo, estático, pois pode ser construído em diferentes cenários, dependendo das relações sociais existentes. Assim, não existe um único conceito de juventude, pois devido sua complexidade é necessário mobilizar uma série de fatores para dar conta de compreendê-lo.

Há distintas tentativas de definir a juventude, a idade tem sido a principal delas. Fernandes (2008) diz que “do ponto de vista demográfico os jovens são, principalmente, um grupo populacional que corresponde a uma determinada faixa etária que varia segundo contextos particulares, mais que, geralmente, está localizada entre 15 e 24 anos”. Em outra categorização feita pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), diz que “a juventude é uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária, que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos”. Ainda segundo Fernandes (2008) [...] “Em outro exemplo de categorização, as políticas públicas de fomento aos jovens trabalhadores do meio rural, a caracterização se altera para pessoas de 16 a 29 anos, com outros elementos de qualificação, com a condição de “filho” na família”.

As definições acima demonstram um caráter homogeneizador da categoria juventude, onde a idade é vista como principal meio de definição. No entanto, este não deve ser o único critério que define a juventude, tendo em vista que a complexidade da categoria vai muito além da faixa etária.

De modo geral, a juventude é entendida apenas como um período da vida em que as pessoas estão entre a infância e a vida adulta, o fim da adolescência, é o período da mocidade. No entanto, este conceito não se pode restringir apenas à idade, há diversos elementos que é necessário mobilizar para a compreensão do termo.

[...] Ao mesmo tempo, a idade não é o único critério definidor da categoria juventude, mais ela é construída a partir de ‘arbitrários culturais e regras socialmente construídas, que determinam em que momento e por meio de quais rituais de passagem se muda de uma fase da vida para outra. Assim variam as idades cronológicas’ (Novaes e Vannuchi, 2004:10). Apesar de diversamente concebida, a juventude é, em qualquer sociedade, um momento de crise individual e do grupo, mas também de empenho entusiástico e de construção de projetos de vida [...] (MALAGODI e MARQUES, 2007, p. 198).

Os autores vêm reforçar a ideia de que, o conceito de juventude, não é algo simples, mais algo de difícil definição. É algo construído socialmente, um momento de crise e de

elaboração de projetos de vida. Assim, para esta tarefa de definição é necessário considerar uma série de fatores que não se restringe apenas a idade.

Se analisarmos a idade como único critério definidor do conceito de juventude estaremos dando ênfase a uma hierarquia social, assim, constrói - se uma barreira entre a juventude e a velhice. Cria - se uma separação entre as duas categorias, na qual, é concebido aos mais velhos um status de poder sobre os mais novos (BOURDIEU, 2008, citado por, FERNANDES, 2008). Este critério, dá luz a uma definição conservadora onde a juventude é considerada como uma fase de imaturidade, de inexperiência, de irresponsabilidades, considerados como sujeitos em formação que necessitam ser acompanhados e/ou disciplinados.

Não há como delimitar através da idade, o início e tampouco o fim da juventude, pois, esta é uma fronteira inalcançável, que não se restringe apenas a este fator. Os fatores limitantes deste conceito vão muito além de faixa etária, de gênero, de comportamentos ou de maturidade. Para esta compreensão, é necessário primeiramente entender que não se trata de um simples conceito como estes que aparecem nos dicionários, ou estes criados pelos órgãos governamentais, é preciso compreender que é necessário mobilizar uma gama de elementos não para conceituar, mas para conhecer esta categoria.

Carrano e Dayrell (2013) apresentam um estudo sobre a juventude, no qual diz que: “[...] não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural em que se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem”. Nessa perspectiva, tratar de juventude é considerar que existem vários sujeitos e que não há como homogeneizar o conceito.

Entretanto, o conceito de *juventude* (grifos do autor) é marcado pela diversidade que essa categoria social possui, pois não existe uma *juventude*, e sim *juventudes* que precisam ser vistas além dos cortes etários. Um horizonte importante de ser seguido para evitarmos a homogeneização desse conceito (MARINHO, 2007, p. 28).

Nesse sentido, para além de tentar conceituar a juventude, é necessário considerar estes sujeitos como agentes sociais que outrora são, dessa forma, não há como conceitua-lo considerando simplesmente a faixa etária, é necessário avaliar uma série de questões importantes para esta definição. É necessário que se considere o espaço em que esta categoria está inserida, as relações que estes constituem e acima de tudo as particularidades de cada um desses sujeitos.

A juventude é o período em que os indivíduos começam delimitar seus projetos, [...] “caracteriza-se por um momento em que as respostas sobre as trajetórias individuais ainda não

estão muito definidas, um período em que a experimentação norteia as ações das pessoas em seus processos de inserção nos diversos mundos sociais” (CONJUVE, 2006, p. 21), um período de inquietações e indagações acerca das perspectivas e anseios de vida, de descobertas, de curiosidades, de busca e paixão pelo novo.

De maneira geral, a juventude carrega uma série de experiências individuais e/ou coletivas que precisam ser consideradas. Neste sentido, ser jovem vem significar uma explosão de pensamentos, desejos, encantos, surpresas, emoções e ideias acerca desse novo período da vida.

Enfatizando a juventude camponesa que é o tema da pesquisa, percebe-se que além de ser o momento de buscas e descobertas, é também um momento de crise, não somente sobre as suas particularidades, mais também sobre os seus espaços de inserção. Devido o campo (o rural) ser constantemente considerado como um lugar de atraso, de perda ou de não desenvolvimento, os jovens desses espaços tem cada vez mais se indagado sobre esta fase de suas vidas. [...] “Além do quê, constitui-se para os atores concretos num momento privilegiado de construção dos projetos de autonomia pessoal” (MALAGODI e MARQUES, 2007).

Para estes sujeitos, além de lidar com esta fase de formulação de projetos de vida, lidam também com o preconceito aplicado sobre o rural, que o coloca à margem, como uma oposição ao urbano.

Durante muito tempo o rural foi (e é ainda para muitos, como para o IBGE, por exemplo) definido em oposição ao urbano e associado às ideias de atraso, de escassez ou de falta, o que normalmente evoca uma avaliação negativa e de inferioridade em relação ao seu oposto, o urbano (CARNEIRO, 2007, p. 55).

A invenção dessa fronteira entre o rural e o urbano (campo e a cidade), provoca significados profundos na juventude, tendo em vista que neste período as tomadas de decisões desses sujeitos também estão interligadas com o fato de permanecer ou sair do campo. Essa categoria social, nesta fase da vida, entra em confronto não só com os projetos individuais, mais também com o espaço que estes possíveis projetos serão executados. O campo, da forma como é apresentado (um lugar de atraso), destrói as possíveis possibilidades destes sujeitos dar continuidade aos seus projetos e também de suas famílias.

A visibilidade que é dada ao urbano, como um lugar de desenvolvimento, um lugar de oportunidades, provoca na juventude, em especial, um desejo de conhecer o desconhecido, um desejo de acompanhar o desenvolvimento da sociedade, de frequentar espaços maiores e mais “descolados”. No entanto, o que algumas pesquisas como o Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatísticas (IBGE) tem demonstrado é uma imagem distorcida e manipulada do rural.

[...] A população rural brasileira se encontra, em sua maioria, nos pequenos municípios, onde, frequentemente é mais numerosa do que a população urbana local. Considerando as distinções oficialmente adotadas pelo IBGE, entre meio urbano e meio rural, este apresenta três características fundamentais: o habitat disperso, a dependência em relação à sede municipal ou outra cidade próxima e a precariedade a bens e serviços socialmente necessários, inclusive o acesso a ocupações não agrícolas. Esta situação afeta profundamente os jovens rurais, tanto em sua vida cotidiana, quanto no que se refere às suas possibilidades futuras (WANDERLEY, 2007, p. 23).

O que Wanderley (2007) enfatiza, vem mostrar que os sujeitos do campo passam constantemente por uma série de dificuldades que os coloca à margem da sociedade. A juventude principalmente, como componentes deste cenário tem sofrido cada dia mais com esses problemas. A falta de políticas públicas voltadas à educação, saúde e lazer tem dificultado a vivência desses jovens no campo. A falta de apoio cultural e de ampliação dos espaços de socialização tem colocado esta categoria na qualidade de atrasados, desatualizados e sem informação. Nessa perspectiva, segundo o CONJUVE (2006, p. 31) [...] “é preciso garantir que a juventude possa conhecer os mais variados tipos de manifestações culturais, enfrentando o problema do acesso e dos custos, e que seja garantido um acompanhamento (palestras, cursos etc.) para que a fruição seja possível”.

São estes fatores que tem cada vez mais influenciado na permanência ou não desses sujeitos no campo, à falta de alternativas no campo tem influenciado cada vez mais na tomada de decisões desta categoria.

Neste contexto, o estudo da juventude rural supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens e à sua inserção na sociedade. Por outro lado nesses espaços, a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dinâmica temporal: o passado das tradições familiares - que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro [...] (WANDERLEY, 2007, p. 23).

A primeira dinâmica apresentada pela autora traz um aspecto bastante relevante na tomada de decisões da juventude camponesa: a família. Este fator é de suma importância na vida desta categoria camponesa, tendo em vista que as primeiras decisões destes sujeitos são tomadas ainda no seio da família, esta, influenciando ou não em tais decisões. Ainda segundo a autora “a vida cotidiana dos jovens é fortemente marcada pelas suas relações com a família e com a comunidade local”. É neste espaço que os jovens constroem os mais diferentes laços

de afetividade, é este o espaço de sociabilidade, é a estrutura deste espaço que permite ou não a reprodução destes sujeitos enquanto camponeses. E por fim, a cidade, um espaço diferente da realidade da juventude camponesa, mas que atrai estes sujeitos com a ideia de um possível desenvolvimento, de uma possível transformação da vida pessoal.

Discutir a realidade da juventude rural hoje implica um olhar mais atento às suas lutas, sonhos e angústias. Significa pensar nos problemas e nas perspectivas possíveis para essa parcela de jovens que se vê na fronteira entre manter-se no campo ou migrar para os centros urbanos à procura de melhores condições de vida (COSTA; RALISCH, 2013, p. 418).

No entanto, as pesquisas voltadas a juventude do campo interpretam que tem sido cada vez maior a taxa de migração dos jovens para as cidades, em busca de oportunidades que no campo não são oferecidas, o que acarreta uma série de problemas, pois ao chegar nestes espaços se defronta com uma dura realidade de pobreza e violência.

Por outro lado, a falta de incentivo à agricultura camponesa tem sido outro fator que tem influenciado na tomada de decisões da juventude camponesa e na construção de seus projetos de vida. De maneira geral a agricultura é considerada um grande potencial capaz de criar condições de trabalho e sobrevivência no campo. Assim, as perspectivas de trabalho, geralmente são voltados à agricultura, porém além de não está mais tão presente pela falta de incentivo, existe uma parcela de jovens que não se identifica com esta atividade, de forma a não exercer a mesma junto da família.

[...] novas atividades, não necessariamente relacionadas ao setor produtivo agrícola como, por exemplo, as de serviço associados ao turismo, incorporariam novas relações de trabalho, trazendo com elas novas práticas como, por exemplo, a remuneração mensal, o direito a férias e finais de semanas remunerados, seriam alguns dos estimuladores de novos valores que afetariam, sobretudo, os projetos dos jovens rurais no que diz respeito ao trabalho – afastando – os, por exemplo, do trabalho agrícola – e ao consumo e ao lazer (CARNEIRO, 2007, p. 60).

Em contrapartida existem os jovens que trabalham com a agricultura e que desejam dar continuidade ao trabalho que seus pais iniciaram, e ainda aqueles que apesar de não exercerem a agricultura se identificam com a vivência no campo e classificam este como um lugar bom de se viver.

Mesmo não relacionando seu futuro à agricultura, muitos jovens preferem continuar morando na localidade rural, mais sem abrir mão do acesso à educação e a novos campos de conhecimento, como a informática, por exemplo, que permitiria abrir as janelas do mundo rural para um universo desconhecido e ilimitado (CARNEIRO, 2007, p. 63).

Além da busca pelo trabalho, a demanda da juventude camponesa também trilha pelo caminho da educação, pois, alguns jovens acreditam que por meio dela podem concretizar um projeto de vida deferente da reprodução camponesa. No entanto, o que tem sido visto na maioria das comunidades camponesas é a falta da educação formal, o que prejudica diretamente estes sujeitos que tem que se deslocar de suas comunidades em busca desse acesso, ou dependendo das condições da família, permanecer com a falta de acesso.

Historicamente, a sociedade brasileira se trata de uma sociedade desigual, onde, é negada à classe oprimida o direito principalmente do acesso à educação, produzindo assim o analfabetismo em larga escala. “Com efeito, em plena segunda década do século XXI a sétima economia do mundo em produção de riqueza mantém mais de 13 milhões de analfabetos absolutos” (FRIGOTTO, 2014, p. 53). O alarmante número é reflexo de um país desigual, onde, é negado principalmente aos jovens e adultos (sujeitos responsáveis pela produção de riqueza no país), o direito a educação e de qualidade.

Dessa forma, várias categoriais sociais, e dentre eles, os sujeitos do campo sofrem constantemente com esta falta de apoio a educação. É alarmante o numero de escolas fechadas no campo, só nos últimos onze anos foram fechadas mais de 37 mil escolas. Os números demonstram cada vez mais a invisibilidade dos sujeitos do campo. Com o fechamento das escolas aumenta a necessidade dos jovens do campo ter que se deslocar para as cidades em busca da educação. Segundo Frigotto (2014) “aproximadamente 18 milhões de jovens entre 15 e 24 anos estão fora da escola. Isto equivale à metade da juventude brasileira considerada esta faixa etária”. Nesse sentido, ao se deslocar para os municípios em busca da educação, a juventude se confronta com uma realidade diferente da qual estão inseridos, iniciam a vivência da dicotomia entre campo e cidade podendo despertar o desejo de viver uma vida diferente da que estão acostumados.

Nesse sentido, tem sido cada vez maior a quantidade de estudiosos que se propõem a estudar esta categoria social, a fim de dar mais visibilidade para estes sujeitos que constantemente vem sendo esquecidos na sociedade. As pesquisas se voltam a diferentes problemas enfrentados pela juventude, são eles: juventude rural e trabalho, juventude rural e educação, migração da juventude para as cidades e posteriormente perspectivas da juventude rural. Essas temáticas têm sido mais exploradas nas pesquisas acadêmicas, e é seguindo esse desejo de dar mais visibilidade a estes sujeitos que a presente pesquisa se constitui.

Dessa forma, o tópico que segue vem apresentar como se deu a formação histórica da Agrovila Nova Conquista atrelada ao MST. Este tópico traz as contribuições dos seguintes

autores: Comparato (2001); Fernandes, Medeiros, Paulilo (2009); Fernandes (2008); Caldart (2001). Em consequente é possível analisar relatos de moradores apresentando a relação da juventude com a construção da agrovila e como estes sujeitos estão inseridos neste processo.

1.2 O MST E A CONSTITUIÇÃO DA AGROVILA NOVA CONQUISTA NO CONTEXTO DA LUTA PELA TERRA

O tópico que ora apresentamos trata de como se deu a constituição da Agrovila Nova Conquista a partir da luta do MST, para este tópico utilizamos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, que se constitui a partir de entrevistas com os moradores que não se enquadram na faixa etária adotada por este trabalho, mas que em sua maioria fizeram parte da luta pela conquista da agrovila desde as primeiras reuniões.

Na história da luta pela terra no Brasil existem relatos de várias revoltas camponesas. Na década de 1960, por exemplo, é possível encontrar algumas dessas revoltas de luta e resistência. “A ação das Ligas Camponesas, nos anos 60 concentrou - se no Estado de Pernambuco e adjacências. O mesmo aconteceu com Canudos, no final do século XIX, e com o Contestado, no começo do século XX, que ficaram restritos ao nordeste da Bahia e ao oeste catarinense” (COMPARATO, 2001, p. 2). No entanto, estas organizações de luta pela terra não se expandiram pelo país, se restringindo apenas em algumas regiões específicas.

Com o passar dos anos, em meados de 1970 várias outros movimentos de luta pela terra foram surgindo em todo o país, se expandindo agora em todas as regiões. Estes movimentos tiveram várias reivindicações na pauta, uma das principais era a implementação de uma Reforma Agrária.

Desde o final dos anos 70, as lutas no campo tiveram um papel central tanto no processo de redemocratização do país, quanto para colocar na pauta política temas que muitos consideravam desatualizados (caso da reforma agrária) ou questões que emergiam de forma embrionária (a preservação ambiental) (FERNANDES; MEDEIROS; PAULILO, 2009, p. 23).

Nessa década se tornou mais forte o debate sobre a Questão Agrária, tendo em vista que esta passou a ser uma das principais reivindicações de alguns movimentos sociais. Dessa forma, para Fernandes (2008, p. 74): “[...] a questão agrária é então uma questão territorial e a reforma agrária é a face dessa dimensão”. São inúmeros os movimentos sociais que

protagonizam a luta pela a Reforma Agrária, dentre estes movimentos está o MST, que desde a sua gênese busca constantes transformações para a sociedade.

O MST teve sua gênese no final da década de 1970 com as primeiras reuniões, no entanto, seu nascimento só se tornou oficial em 1984 com o primeiro encontro nacional de Trabalhadores Sem Terra, na cidade de Cascavel, no Paraná. Nessa perspectiva, “o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil” (CALDART, 2001, p. 207).

Diferente das ações de luta pela terra dos anos 1960, citadas anteriormente, o MST se expandiu por várias regiões do país como fruto da articulação de vários movimentos de luta pela terra. Dessa forma, os principais objetivos do movimento definidos ainda no primeiro encontro nacional de 1984, “é lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade” (CALDART, 2001, p. 207). Como meio de luta pela terra, o MST criou varias estratégias, dentre elas, a ocupação do latifúndio.

A ocupação significa o primeiro passo para concretização do sonho de ter um espaço para se reproduzir socialmente, um espaço para trabalhar, para o sustento da família, enfim, para sobreviver. Com a ocupação inicia - se a territorialização dos camponeses, onde, passam a ocupar um espaço de direito que por conta da organização política do país lhes foi negado. Estes espaços recebem diferentes sujeitos, com iguais objetivos, o de ter um espaço para uma nova forma de organização social. É nesse novo território que se inicia um novo processo de sociabilidade, de trabalho e de companheirismo.

Segundo Caldart (2001, p. 208), “o MST reafirmou a ocupação do latifúndio como a principal forma de luta pela terra, e a mobilização em massa dos sem-terra como o jeito de fazê-la”. Nessa perspectiva, percebe – se que só é possível romper as cercas do latifúndio com a participação em massa da classe trabalhadora.

Os anos de 1990 foram marcados por varias ocupações protagonizadas pelo MST, nesta década a territorialização camponesa se fez presente em vários cantos do país, assim, se intensificou a criação de acampamentos e assentamentos.

A luta pela terra, por meio das ocupações, cresceu mais intensamente a partir da primeira gestão do governo FHC. As duas gestões deste governo são marcadas por diferentes políticas de reforma agrária. Na primeira gestão, o governo FHC apostou que eliminaria a questão agrária com a realização de uma ampla política de assentamentos. Foi o período em que mais se assentou famílias (FERNANDES, 2008, p. 78).

Na gestão de Fernando Henrique Cardoso (FHC) que durou oito anos se intensificou o número de ocupações no país, dessa forma, na primeira gestão que se iniciou no ano de 1995, ocorreram 1.987 ocupações protagonizadas por 301.908 famílias, como se observa na tabela apresentada por Fernandes (2008).

Tabela 1
Brasil. Ocupações de terra 1985-2006

Governo	Ocupações	%	Famílias	%
Sarney (1985-1989)	229	3	34.333	3
Collor/Itamar (1990-1994)	507	7	82.600	8
FHC (1995-1998)	1.987	28	301.908	29
FHC (1999-2002)	1.991	28	290.578	28
Lula (2003-2006)	2.387	34	343.958	33
Total	7.101	100	1.053.377	100

FONTE: DATALULA 2008 apud FERNANDES 2008, p. 79.

Os dois governos de FHC foram marcados por um número muito grande de ocupações como mostra a tabela acima, foram 3.978 ocupações protagonizadas pelos camponeses. O MST intensificou o que considera a principal forma de luta pela terra, o que para a classe trabalhadora significa o início da conquista de seu espaço de reprodução. Para, além disso, segundo Fernandes (2008, p. 78-79), “Foi o período em que mais se assentou famílias. Todavia, a questão agrária se manteve exatamente por causa de seu caráter estrutural”. Nesse período reascendeu a esperança de ver a reforma agrária acontecer devido o grande número de assentamentos criados, ou seja, o grande número de famílias assentadas (observe a tabela que segue).

Tabela 2
Brasil. Reforma agrária 1985-2006

Governo	Assentamentos	%	Famílias	%	Hectares	%
Sarney (1985-1989)	800	11	122.598	16	8.248.899	17
Collor/Itamar (1990-1994)	461	7	61.825	8	4.485.953	9
FHC (1995-1998)	2.211	31	240.819	31	10.706.365	22
FHC (1999-2002)	1.712	24	149.140	19	7.296.429	15
Lula (2003-2006)	1.879	27	192.257	25	17.092.624	36
Total	7.063	100	766.639	100	47.830.270	100

FONTE: DATALULA 2008 apud FERNANDES 2008, p. 79.

É importante ressaltar, que o número de famílias assentadas é distribuído entre vários estados do país, dessa forma trazemos como marco nesse período a ocupação do território que se encontra a Agrovila Nova Conquista, no estado do Maranhão, esta se encontra entre as ocupações que ocorreram no período de 1995 a 1998, início da primeira gestão de FHC (como mostra a tabela acima).

A ocupação da área na qual a agrovila se encontra se deu no segundo ano do primeiro mandato de FHC. Foi neste período que aconteceu a ocupação do território denominado hoje Projeto de Assentamento Açailândia (PA Açai), no município de Açailândia e estado do Maranhão.

Dessa forma, a cidade de Açailândia faz parte dos 217 municípios do estado do Maranhão, situada as margens da BR – 010 (Belém – Brasília) e da BR – 222 (Imperatriz – Santa Inês). O município está localizado há aproximadamente 600 km da capital São Luís e setenta quilômetros da cidade de Imperatriz.

O processo de ocupação do município iniciou – se a partir da construção da BR 010, no entanto, sua emancipação política só aconteceu em 06 de junho de 1981. Em seu estagio inicial a cidade era marcada por uma alta quantidade de açazais que fazia parte de sua paisagem natural, o que levou a ser chamada de Açailândia. Segundo o senso do IBGE 2010, a população do município é de 101.022 habitantes.

O processo histórico da Agrovila Nova Conquista, localizada no município de Açailândia é marcado pela participação da juventude na consolidação do assentamento. Estes protagonizaram a luta pela conquista da terra. A ocupação da área onde se encontra a agrovila se iniciou com o trabalho de base principalmente nas periferias de Açailândia e Imperatriz,

este se iniciou no ano de 1996 coordenado pelos militantes do MST. Loera (2009) discorre sobre como se dá o processo de ocupação.

O planejamento para realizar uma ocupação de terras começa meses antes de acontecer. Militantes, acampados e assentados se deslocam pelo interior do país, principalmente nas periferias das cidades e bairros rurais, fazendo *trabalho de base*. Esse é o termo usado para descrever o convite que é feito para que as pessoas participem das *reuniões da terra* e, posteriormente, participem da ocupação (LOERA 2009, p. 75).

O trabalho de base apresentado pela autora tem a finalidade de convidar pessoas para conhecer o processo de ocupação e só assim se inserir na ação. O relato que segue demonstra a importância da organização do MST através do trabalho de base para o processo de ocupação, e que para iniciar a ocupação é necessário primeiramente uma organização e preparação das famílias.

Eu acho que um dos trabalhos mais importante foi o trabalho de base e organização das comunidades, das pessoas para a ocupação nessas cidades que a gente vivia na época, é quando surge esse movimento e essas expectativa da gente consegui um pedaço de terra e nessa terra viver bem e viver melhor (Morador 1, entrevista concebida em 2013).

Após se iniciar o trabalho de base, com a organização do MST, no dia 25 de março de 1996, cerca de 800 famílias decidiram ocupar o latifúndio da fazenda Califórnia localizada as margens da BR 010, município de Açailândia, rumo a cidade de Imperatriz.

Primeiro ocupamos a fazenda Califórnia, depois fomos despejados pela ação da justiça, acampamos na beira da estrada lá no Assentamento Criminosa. Ficamos lá por três meses até ser liberado as áreas da SUDAM¹ que é a atual PA Açai, que vivemos hoje e ficamos definitivos a participar é... desse processo de assentamento (Morador 1, entrevista concebida em 2013).

Segundo o morador, a primeira ocupação que fizeram não teve muito sucesso, as famílias foram despejadas no início do processo, continuando a fala do morador, não desistiram, mudaram o acampamento para uma área vizinha denominada fazenda criminosa. Neste espaço ficaram por alguns meses, assim, foi liberada a área da SUDAM onde se encontra o atual PA Açai. O assentamento possui uma área de 23.3240725 (vinte e três mil trezentos e vinte e quatro hectares, sete ares e cinco centnares). Após a conquista da terra, iniciou-se o debate sobre a organização do espaço.

Nessa perspectiva, após a conquista da terra a questão era de como dividir o espaço do PA Açai, tendo em vista que o número de famílias era grande, na época eram 800 famílias.

¹ Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

A discussão central foi se era necessária a criação de agrovilas, ou cada família moraria em seu lote?

É... algumas pessoas defende a necessidade de o Assentado morar em seus lotes, mas, há a questão da infraestrutura por exemplo é... pra se cavar é... Pra, pra se fornecer água pras famílias individualizados no lote, no caso do Assentamento Nova Conquista era necessário um poço artesiano para cada família, isso inviabilizaria a moradia da pessoa nos seus lotes, com a formação da agrovila é, posto de saúde, escola, energia, água, tudo se facilita, e fica muito, muito mais fácil pra se conseguir, porque nesse caso beneficia a todos que moram no Assentamento. (Morador 2, entrevista concebida em 2011).

O debate sobre a divisão do espaço ficou dividido entre os acampados, alguns defendiam a importância de morar no lote, outros a importância da criação de agrovilas. Dessa forma por conta dos motivos apresentados acima pelo morador, decidiram dividir o Assentamento PA Açaí em cinco áreas. Estas áreas foram denominadas agrovilas, são elas: Macaúba, Sudelândia, Nova Vitória, Conquista da Lagoa e Nova Conquista local da presente pesquisa.

As 800 famílias foram divididas entre estas cinco áreas, a Agrovila Nova Conquista, conhecida como Assentamento Nova Conquista, está situada dentro do PA Açaí há aproximadamente trinta quilômetros das margens da BR 010 (Belém - Brasília). A Agrovila, locus da pesquisa, se constitui ainda em 1996, com cerca de 160 famílias acampadas. A sua constituição foi marcada pela relação de afetividade e companheirismo entre os trabalhadores, onde todos tiveram participação em peso, na construção dessa nova realidade.

[...] no tempo que nós tava em revolução dos barracos, a coisa era melhor porque todo mundo era amigo, abastava bater assim numa enxada (PAN, PAN) todo mundo tava ali colado se acontecesse uma coisa com um, sendo de dentro mermo, sendo de dentro do... Como é que a gente fala? De dentro do grupo que é uma família mermo né, a gente levava jeito, se fosse algum de fora o causo era mais feio (Morador 3, entrevista concebida em 2011).

O morador três apresenta a união e o companheirismo existente no período do acampamento como algo positivo, a partir de seu relato é possível perceber que os problemas do acampamento eram resolvidos pelos próprios acampados. Estes problemas se restringiam principalmente a infraestrutura tendo em vista que era o início do processo e muita coisa faltava.

[...] havia muita dificuldade, por exemplo, as casinhas eram mais simples, chovia e molhava muito. A água era uma das dificuldades maiores que tinha, a gente tinha que se locomover pra longe pra poder encontrar água nas fazendas vizinhas, e já tinha alguns professores que ensinavam voluntariamente, as crianças, e assim a gente ia superando as dificuldades, que eram muitas, inclusive, financeiramente falando (Morador 4, entrevista concebida em 2011).

As dificuldades apresentadas pelo morador, se tratam de dificuldades estruturais, essas só foram sanadas com a implementação de políticas públicas posteriormente. No entanto com a intenção de amenizar os problemas as famílias eram divididas em núcleos, como: saúde, infraestrutura, segurança, comunicação e etc. É importante salientar que neste processo de luta, a participação da juventude foi muito significativa, tendo em vista que foram estes sujeitos que fizeram frente nos mais diferentes segmentos. Um exemplo claro a ser citado, é a presidência da associação de agricultores que na época foi assumida por um jovem de aproximadamente 18 anos. A este jovem era imbuída à tarefa de coordenar juntamente com a associação: reuniões, festas comemorativas, projetos e etc.

Desde a sua gênese, a preocupação dos representantes era em relação a educação, devido ter um numero grande de crianças, adolescentes e jovens a demanda de urgência era uma escola que atendesse a necessidade desses sujeitos.

[...] quando se cria os assentamentos, que hoje a gente já tá discutindo a questão dos assentamentos, na organização dos assentamentos deve ser pensada a juventude em todos os aspectos, no aspecto cultural, no aspecto da produção e outros aspectos, no entanto, por exemplo, aqui no assentamento o que foi pensado pra juventude à principio, à priores, foi a questão da educação, né (Morador 5, entrevista concebida no ano de 2011).

O relato do morador demonstra que a demanda de luta dos trabalhadores não é só por terra, que após a conquista da terra se faz necessário lutar pela educação. Dessa forma, na agrovila em questão, ainda sem uma infraestrutura adequada para as aulas, estas aconteciam em barracos de lona, ou embaixo de arvores. No entanto, mesmo que de forma improvisada a escola significava para as famílias o lugar de inserção das crianças e jovens. Ainda o relato acima demonstra que não foi pensado um projeto específico para a juventude, que a bandeira de luta para estes sujeitos na agrovila seria a educação.

Assim, com o passar do tempo, já com a conquista do assentamento, no ano de 1999, foi construído o primeiro prédio da escola denominada Escola Municipal Oziel Alves, esta com apenas duas salas de aulas. Diante da conjuntura da agrovila, a escola teve um papel fundamental, no incentivo e na inserção da juventude no âmbito social, político e cultural. Era no espaço escolar, que estava as mais diferentes atividades de inclusão da juventude. Desde sua organização, os jovens foram protagonistas de diversas iniciativas como, por exemplo, estiveram massivamente presentes nas mobilizações que visavam a garantia das políticas públicas da comunidade, desde a energia elétrica, poço artesiano, saúde até a infraestrutura.

Em questões políticas, a instituição escolar foi palco de diversas discussões e debates envolvendo as questões agrícolas, por meio de alguns projetos, onde o principal objetivo seria

trabalhar diferentes temáticas voltados a problemas sociais (desarmamento, lixo, política, sexualidade, entre outros.).

Entre as principais iniciativas da escola estão às atividades culturais, que sempre estiveram presentes nesse espaço e eram imbuções da juventude, seja na organização ou na representação em datas comemorativas (como o dia dos pais, mães, dia das crianças, festas juninas, paixão de cristo, sete de setembro, entre outros), ou nas atividades culturais com apresentações dentro da própria escola, bem como no momento de formatura e mística antes das aulas.

O forte vínculo da escola e da comunidade com o MST proporcionou uma educação diferenciada aos educandos da comunidade e também a própria comunidade em si, tendo em vista que a escola era o principal espaço dentro da Agrovila responsável pela inserção dos alunos e da comunidade. A juventude neste início de assentamento representava a luta por melhores condições de vida, tendo em vista que estes sujeitos estavam inseridos em praticamente todas as manifestações de luta em prol do bem da comunidade.

Apesar de todos os benefícios trazidos com a construção da escola, é importante ressaltar que este espaço não pode e não deve ser considerado como um lugar “santo” que serve para mudar a realidade da juventude, para dar um novo significado na vida dos filhos dos assentados, é importante salientar que existem outros espaços para além do espaço formal que contribuíram e contribui no desenvolvimento e formação da juventude camponesa.

A juventude que participou do processo citado anteriormente, após 19 anos se trata de pessoas adultas que de uma forma ou de outra seguiram diferentes caminhos: alguns foram embora da agrovila, outros constituíram família e continuam dando sequência ao plano inicial de dar continuidade ao trabalho dos pais. Falar da juventude que protagonizou a constituição da agrovila é necessário, no entanto este não é foco da presente pesquisa. A presente pesquisa busca conhecer a nova geração da juventude da agrovila, após os 19 anos da ocupação. Quem são os jovens da Agrovila Nova Conquista? Quais seus projetos de vida? Como estes sujeitos estão organizados?

Atualmente no ano de 2016, a agrovila possui cerca 200 famílias, dentre elas, 160 cadastradas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e o restante (40 famílias), pessoas que de uma forma ou outra decidiram se juntar na luta pela transformação social. Em relação ao companheirismo e união citada anteriormente pelo morador três, se perdeu bastante.

No tempo em que nós vivíamos nos barracos era melhor. Depois que o governo deu essas casinhas pra nós aí na opção, num vou dizer que é, que é só um ou dois é tudo né? Porque a gente não vai dizer que só eu, eu sô mio de que os outros não, nós todos ficamos mais rebeldes porque se acontecer uma coisa com um, ninguém não importa. Você se lembra quando começou aqui, se houvesse qualquer baderninha, Ave Maria! Se ajuntava todo mundo e ali era um irmandade bonito, depois todo mundo se afastou, agora pode fazer o que quiser com quem quiser, ninguém tá nem aí (Morador 3, entrevista concebida em 2011).

Com o relato do morador é possível perceber que a juventude atual da agrovila Nova Conquista se encontra em um tempo diferente dos jovens que participaram do processo de ocupação. Os jovens do período da ocupação eram jovens organizados coletivamente que participavam da luta pelas políticas públicas, ou seja, estavam inseridos em um espaço de companheirismos e coletividade. Os jovens de hoje, 19 anos depois são jovens que estão em um espaço em que algumas conquistas já estão implantadas, jovens inseridos em um espaço diferente do período inicial. A juventude vive hoje em um espaço onde os laços de amizade e afetividade são diferentes do início do assentamento, como ressalta o morador acima.

Em termos de estrutura física a Agrovila possui sete ruas amplas e uma paisagem arbórea nos quintais e no entorno (Imagem 1), conta com uma escola de ensino fundamental (que possui seis salas de aulas), um posto de saúde que recebe médicos uma vez por semana, água encanada em todas as residências, rede de energia elétrica, telefone e internet (wifi) gratuito no entorno da escola. A imagem que segue demonstra a dimensão da agrovila Nova Conquista.

Figura 1 – Estrutura física da Agrovila Nova Conquista.



Fonte: Google Maps, 2015

A imagem acima demonstra a extensão da agrovila, através dela podemos perceber que se trata de um espaço amplo com uma grande quantidade de casas construídas de alvenaria. É neste espaço que 152 jovens de 14 a 30 anos estão inseridos, estes frequentam diferentes espaços dentro da localidade.

É neste espaço que se encontra a escola citada anteriormente, local onde a juventude busca a educação formal. A escola considerada por alguns moradores uma das conquistas mais importantes da comunidade oferece o ensino médio desde o ano de 2002, a modalidade de ensino funciona na comunidade em anexo a uma escola da cidade. Em relação à educação este vem ser o único espaço dentro da agrovila que apresenta alternativas para a juventude. É nesse espaço formal que uma parte dos jovens da localidade estão inseridos cursando o ensino médio ou fundamental.

Apesar deste espaço ser considerado uma conquista para a comunidade e em especial para a juventude, alguns moradores entendem que existem outros desafios para além da educação que precisam ser superados. É bem verdade que durante o processo de construção dos assentamentos ainda não existe um planejamento voltado para a juventude, um projeto que vise o desenvolvimento da juventude nesses espaços.

Então existe essa preocupação, o desafio da inclusão, o maior desafio é o da inclusão da juventude no processo produtivo, no processo organizativo, então cultural, porque nós temos um potencial muito grande da juventude nos assentamentos que é trabalhada, vítimas do próprio assentamento (Morador 5, entrevista concebida no ano de 2011).

O relato do morador demonstra que não há uma preocupação para com a juventude durante o planejamento dos assentamentos, o que posteriormente acaba se tornando um problema, pois, esta categoria acaba ficando sem alternativas de se reproduzir dentro dos assentamentos enquanto camponeses.

A falta de alternativa em relação a trabalho, a emprego assalariado, influencia bastante na decisão destes sujeitos de sair ou permanecer no campo. Para Agrovila Nova Conquista a economia é baseada na bovinocultura, suinocultura e horticultura. São estas atividades que garantem o desenvolvimento financeiro da maior parte dos moradores da comunidade. São nestas atividades que grande parte da juventude da agrovila está inserida. No entanto, a outra quantidade de jovens que não se identificam com as atividades agrícolas e se veem sem oportunidades, sem saída.

O capítulo seguinte apresenta quem são estes jovens, qual o perfil da juventude da agrovila, de onde vieram e quais os espaços que estes frequentam dentro da comunidade, é

importante ressaltar que a categoria aqui estudada se trata de jovens de 14 a 30 anos e que a construção do conceito se baseia no que foi apresentado no início do capítulo pelo CONJUVE, este considera juventude a idade de 15 a 29 anos, assim, para esta pesquisa é reduzida a idade para 14 anos e ampliada até os 30. Nessa perspectiva, ressaltamos que a escolha da idade não tem a intenção de homogeneizar a categoria, e sim fortalecer a ideia de que não há um único conceito de juventude, pois este é construído a partir da realidade de cada sujeito.

CAPITULO 2. PERFIL DA JUVENTUDE DA AGROVILA NOVA CONQUISTA

Construir o perfil da juventude se trata de uma ferramenta importante na luta pela visibilidade desta categoria social. No entanto, esta ferramenta não pode ser utilizada com o intuito de homogeneizar a juventude, e sim conhece-la considerando cada realidade em suas particularidades.

Na construção do perfil da juventude na agrovila, utilizamos da pesquisa de campo como uma metodologia crucial, pois, foi possível ter um contato mais direto com os sujeitos de pesquisa, abrangendo assim todos os jovens da Agrovila Nova Conquista. Como metodologia, trabalhamos com um questionário fechado para obter as informações necessárias para este perfil. É importante salientar que a construção deste no trabalho não tem a intenção de homogeneizar a juventude e sim reforçar a ideia de que em cada realidade existe uma particularidade diferente.

Dessa forma, comungo com Freire e Castro ao dizer que: “compartilho do argumento de Carneiro (2005) de que [...] é ‘importante termos em mente a impossibilidade de traçar um perfil da juventude rural brasileira ou de construir um padrão, um tipo ideal, do jovem rural’ (...)” (FREIRE, CASTRO, 2007. p. 218), isso se dá pelo fato de que a juventude é heterogênea, ou seja, a juventude apesar de apresentar características que se assimilam em alguns aspectos é composta por diferentes fatores a partir do espaço que está inserida.

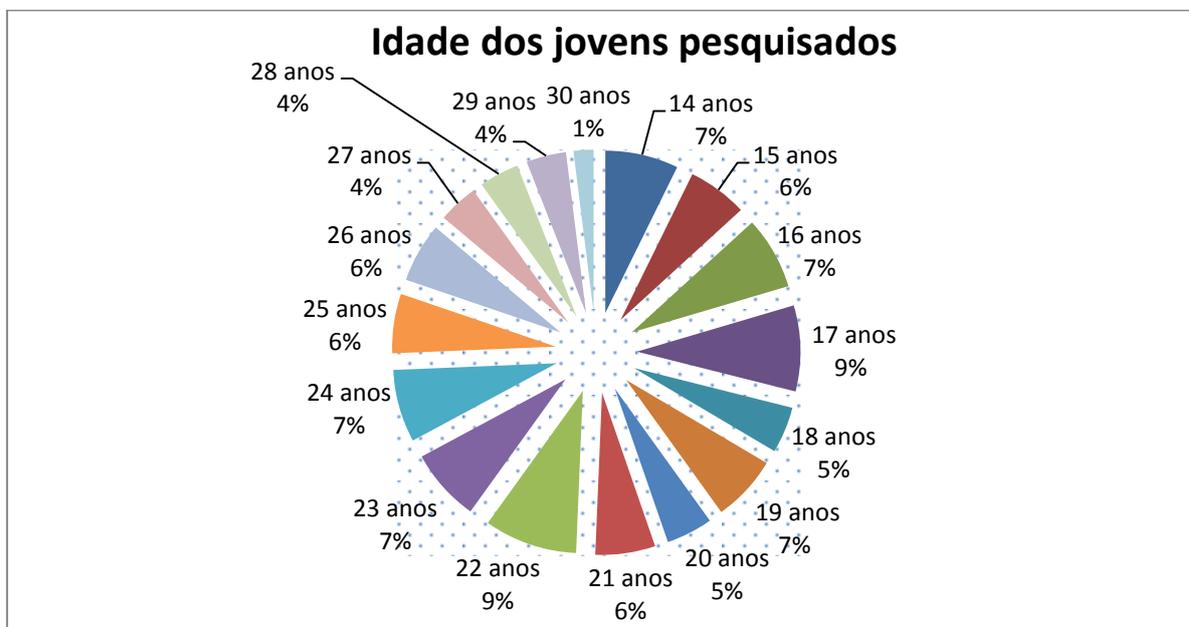
Nessa perspectiva, para compreender a juventude em um determinado cenário, ressaltamos a ideia de que é necessário minimamente conhecer em quais espaços estes sujeitos estão inseridos, assim, como já foi citado anteriormente a juventude pesquisada se trata de jovens residentes na Agrovila Nova Conquista, município de Açailândia, estado do Maranhão.

Para construir o perfil dos jovens recorreremos a alguns critérios específicos: faixa etária, gênero, naturalidade, escolaridade, religião, ocupação, estado civil, etc. A partir do perfil da categoria será possível conhecer os sujeitos, a idade, de onde vieram o que fazem, e posteriormente entender seus projetos de vida. A escolha por traçar o perfil a partir desses fatores, se deu pelo fato de que só é possível afirmar quem são realmente os sujeitos analisando seu processo de desenvolvimento historicamente.

Na escolha da faixa etária foi necessário considerar uma serie de fatores para classificar estes sujeitos de idades diferentes na mesma categoria. Dessa forma, apesar da idade não ser o único critério que define a juventude, existe uma série de aspectos que estes

sujeitos de idades diferentes têm em comum. Assim, a juventude pesquisada se trata de 152 jovens de 14 a 30 anos. A figura abaixo traz um demonstrativo da quantidade de jovem na Vila, de acordo com a faixa etária.

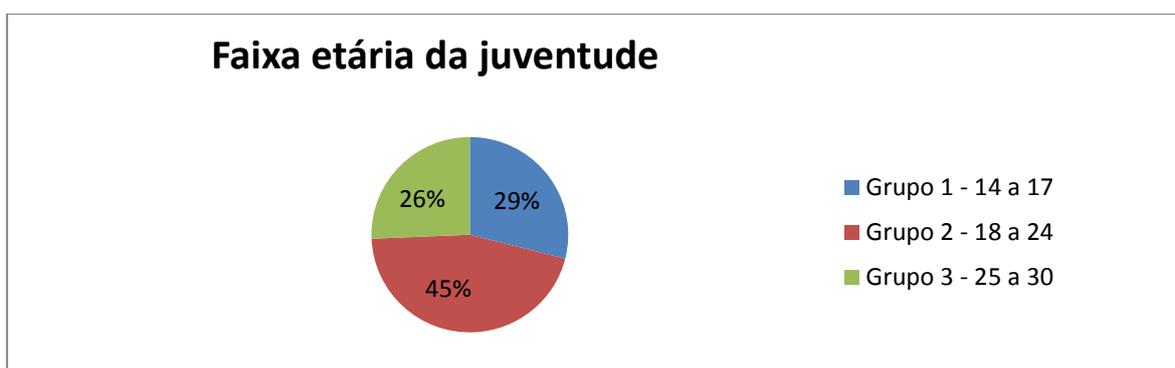
Figura 02. Relação dos jovens a partir da idade



FONTE: Pesquisa de campo - 2015

A figura acima traz a proporção dos jovens pesquisados, através dela é possível perceber que dos 152 jovens, 9% tem idade de 17 e 22 anos, a maioria; seguido de 7% com idade de 14, 16, 19, 23 e 24 anos. É possível também perceber que a idade máxima de 30 anos adotada por este trabalho, apresenta uma pequena parcela da juventude dentro da comunidade, apenas 1%. Dessa forma, a partir dos dados acima é possível dividir a juventude em três faixas etária, são elas: 14 a 17 anos, 18 a 24 anos e 25 a 30 anos, observe a figura que segue com a divisão de cada um dos grupos.

Figura 03. Classificação da juventude por faixa etária



FONTE: Pesquisa de campo - 2015

A escolha por classificar a juventude em grupos de idade é apenas para ter uma dimensão a respeito de qual idade prevalece entre os jovens pesquisados, assim, é perceptível que dentro da agrovila existe uma parcela maior de jovens de idade entre os 18 e 24 anos, ou seja, os sujeitos pesquisados se encontram segundo o CONJUVE na fase de Jovens – Jovens.

Este é um padrão internacional que tende a ser utilizado no Brasil. Nesse caso, podem ser considerados jovens os adolescentes – jovens (cidadãos e cidadãs com idade entre os 15 e 17 anos), os jovens - jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens adultos (cidadãos e cidadãs que se encontram na faixa-etária dos 25 aos 29 anos) (CONJUVE, 2006, p. 05).

No entanto, apesar de ter alargado nesta pesquisa a idade de 15 a 29 para 14 a 30 anos, existe uma semelhança com a classificação utilizada acima, tendo em vista que os sujeitos considerados adolescentes – jovens; com idades entre 14 a 17 anos, estão iniciando uma espécie de introdução a juventude, ocorrendo diferentes mudanças, sejam elas físicas ou biológicas. Dessa forma, mas não generalizando, é possível perceber que a adolescência pode ser considerada a primeira fase da juventude, sendo marcada por diversas transformações principalmente biológicas e de inserção social.

É nessa fase que fisicamente se adquire o poder de procriar, que a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, que começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais, psicológicos e de autonomização cultural (CARRANO; DAYRELL, 2013, p. 14).

De maneira geral, os primeiros sinais de inserção dos sujeitos no universo jovem são as transformações sofridas pela adolescência, como: a busca por independência, autossuficiência e as mudanças no corpo. No entanto, estas transformações de cunho biológico não são os únicos critérios que define o início da juventude, no caso da juventude camponesa essa classificação vai muito além das transformações biológicas e de inserção social, estas estão relacionadas à inserção destes sujeitos nas atividades produtivas junto da família.

Os jovens rurais, geralmente, começam a participar das atividades realizadas na propriedade rural muito cedo, nesse período acontece também um estreitamento das relações dos jovens com sua família onde eles começam a se interar da parte econômica e produtiva da propriedade, assim como, passam a participar das dificuldades que existem nas atividades, muitas vezes, por eles realizadas (CARVALHO et al. 2009, p. 3).

Na Agrovila Nova Conquista, os jovens que estão na faixa etária, denominado grupo - 1 mostrada na figura 03; com idades entre 14 a 17 anos, pode ser considerado o momento em que os jovens além de começarem a contribuir com as atividades produtivas do trabalho

agrícola e não agrícola; começam a se inserir nos espaços frequentados pelos sujeitos das outras faixas etárias, ou seja, inicia – se o processo de socialização dentro da comunidade e nas comunidades vizinhas. Os jovens do grupo – 2 e grupo – 3 são os que desenvolvem as atividades produtivas e remuneradas com mais frequência, os que já buscam no trabalho uma estabilidade financeira tanto para ajudar a família, quanto para conseguir custear atividades de lazer e diversão.

Mais adiante será possível um aprofundamento em relação ao trabalho desenvolvido pelos sujeitos jovens desta comunidade, no entanto, é importante adiantar que há uma série de aspirações almejadas por estes jovens, através da pesquisa para construção deste perfil, foi possível perceber que estes se consideram sujeitos que necessitam de mais visibilidade e que para haver uma possível permanência destes sujeitos no campo existe uma série de fatores a ser considerados.

Os jovens da agrovila, consideram-se, sujeitos invisíveis na sociedade, no entanto, é importante considerar que estes sujeitos de comunidades rurais são jovens que não se diferenciam muito dos jovens das cidades, pois se assemelham em vários aspectos.

Com efeito, quem já teve a oportunidade recente de conviver com jovens rurais sabe o quanto eles são, sob vários aspectos, semelhantes a muitos dos que vivem nas cidades. Eles se vestem modestamente, mas com roupas consideradas dentro do padrão da moda jovem. Gostam de conviver com grupos de amigos. Como qualquer outro jovem, tem suas preferências quando se trata de artistas, grupos musicais ou equipes esportivas (WANDERLEY, 2007, p. 31).

Apesar de se assemelharem nestes aspectos apresentados por Wanderley, os jovens do campo ainda possuem uma série de aspirações que precisam ser alcançadas. A necessidade por espaços de lazer e de socialização, por exemplo, foi muito frequente durante a pesquisa de campo, no entanto, na falta destes espaços existem outros fatores citados pelos jovens, estes de uma maneira ou de outra se assemelham também a dos jovens urbanos.

[...] A compra de motos, que permite ampliar o espaço de sociabilidade para além dos limites de suas próprias localidades de origem, a aquisição de roupas e complementos, de aparelhos de som e de outros bens materiais, os tornam mais atraentes e podem facilitar o namoro e casamentos futuros (CARNEIRO, 2007. p. 60).

A compra de moto é utilizada aqui devida ser uma questão muito forte quando se trata de juventude na agrovila em questão. A aquisição de uma moto se mostra um desejo encontrado em todos os grupos de idade aqui apresentados, através da obtenção deste meio de transporte considera - se a chance de ampliar os espaços de lazer e diversão, a chance de conhecer pessoas de outras comunidades. A aquisição de outros aparelhos, tais como, um

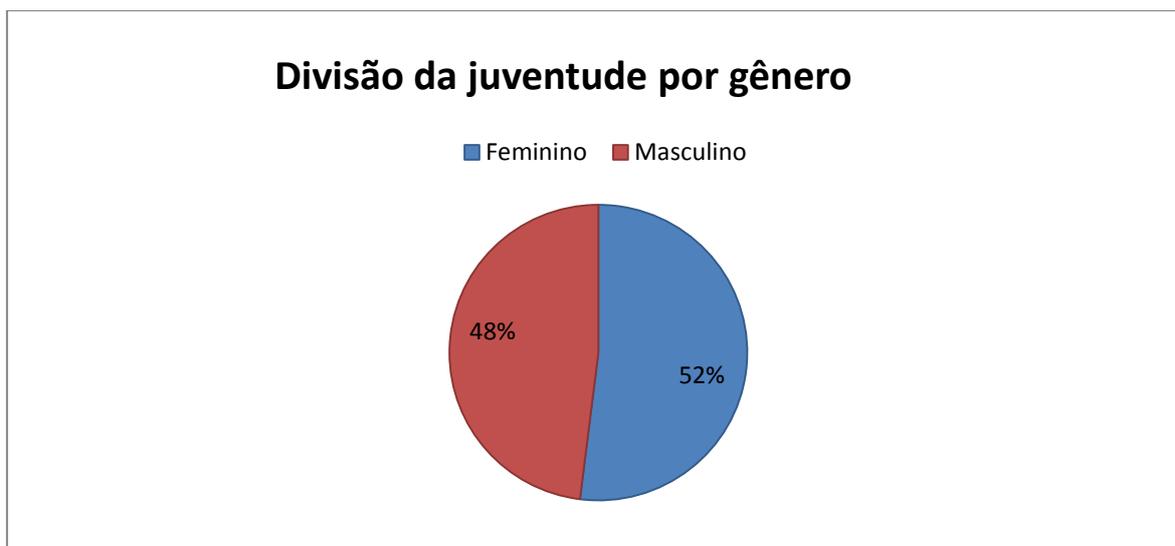
celular, trata-se da oportunidade de ampliar a comunicação através do universo digital, ou seja, a utilização da internet é considerada muito importante para inserção destes no mundo virtual. A utilização desse meio de comunicação é unânime entre o sexo masculino e feminino, é através da utilização deste meio de comunicação que a juventude da comunidade se relaciona com jovens de outras realidades, é através da internet que estes sujeitos acabam trocando e compartilhando diferentes experiências.

Há ainda outro fator a ser considerado na constituição e identidade destes sujeitos enquanto jovens, fatores que dizem respeito à vida e desafios que estes enfrentam no campo, que vão para além do espaço que estes estão inseridos e que discorrem nas condições a que estão submetidos. A inserção no espaço de produção, por exemplo, está ligada principalmente ao sexo masculino, onde este se autodenomina jovem, devido às atividades realizadas e responsabilidades já assumidas. Para as mulheres, no entanto, essa autodenominação se dá provocada por outros fatores como o início do namoro, que ocorre cada vez mais no início da adolescência.

Historicamente, quando se trata de gênero, principalmente no campo, a mulher não é lembrada quando se trata de questões políticas, sociais e econômicas e isso têm contribuído para a crescente justificativa de que as jovens têm saído do campo para a cidade em busca de novas alternativas. Segundo Brumer (2007), “a falta de renda e de autonomia age de maneira diferenciada sobre rapazes e moças, decorrentes da socialização a que estão submetidos”.

Por outro lado, pesquisas revelam ao que diz respeito a permanecer ou sair do campo, que neste espaço existe uma predominância maior do sexo masculino, ou seja, cada vez mais as moças estão abandonando o meio rural, este fator alguns autores chamam de masculinização do campo. Segundo alguns pesquisadores, isso tem ocorrido devido o campo oferecer espaços de trabalho que favorece mais os homens (vaqueiro, roçado, etc) do que as mulheres. Dessa forma, as mulheres acabam se deslocando para as cidades em busca de outras oportunidades. Porém, essa predominância não se aplica na Agrovila Nova Conquista, pois, como mostra a figura a seguir o sexo feminino tem predominância na localidade.

Figura 04. Relação da juventude por gênero



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

A partir da figura é possível observar a diferença entre os sexos, esta é representada por 4%, tendo a predominância do sexo feminino. A estimativa aponta para um possível equilíbrio entre os gêneros na categoria pesquisada. Esta informação se torna relevante, pois, embora haja uma proporção maior do sexo feminino, a diferença em números é pequena, o que permite observar até então é que dentro da agrovila pesquisada, não existe um viés de masculinização e tampouco de feminização.

Para além de gênero e faixa etária, existem outros fatores necessários ser considerados para a construção do perfil da juventude. Nesse sentido, a fim de incrementar a construção do perfil da juventude pesquisada, o tópico que segue apresenta dados a respeito da origem da categoria pesquisada, bem como o tempo que estes sujeitos residem na presente agrovila.

2.1 ORIGEM DA JUVENTUDE PESQUISADA

Na construção do perfil da juventude, para além das informações citadas anteriormente, é relevante também conhecer a origem destes sujeitos, de onde vieram, o que fazem e em quais espaços estão inseridos. Dessa forma, é importante salientar que os 152 jovens que residem na agrovila são oriundos de oito estados brasileiros; no entanto, a grande maioria são oriundos do próprio estado Maranhão (observe a tabela abaixo).

Tabela 03. Local de origem da juventude

ESTADO DE ORIGEM	QUANTIDADE DE JOVENS
Maranhão	137
Pará	07
Pernambuco	02
Tocantins	01
Goiás	01
Bahia	02
Sergipe	01
Piauí	01

FONTE: Pesquisa de campo – 2015

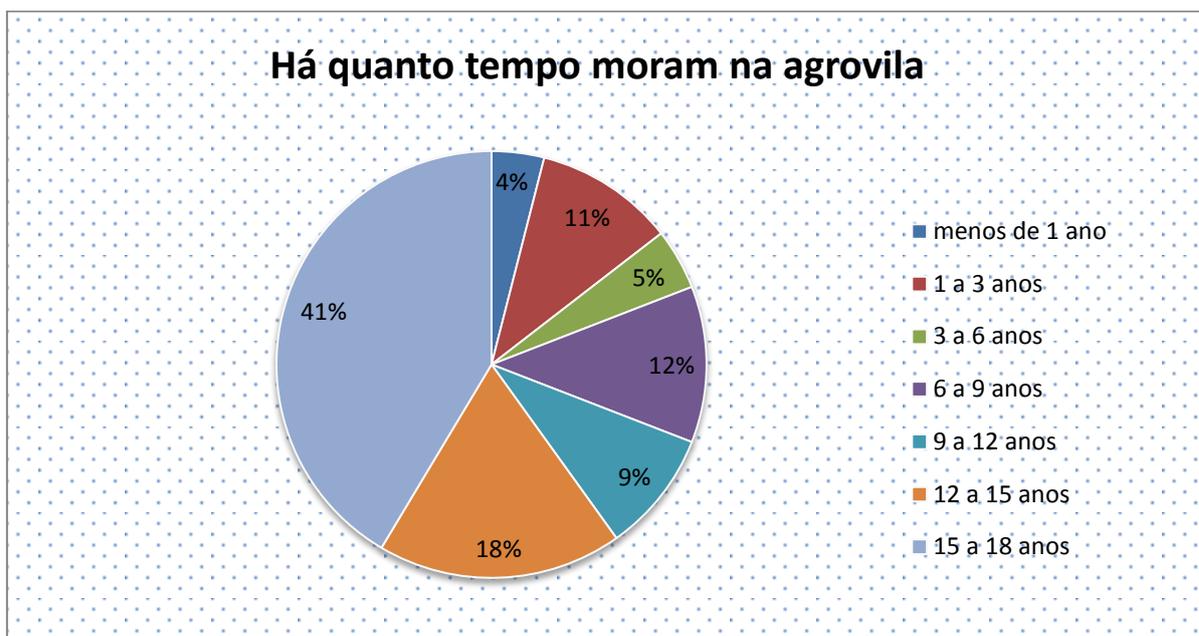
A tabela acima mostra uma diferença significativa entre a quantidade de jovens de cada estado, através dela é possível constatar que a maioria da juventude pesquisada é natural do estado do Maranhão. Nessa perspectiva, é perceptível que se trata de uma juventude que tem praticamente as mesmas culturas e costumes, tendo em vista que são basicamente todos do mesmo estado.

Segundo os dados do IBGE 2010, o estado do Maranhão tem uma população total de 6.574.789 pessoas. Os jovens da Agrovila Nova Conquista estão entre a população residente total do estado a grande maioria tendo como naturalidade o próprio estado. Em se tratando de juventude, segundo o senso demográfico 2010 o estado abriga 1.934.189 jovens de 15 a 29 anos distribuídos entre a zona rural e a zona urbana de 217 municípios.

Na agrovila Nova Conquista, os 137 jovens oriundos do estado do maranhão são natural de diferentes municípios, no entanto, a predominância está na cidade de Açailândia e Imperatriz, como podemos observar na figura que segue que segue:

A informação sobre o tempo em que a categoria mora na agrovila, se mostra de suma importância, tendo em vista que através desta informação é possível ter um controle acerca da afinidade da categoria com a localidade. Assim, o tempo de moradia dos jovens na agrovila varia de menos de um ano a dezoito anos.

Figura 06. Há quanto tempo moram na agrovila



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

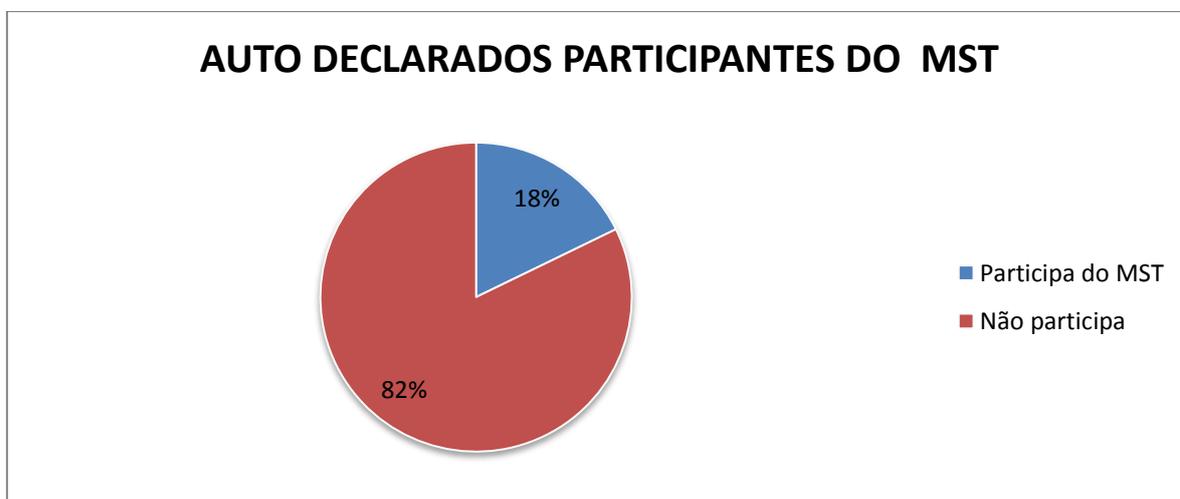
A figura acima demonstra que grande parte da juventude (41%) mora na agrovila a praticamente 15 a 18 anos, ou seja, provavelmente desde sua constituição. Assim, é possível constatar que estes jovens possuem um vínculo maior com a localidade, tendo em vista que ao morar a mais tempo, conhecem melhor seus diferentes espaços. Também é possível analisar, que apenas uma pequena parcela reside na agrovila há menos de um ano (4%), o que nos permite constatar que o número de jovens recém chegados é muito pequeno. Através da quantidade de tempo que mora na agrovila, é possível considerar a forma como estes sujeitos estão organizados, tendo em vista que a juventude que mora na agrovila há mais tempo provavelmente tem um vínculo maior com a agrovila do que os que chegaram agora.

2.2 JUVENTUDE E MST

O tópico que ora apresentamos intitulado Juventude e MST, traz uma discussão de como se dá a relação entre a categoria e o movimento social atuante dentro da agrovila. Neste, é possível encontrar ainda como o movimento está organizado e quais as contribuições que este tem trazido para a juventude da agrovila.

Iniciamos mostrando que os jovens que residem a mais tempo na agrovila possuem mais vínculo com a história da ocupação da comunidade e com o movimento que o constituiu, MST. No entanto, apesar de muitos se identificarem com o movimento atuante, ainda existe uma grande parcela que por um motivo ou outro não se identificam e assim não participam. A agrovila foi constituída a partir da organização do MST. Como foi visto no capítulo um, a maioria das políticas públicas existentes na agrovila (escola, posto de saúde, energia elétrica...), foram conquistadas a partir da luta dos trabalhadores que constituem o movimento sem terra. No entanto, apesar desta bandeira de luta ter sido uma forte influencia em vários aspectos dentro da comunidade, é possível encontrar um grande número de pessoas que não apoia a luta do movimento, não concorda com os princípios e não se identifica com o ser sem terra. Por outro lado, tem outra parcela que considera a luta do movimento válida e precisa, que se identifica com a luta e que descreve a sua identidade como sem terra. Quanto à juventude em particular, a figura abaixo demonstra a porcentagem de jovens que se auto declaram como participantes do MST.

Figura 07. Jovens auto declarados participantes do MST



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

Através das informações acima é perceptível 82% não participa do MST², ou seja, a juventude em sua maioria. Enquanto 18% se auto declaram como participantes do movimento; constituindo-se de militantes, seja em atividades dentro ou participando de ações fora da comunidade. Entre os que atuam no movimento; estes participam de mobilizações, marchas, cursos de formação política, encontros de jovens ou até mesmo cursos técnico ou superior vinculados ao MST. É essa pequena parcela de jovens que assume a identidade sem terra e colabora com a tentativa de fortalecer a luta do movimento.

Segundo Fernandes (2008) dentro da estrutura organizativa do MST encontram – se os setores e os coletivos, o primeiro se dedica a temas específicos, enquanto o segundo se debruça a diferentes frentes de atividades. Entre os coletivos mais recentemente se encontra o coletivo da juventude, que organiza os jovens nos assentamentos dos diferentes estados. Através destes coletivos é possível trabalhar a juventude em seus diferentes aspectos. São trabalhados os temas da atualidade, a organização política do país, além de trabalhar a formação cultural destes sujeitos através de grupos de teatro, dança, música e etc. Para além desses fatores é através da organização da juventude pelo MST que estes sujeitos tem trocado experiências com jovens de outras comunidade rurais. Por outro lado, são os jovens que estão a frente dos mais diferentes seguimentos do movimento, seja na coordenação de acampamentos, assentamentos, ou mesmo na área da produção nestes seguimentos.

Os jovens auto declarados participantes do MST, são jovens que também se inserem nos espaços de estudo ou lazer oferecidos pelo movimento dentro da comunidade ou não. Os jovens que declararam não participar do movimento são os que permanecem na agrovila sem participar dos eventos oferecidos pelo movimento. Dessa forma, é entre a parcela dos militantes, que se encontram os jovens que já concluíram ou estão cursando algum curso técnico ou superior. O tópico que segue apresenta como a juventude está organizada.

2.3 ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE PESQUISADA

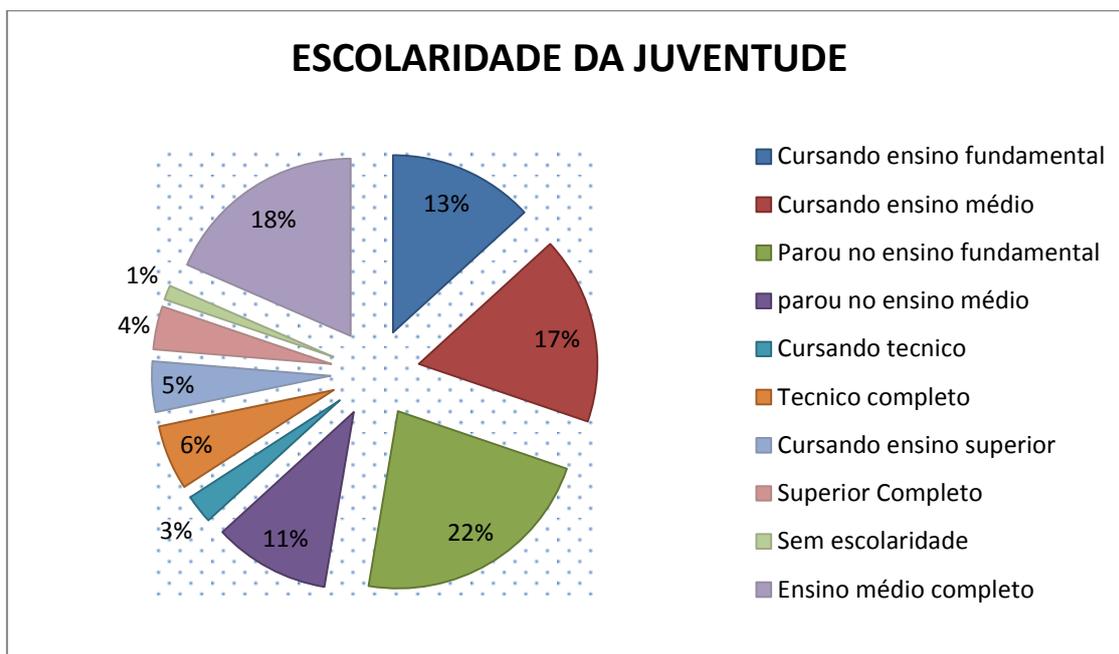
Em um contexto geral a juventude camponesa apresenta uma organização estrutural guiada pela falta de acesso a inúmeros aspectos, este elemento se dá por conta da forma como a sociedade está organizada, como uma instancia que exclui os povos do campo a inúmeros

² Quando falamos em não participantes, estamos nos referindo ao fato de que não se consideram militantes. Não participando das ações do movimento (mobilizações, marchas, cursos de formação, etc.).

bens e serviços. Nessa perspectiva, apresentamos neste tópico a forma como a juventude pesquisada está estruturada em vários aspectos, são eles: escolaridade, ocupação, estado civil, religião e etc. Em números é possível perceber como se dá organização da categoria na agrovila Nova Conquista fazendo um comparativo com a juventude em um contexto mais geral.

A figura que segue, inicia esta discussão apresentando os níveis de escolaridade da juventude.

Figura 08. Níveis de escolaridade da juventude pesquisada



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

A figura 08 demonstra o nível de escolaridade da juventude da agrovila. Há uma variação muito grande entre si: há os jovens que não possuem nenhuma escolaridade; jovens que estão cursando o ensino fundamental ou médio e até os que estão cursando ou já concluíram ensino técnico ou superior. Os dados demonstram que o nível de analfabetismo entre os jovens pesquisados é muito pouco; tendo em vista que há apenas dois jovens sem escolaridade (educação básica). E mesmo os demais que não frequentam a escola já tiveram acesso a ela. Esse número revela o avanço da agrovila em relação a educação, já que o estado do Maranhão possui um índice significativo de pessoas analfabetas de 15 anos ou mais.

[...] os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2012 colocam novamente o Maranhão em situação vexatória, principalmente no quesito Educação e apontam que no governo Roseana Sarney a quantidade de pessoas com 15 anos que são analfabetas aumentou em relação a 2009, quando ela iniciou o terceiro mandato a frente do governo do Estado [...] Naquele ano o percentual da população nesta faixa etária que era analfabeta atingia o patamar de 19,1%, (872 mil

peças). Em 2012, os números do PNAD revelam que o percentual da população maranhense com 15 anos ou mais que não teve ainda a oportunidade de conjugar dois verbos essenciais à cidadania: ler e escrever alcançava o patamar de 20,8% o que equivale 986 mil pessoas. (Maranhão da Gente, acessado dia 19/11/2015).

Os dados apresentados pela PNAD demonstram que no estado do Maranhão ainda há uma grande barreira a ser rompida, o analfabetismo, os dados revelam que entre os anos 2009 e 2012 teve uma decadência em relação à educação, pois, a taxa de analfabetismo aumentou de 872 mil para 986 pessoas.

A figura 08 revela ainda que o número de jovens que pararam os estudos no ensino fundamental e médio é muito grande comparado com as outras informações (22% dos jovens – ensino fundamental e 11% ensino médio). É importante salientar, que no nosso recorte de pesquisa, escolhemos os jovens com idade inicial de 14 anos; e por mais que os estudantes do ensino fundamental geralmente corresponda a esta idade série, os jovens que abandonaram a escola estão distribuídos nas idades de 15 a 30 anos, ou seja, os jovens que não conseguiram prosseguir os estudos; têm perfis diferentes.

Quanto ao ensino superior ou técnico, é importante salientar que os jovens que estão cursando ou já concluíram este nível de escolaridade, corresponde grande parte aos que se auto – declararam participantes do MST, e que a forma de ingresso na universidade se deu através da militância no movimento. A fala do jovem abaixo demonstra a influência do MST em sua vida, qual a contribuição do movimento para a sua formação.

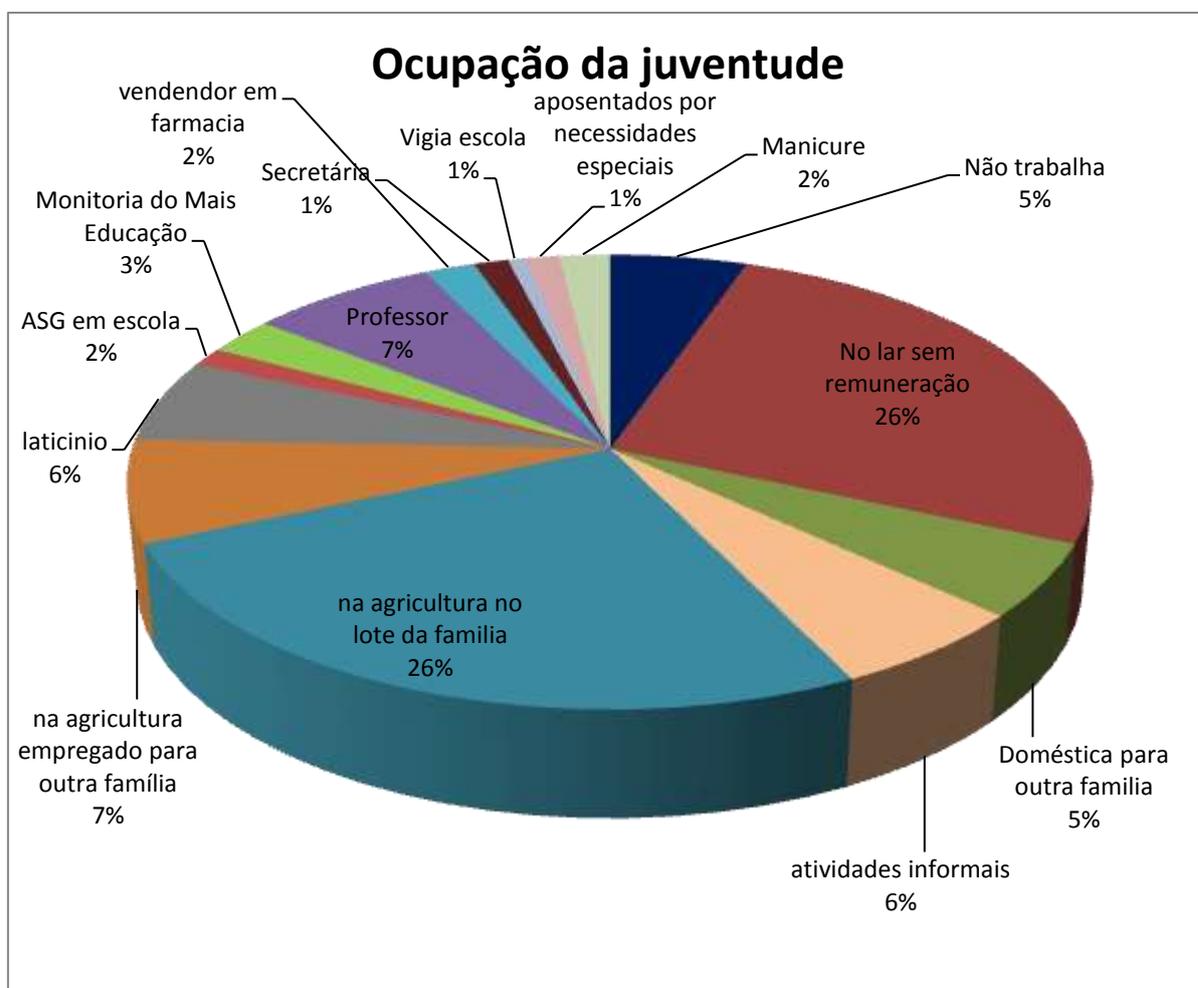
Quando eu cheguei aqui no assentamento, eu já tinha o ensino médio, é, na verdade não era exatamente o ensino médio. Aqui no assentamento é que eu terminei o ensino médio, terminei os dois últimos anos foi aqui do ensino médio; segundo e terceiro ano. E a partir daí, é, eu envolvido com o MST, que é a organização que organizou os assentados pra que adquirisse essas terras, aí eles viram a possibilidade de eu ser um educador, educador da reforma agrária. Aí a partir daí, quando eu terminei o ensino médio, eu me inseri na educação, como educador, um professor. Aí eles viram que eu tinha futuro, né, que eu deveria prosperar na carreira, aí eles me indicaram pra fazer um curso, curso em Marabá, curso de letras (GM, jovem de 30 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

O recorte da fala do jovem apresenta a influência do MST; não só em sua vida como também na comunidade; na formação de quadro para trabalhar com a juventude nas escolas. Este demonstra, que através da luta organizada e reivindicação política do movimento, conseguiu uma profissão e um curso superior. Assim, percebemos a contribuição do MST na vida deste jovem, e além deste existem outros jovens que se autodeclararam participantes do movimento que assumem a contribuição impar deste em sua formação cultural, política, crítica e acadêmica. São jovens que enxergam no movimento, uma alternativa de continuar os

estudos, tendo em vista que o MST busca alternativas de inserir a juventude nos mais diferentes seguimentos.

O jovem acima relata que atua como professor se tornando um educador. Esta é uma das alternativas de trabalho dentro da agrovila, atuar na escola. Outro serviço público que existe é na área da saúde, no posto de saúde da agrovila. Tendo em vista que para exercer estas profissões é necessário ter alguma graduação voltada para a área, os jovens que estão nesses espaços de trabalho estão cursando ou já concluíram um curso técnico ou superior. As outras alternativas de trabalho dentro da agrovila se restringem a maioria a agricultura, mais precisamente ao lote, da família ou de outra família. A figura que segue demonstra a ocupação da juventude em relação a trabalho:

Figura 09. Ocupação da juventude



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

Através das informações ditadas acima é possível intercalar a informação tratada anteriormente, que diz respeito ao nível de escolaridade dos educandos, pois a figura acima demonstra que 7% da juventude exerce a profissão docente, dessa forma, estes são os sujeitos

que cursaram ou que estão cursando algum curso técnico ou superior. Através da figura 09 é possível concluir que a escola da comunidade emprega 14 % dos jovens, divididos entre, professores, secretária, monitores de programas federais, vigia e Auxiliar de Serviços Gerais (ASG).

Concluimos assim, que a juventude está inserida nos diferentes seguimentos. Uma grande maioria na escola, pois, existem jovens que estudam e também jovens que trabalham na escola. Por outro lado, temos uma quantidade significativa de jovens que desenvolvem atividades no lote com a família (26 %) e a mesma quantidade de jovens que declararam que trabalham no lar, sem remuneração. Ainda existem 5% as jovens que atuam como empregada doméstica, bem como os jovens que trabalham assalariados na agricultura. Ainda segundo a figura acima 6% trabalham em um laticínio, este se localiza em uma comunidade vizinha (aproximadamente 2 km da comunidade), é neste ambiente que se encontra boa parte da juventude pesquisada, seja trabalhando contratado, ou carregando soro para a atividade de criação de suíno muito presente na agrovila. E há um alto percentual, de 26% dos jovens que afirmam trabalhar apenas no lar sem nenhuma remuneração.

É indispensável que a juventude obtenha uma renda mensal para suas diferentes necessidades e isto vem sendo discutido no decorrer deste trabalho. A escassez de trabalho e renda no campo tem sido um dos motivos da saída dos jovens para as cidades em busca de emprego, e melhores condições de vida. Por conta disso, é de suma importância conhecer em quais espaços de trabalho a juventude do campo está inserida. Dessa forma, a juventude da agrovila Nova Conquista trabalha nos diferentes espaços mostrados na figura 09. Em consequente a figura 10 apresenta a renda adquirida por estes jovens mensalmente.

Figura 10. Renda mensal declarada pela juventude



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

Os jovens que declararam não ter nenhuma renda estão entre aqueles que não exerce atividade remunerada, segundo a figura 09, os que trabalham no lar sem remuneração e uma parte dos que desenvolvem atividades no lote junto da família. Nos 29 % que declaram ganhar menos de um salário mínimo estão presentes: os jovens que trabalham na farmácia, em atividades informais, manicure, doméstica, como monitor do programa Mais Educação, na agricultura para outra família e na agricultura no lote com a família. Entre 16% dos jovens que declaram ganhar um salário mínimo, estão os que trabalham no laticínio os que são professores, ASG, vigia e uma outra parcela que se declarou como quem desenvolve atividades informais. Por último, os que ganham mais de um salário mínimo; são principalmente os professores e alguns dos jovens que trabalham no laticínio, estes são uma minoria.

A partir das informações citadas nas figuras 09 e 10, é possível constatar três questões fundamentais: A primeira delas é que grande parte da juventude trabalha com os pais no lote, no entanto é nesta atividade desenvolvida, que se encontram os jovens que afirmam não ganhar nenhuma remuneração ou menos de um salário mínimo mensalmente. Assim é possível perceber que a agricultura praticada pelos jovens não tem dado conta de suprir suas necessidades financeiras, tendo em vista, que estes sujeitos trabalham com a família e ao dividir a renda sua parte não chega a um salário mínimo.

A segunda constatação é que, dentre os que trabalham no espaço da escola, 14 % dos jovens, a maioria declara ganhar de um salário mínimo ou mais do que o salário mínimo. Além disso, percebe-se a importância da escola para a comunidade, pois além oferecer a educação formal para os filhos de assentados, oferece também oportunidades de emprego para a juventude.

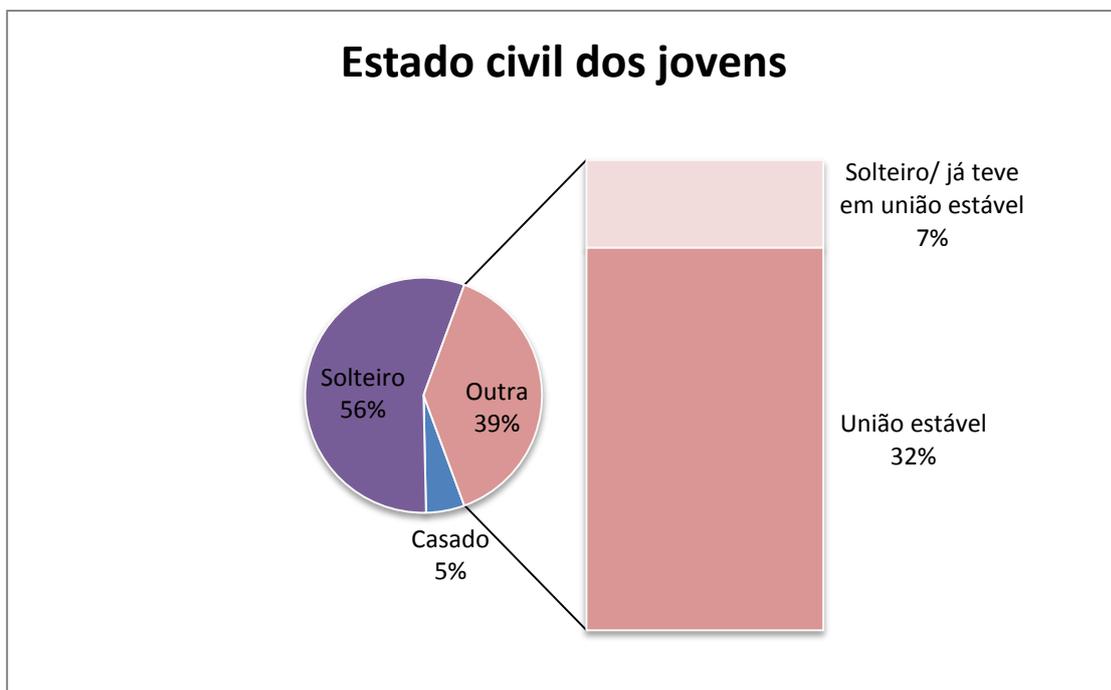
Por último, ainda existe uma grande parcela da juventude que não se envolvem nas atividades desenvolvidas pela família no lote. Assim, percebe-se fortemente a resistência da juventude em desenvolver atividades voltadas para a agricultura, o que fere a ideia de viver no campo e a ideia de uma possível reprodução camponesa.

Os pontos citados acima revelam as três principais situações relacionadas a emprego e renda da categoria pesquisada. Dessa forma, é importante salientar que imbricado a estes dois fatores está o estado civil da juventude, tendo em vista que a responsabilidade do jovem que está na condição de casado ou em união estável é muito grande e que estes jovens necessitam de uma renda fixa, pois para além de suas necessidades pessoais existe a esposa ou esposo, filhos ou filhas.

Assim, é possível classificar o trabalho desenvolvido pelos jovens em duas categoria, a primeira diz respeito somente as necessidades e a segunda está relacionada ao lazer e a diversão. Na primeira estão presentes os jovens que já constituíram família e trabalham com intuito de adquirir ou ajudar no sustento da família, bem como os jovens que enxergam no trabalho uma forma de ajudar a família (pai, mãe, irmãos). A segunda, respectivamente, diz respeito a juventude que vê no trabalho remunerado uma forma de garantir as atividades de lazer, diversão, socialização e passeios com familiares, amigos e namorado (a).

Como citado anteriormente é de suma importância conhecer o estado civil da juventude, para se ter uma dimensão de como a juventude pesquisada está dividida. Nesse sentido, a figura que segue, divide a juventude de acordo com seu estado civil.

Figura 11. Estado civil da juventude pesquisada



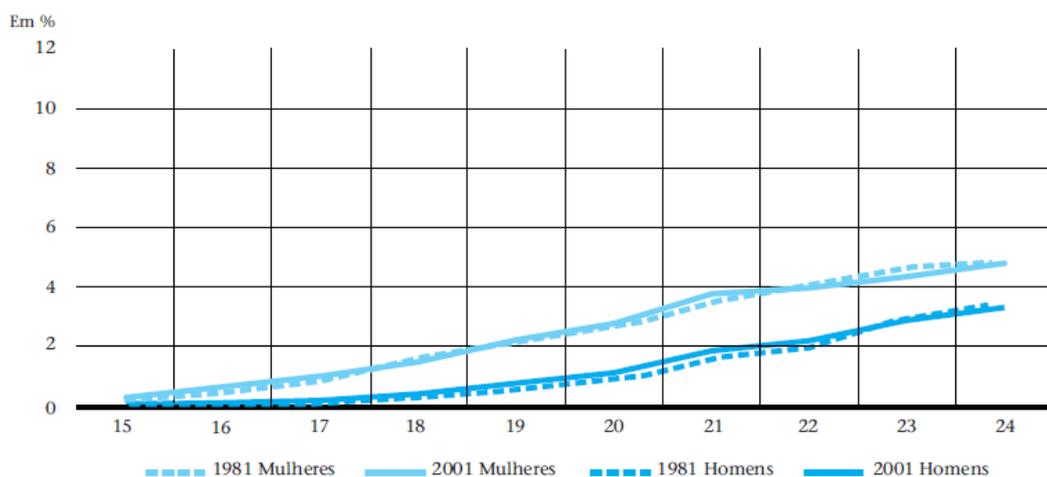
FONTE: Pesquisa de campo – 2015

As informações mostradas na figura revelam que dentre os jovens pesquisados, o maior número é de solteiros, demonstra ainda que entre os solteiros estão aqueles que já estiveram em união estável. Em contrapartida existe ainda um número significativo de jovens que estão em união estável 32% dos jovens, estes estão divididos entre os três grupos abordados no início do capítulo (figura 03), estando 4 jovens no grupo de 14 a 17 anos; 23 jovens no grupo de 18 a 24 anos e 21 jovens no grupo de 25 a 30 anos. Assim, “considera-se que o jovem constitui a sua família quando deixa a casa dos pais e assume a chefia de um domicílio ou se casa, tornando-se cônjuge do domicílio” (CAMARANO, *et al* 2015, p.58).

Outro caso que é importante se observar é que entre a juventude que possui união estável, 44% é do sexo masculino e 56% é do sexo feminino. Dessa forma, relacionando os números acima com os jovens casados oficialmente, apenas 5% dos jovens, percebemos que o número de moças casadas ou em união estável é a maioria, já que casadas totalizam 75% de mulheres. Os dados nos levam a refletir sobre uma questão importante, a de que o número de moças que constituíram família é maior que o número de rapazes. Os dados acima afirmam o debate apresentado por Camarano *et al* (2015), em um estudo sobre a transição da juventude para a vida adulta, onde demonstra através dos dados do IBGE de 1981 e 2001 a probabilidade de o jovem se tornar chefe ou cônjuge, segundo sexo e idade (observe a figura 12).

Figura 12.

PROBABILIDADE DE O JOVEM SE TORNAR CHEFE OU CÔNJUGE, SEGUNDO SEXO E IDADE — BRASIL, 1981 E 2001



FONTE: IBGE/ PNADS DE 1981 E 2001 In CAMARANO, *et al.* 2015, p. 58.

Através da figura acima percebemos que os dados sobre jovens do Brasil de 15 a 24 anos apresentados pelas autoras mostram que no decorrer dos anos de 1981 a 2001 o índice de mulheres que se tornaram chefe ou cônjuge em uma família foi maior do que os homens.

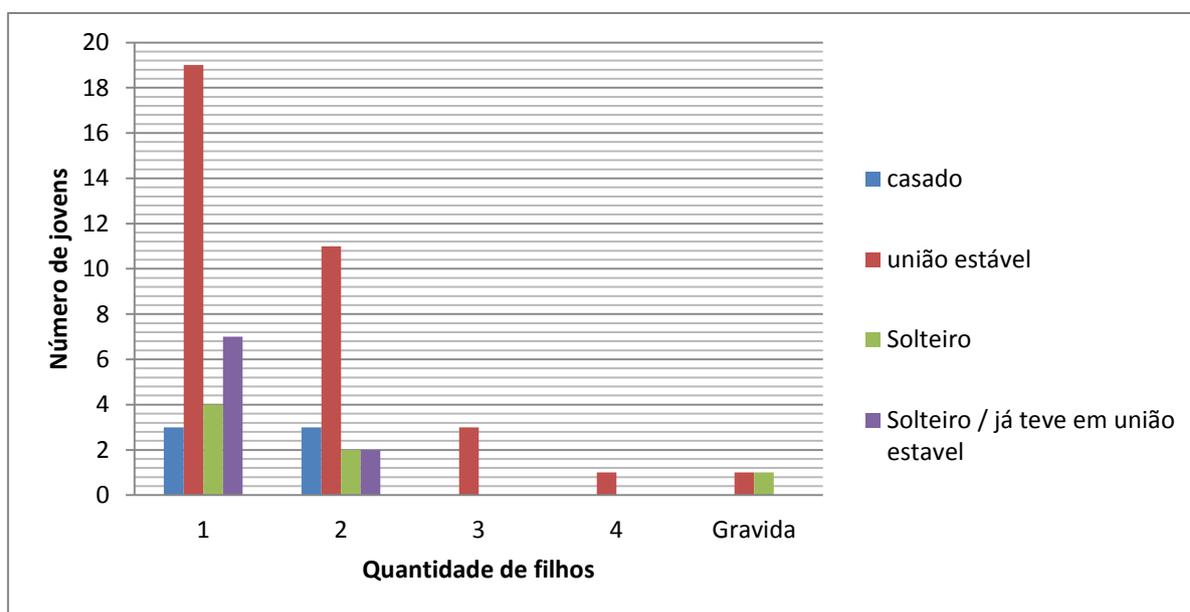
O gráfico apresenta as probabilidades por sexo e idade simples de um jovem vir a ser chefe ou cônjuge. Observa-se que as chances de uma mulher vir a constituir a sua própria família são mais altas do que para os homens. Isso se dá, provavelmente, pelo fato de a “independência” feminina acontecer apenas pelo casamento (CAMARANO, *et al.* 2015, p. 58).

A “independência” feminina se trata de uma temática muito presente no campo, tendo em vista que geralmente os filhos homens possuem mais “liberdade” do que as filhas mulheres. É possível constatar ainda uma hierarquia entre os rapazes e moças, já que estes são

geralmente possuem uma educação que os dá autonomia de ir e vir para onde quiser, quanto as moças possuem uma superproteção dos pais, o que as faz sentir “presas” e buscar a “liberdade”, geralmente buscam no casamento esta suposta “liberdade”.

Outra questão importante a ser considerada nesta pesquisa é o número de filhos que os jovens possuem, existe uma quantidade significativa de jovens que possuem pelo menos um filho; seja ele casado, em união estável ou não. A figura que segue apresenta a quantidade de filhos da juventude pesquisada.

Figura 13. Quantidade de filhos da juventude pesquisada



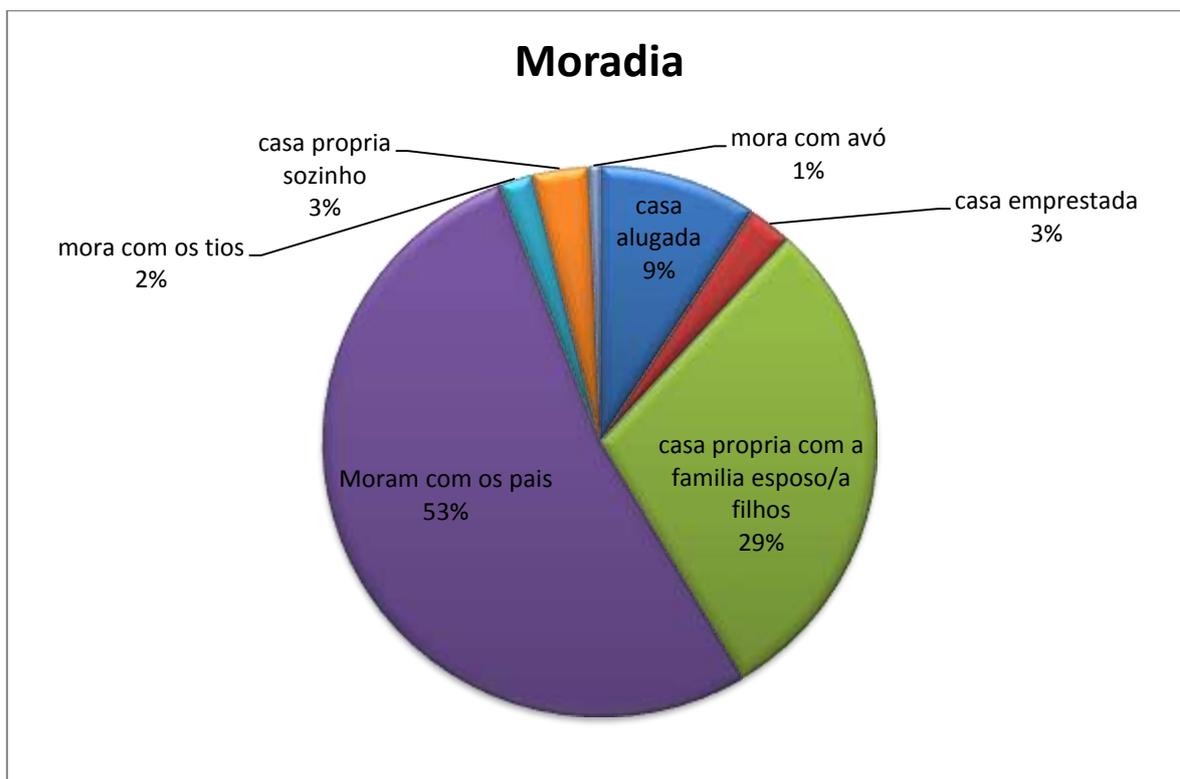
FONTE: Pesquisa de campo – 2015

A figura acima vem ajudar na construção do perfil da juventude da agrovila, através dela é possível conhecer a quantidade de filhos a partir do estado civil da categoria. Dessa forma, é perceptível que a quantidade de jovens que possuem filhos ou está grávida, totaliza 57. Em continuidade observa-se que destes jovens os que possuem mais filhos são aqueles que estão em união estável, estes possuem de 1 a 4 filhos. Quanto aos solteiros observa-se que são poucos os jovens que possuem filhos e que neste grupo quem possui mais filhos já esteve em união estável, assim o filho é uma herança do casamento.

É importante salientar que a idade dos jovens que tem filhos está distribuída entre os 16, 19, 20 a 30 anos. Quanto ao sexo, 38 desses jovens é do sexo feminino e 19 é do sexo masculino. Nesse sentido, mais uma vez o sexo feminino se sobressai em relação ao masculino nessa pesquisa.

Outro fator importante a se considerar é a situação de moradia da juventude pesquisada, pois, através destas informações será possível conhecer os espaços que os jovens estão inseridos, se é constituído por toda família (pai, mãe, irmãos), ou por uma nova família constituída após o casamento. As informações que seguem demonstram a situação de moradia da juventude, a busca por estas informações se deu pelo fato de que através delas será possível ter um controle do número de jovens que ainda residem na casa dos pais, bem como os que já saíram da casa dos pais e constituíram sua própria família.

Figura 14. Situação de moradia da juventude pesquisada



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

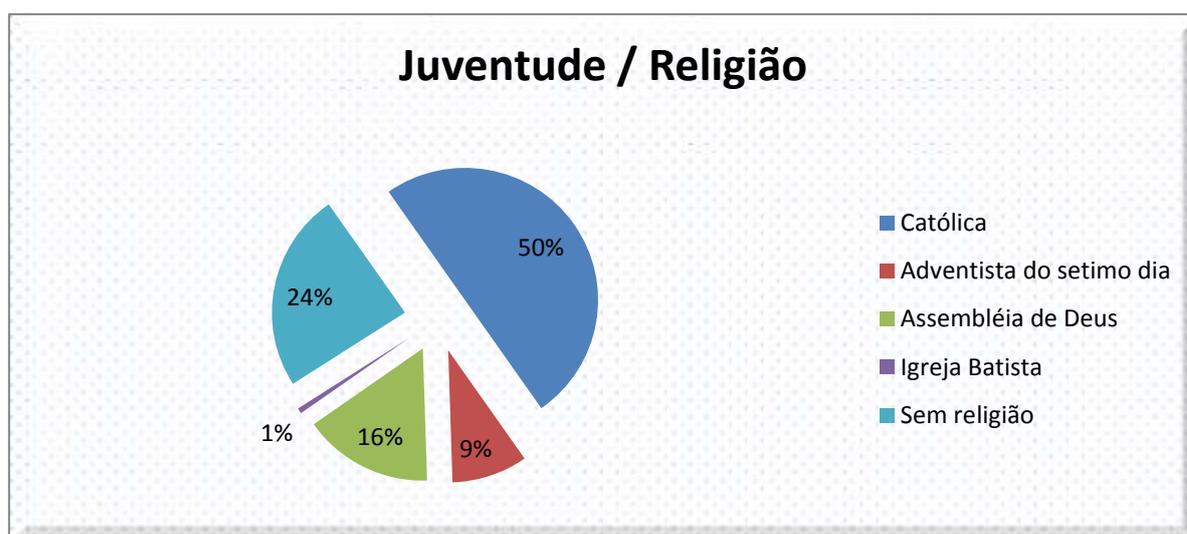
A figura demonstra que mais da metade da juventude pesquisada ainda moram com os pais, estes jovens possuem idade entre os 14 e 28 anos. Esse dado nos faz constatar que os jovens que moram com os pais estão distribuídos entre os três grupos apresentados no início do capítulo, figura 03 - Grupo 1: 14 a 17, Grupo 2: 18 a 24, Grupo 3: 25 a 30 anos. Geralmente são estes que são considerados cada vez mais jovens, pois para uma parcela da sociedade após constituir família, morar com esposa e filhos não está mais na condição de jovem e sim adulto, esta é a opinião de uma parte dos jovens entrevistados para esta pesquisa.

“Uma pessoa jovem pra mim pode ser uma pessoa que começa sua juventude, brinca né, a partir do dia que você casa mesmo que a pessoa seja jovem, ou idade da pessoa seja jovem mais a responsabilidade já é outra!” (M, jovem de 20 anos). A fala do jovem nos

permite perceber que para algumas pessoas é tirada a condição de jovem após o casamento independentemente da faixa etária. Outros jovens não se consideram mais como juventude pelo fato de já ter casado, o trecho da entrevista de um jovem de 23 anos que vive em união estável afirma esta questão que estamos pondo em debate: [...] eu hoje, eu já tou um pouco mais maduro, mais eu também já fui jovem!. Quando o jovem relata que também já foi jovem, ele está afirmando que no tempo de hoje após o casamento este já não é mais jovem pelo fato de já constituir sua própria família. A figura acima demonstra que dentre a juventude pesquisada existe uma quantidade significativa de jovens que não moram com os pais, que já constituíram sua própria família (29 %). É importante ressaltar que durante a pesquisa de campo para a construção deste perfil foi possível encontrar jovens com frequência que afirmavam não ser mais jovem devido a situação civil que se encontravam, devido já terem constituído sua própria família e não residir mais na casa dos pais.

O último fator que apresentamos é a religiosidade, para a conclusão do perfil da juventude da agrovila Nova Conquista, esta geralmente é muito presente nas comunidades rurais. Na agrovila em questão esta é uma ótica importante para se enxergar a juventude. É pelo viés da religiosidade que é possível ter uma dimensão dos espaços que estes sujeitos frequentam dentro da comunidade. É importante adiantar de antemão que dentro da agrovila existem três denominações religiosas: Católica, Assembleia de Deus e Adventista do Sétimo Dia, no entanto, os jovens pesquisados estão em quatro denominações religiosas, bem como a alguns que não possuem nenhuma religião, observe a figura 15.

Figura 15. Relação da juventude por religião



FONTE: Pesquisa de campo – 2015

A figura demonstra que metade da juventude pesquisada faz parte da religião católica, e os outros 50 % estão divididos entre os que congregam igrejas evangélicas e jovens que declaram não possuir nenhum tipo de religião, estes afirmam não ter religião pelo fato de que não frequentam nenhuma das igrejas presentes na agrovila, diferente de uma parcela da juventude que se auto denominam católicos pois estes apesar de afirmarem que não vão a igreja com muita frequência se consideram católicos simplesmente porque não são evangélicos. Já os que se afirmam como congregantes da igreja Assembleia de Deus ou Adventista do sétimo, ressaltam que vão à igreja com muita frequência e que seguem as doutrinas. Geralmente a escolha dos jovens por determinadas religiões está muito imbricada com a religião que a família faz parte, no entanto na agrovila em questão isso se dá de maneira diferente, pois os jovens afirmam que a família não tem influenciado pela escolha da religião.

Através da figura 15, é possível ter uma ideia dos lugares que a juventude frequenta dentro da comunidade. Assim, relatamos que a parcela de jovens que se denominam evangélicos das igrejas apresentadas no gráfico assumem que os lugares que frequentam está muito relacionado com a religião e que as alternativas de espaços que a agrovila oferece não favorece esta parcela da juventude já que estes frequentam apenas igrejas e lanchonetes. Os outros espaços da comunidade (bares, clube de dança e campo de futebol), são frequentados por outra parcela de jovens que se auto declaram católicos ou sem denominação religiosa.

A falta de espaços de trabalho e lazer no campo é um dos fatores que leva este a ser visto como um lugar de atraso e escassez, como visto no primeiro capítulo. Este é um fator enxergado muitas vezes pelos próprios jovens. No caso da agrovila em questão, os jovens declaram que a falta de alguns espaços tem levado a juventude a sair da localidade.

[...] Por exemplo, os lugares que dá uma estrutura pra juventude, que dá uma perspectiva, nós temos o campo de futebol e aí muitas juventudes, os jovens aqueles que não jogam futebol, que seria o que? ir ao clube, ir aos bares né, uns desses jovens que não frequentam esses tipos de espaços é, quando chegam em um determinado período de suas escolaridades eles vão pra cidades né, migram pras cidades (GM, jovem de 30 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

A fala do jovem afirma o que foi dito anteriormente, a falta de espaços de lazer dentro da comunidade. Este enfatiza que os espaços que a agrovila oferece são: campo de futebol, bares e clube de dança. Outra jovem afirma “[...] o principal lazer aqui, pra maioria dos jovens é a questão da bebida, chega final de semana e ir beber, farrear e tudo” (MD, jovem de 23 anos). A afirmação da jovem permite concluir que os jovens que não consomem

bebidas alcoólicas e não frequentam bares e clube, ficam excluídos, pois os únicos lugares que os resta para frequentar são as igrejas e lanchonetes (quando tem recurso).

Algumas pesquisas revelam que a falta de alternativas no campo principalmente na área de lazer e trabalho tem influenciado na migração dos jovens para as cidades a fala do jovem GM traz um pouco desta afirmação. O capítulo seguinte busca trabalhar com os projetos de vida da juventude da agrovila, e ainda, se a organização da agrovila influencia nas tomadas de decisões destes sujeitos frente a permanecer ou sair da comunidade. No capítulo abaixo iremos entender como uma parcela destes jovens de perfis diferentes estão organizados e também como pensam em se organizar, se dentro da comunidade ou em outra localidade.

CAPITULO 03: PROJETOS DE VIDA DA JUVENTUDE DA AGROVILA NOVA CONQUISTA

O presente capítulo objetiva investigar quais os projetos de vida da juventude da agrovila Nova Conquista. Dessa forma, o capítulo é formado por recortes de entrevistas com esta juventude, bem como, pelos conceitos de alguns autores, tais como: Carneiro (2007), Castro (2008), Ferrari et al (2004), que discutem acerca dos projetos de vida da juventude; Medeiros (2009), Caldart (2001) apresentam uma discussão voltada para a organização do MST; Heredia (1979), Bem e Almeida (2011) que apontam elementos sobre a reprodução camponesa. O capítulo está estruturado em três tópicos: o primeiro apresenta a opinião da juventude pesquisada acerca da vivência no campo, mostrando aspectos positivos e negativos. O segundo demonstra como a agrovila está organizada na opinião da juventude e se esta oferece alternativas para a permanência da categoria. E por fim, o terceiro tópico que apresenta os projetos de vida da juventude. É importante esclarecer que para a construção do capítulo a categoria é dividida em dois grupos: o primeiro é composto pelos jovens que militam no movimento social atuante na agrovila e o segundo os jovens que não militam.

Falar de juventude rural não é uma tarefa fácil, haja vista a necessidade de lidar com a amplitude do tema e suas particularidades, bem como, considerar uma série de fatores que estão atrelados a este espaço (meio rural) e a estes sujeitos (juventude). Dessa forma, para falar das perspectivas dessa juventude deve-se considerar além da invisibilidade da categoria, a forma como está organizado o cenário rural em sua plenitude.

Para Carneiro (2007, p. 54) “quando nos referimos à expressão ‘cenário rural’, estamos chamando a atenção para os limites do uso dessas categorias, estando a ideia de “cenário” relacionada a algo que pode ser montado, elaborado e definido por diferentes atores sociais em relação entre si”. Nesse sentido, é necessário considerar que mesmo sendo um espaço que a princípio denota simplicidade, seja pela falta de acesso a algumas tecnologias ou pelo modelo social que é imposto, é concomitantemente um lugar onde um determinado grupo de indivíduos vive, e antes de tudo um espaço de relações entre estes e o meio.

[...] Esse cenário seria, portanto, formado por relações sociais que variam em função dos contextos e das posições dos sujeitos em relação. Nesses termos, falar em “cenário rural” implica em reconhecer essa diversidade que pode incluir tanto indivíduos de origem urbana e de residência rural como indivíduos de origem rural, mais com vivência urbana (seja pelo trabalho, seja pelo lazer) (CARNEIRO, 2007, p. 54).

Considerando o que aponta Carneiro (2007), ao dizer que neste espaço existe uma diversidade de sujeitos, seja de origem rural ou de origem urbana, podemos perceber que o “cenário rural” é um espaço heterogêneo marcado pela forma como os diferentes sujeitos estão organizados e pela forma como estes desenvolvem suas mais distintas atividades, seja individualmente ou a partir da relação com o outro.

Considerando a juventude rural como componente deste panorama, é necessário considerar que estes sujeitos, são alvos de duas questões que precisam ser avaliadas: a primeira diz respeito ao fato de se constituírem na categoria juventude e assim serem vistos como uma categoria de invisibilidade, conforme abordamos no decorrer deste trabalho. A segunda está relacionada ao fato de residirem em comunidades rurais, espaços que historicamente vem sendo discriminados, considerados quase sempre como um lugar de atraso, situação decorrente da forma como o campo é exposto nas propagandas em oposição ao urbano, assim, a juventude é fantasiada por uma imagem que apresenta a cidade como o local de desenvolvimento que proporciona mudanças no meio de vida através do assalariamento.

As duas questões apresentadas acima, revelam de forma ainda mais intensa a necessidade de conhecer a juventude rural, no sentido de perceber como estes sujeitos se organizam em um espaço que para o restante da sociedade não existe ou não apresenta nenhuma importância e/ou significado. Dessa forma, o tópico que segue vem apresentar a opinião destes sujeitos em relação à vida no campo.

3.1 VIVÊNCIA NO CAMPO

Buscaremos aqui apresentar os relatos da juventude em relação à vivência no campo. Dessa forma, é importante salientar que estes jovens estão divididos em dois grupos distintos e que esta divisão norteará essa discursão. O primeiro grupo diz respeito aos jovens que estão inseridos no MST, ou seja, os jovens militantes deste movimento social. Posteriormente, o outro grupo de jovens que não participam do movimento, seja pela falta de tempo para se dedicar a militância ou mesmo porque não se identificam. O presente tópico está dividido em dois momentos a partir da divisão dos grupos acima: o primeiro, diz respeito ao campo como sinônimo de tranquilidade e o segundo apresenta o campo pela ótica das ausências.

3.1.1 Vivência no campo como sinônimo de tranquilidade

A opinião da juventude em relação à vivência no campo está bastante relacionada à identificação que estes sujeitos possuem com a localidade. Dessa forma, o presente subtópico trata a partir dos relatos da juventude da agrovila Nova Conquista a visão destes jovens em relação à vivência no campo. Nesse sentido, alguns jovens consideram que a vida no campo apresenta uma tranquilidade comparando com a cidade, destacando a questão da segurança em repulsão ao tema da violência. Essa concepção é destacada no relato abaixo:

Eu acho bom, assim, tem seus prós e os contra, né! tipo aqui é uma tranquilidade que na cidade você num tem, né! Eu posso sair a qualquer hora que eu quiser de casa, que eu num tenho medo. Eu fico com as portas abertas, o dia todo e num tem aquele perigo que tem na cidade, e a comodidade que a gente tem que tem na cidade aqui já ta chegando. Aqui tem internet em casa, tem uma televisão com programa bom pra você assistir, tem algo assim pra você sair, um lazer né, e pros jovens que gostam de sair pra beber e se divertir tem o clube de dança, né, (MD, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 30/07/2015).

O relato acima representa a opinião da juventude do grupo I, abordado no início do tópico: o grupo dos jovens que militam no MST. Assim, este relato apresenta uma concepção do campo como lugar calmo, “lugar parado”, além de afirmar o que muitos jovens apresentam como representação do assentamento e do campo de uma forma geral. E a cidade, também generalizando, como a representação do espaço de violência. Em suas discursões, Carneiro (2007) reafirma essa temática da violência na cidade e a recente valorização dos espaços rurais:

A valorização do local de origem em oposição a cidade grande tem como principal parâmetro a violência que vem assustadoramente tomando conta do cenário das grandes cidades brasileiras. Assim, o que antes era considerado negativo – “lugar parado”, “onde nada ocorre”- atualmente tornou-se sinônimo de “tranquilidade”, “segurança” e “boa qualidade de vida” (CARNEIRO, 2007, p. 64).

O que a autora aponta no trecho representa os relatos de uma parte da juventude na forma que estes sujeitos definem a vivência no campo como algo positivo comparando com a cidade, um lugar de crescente violência. No entanto, esta concepção não se generaliza entre a juventude pesquisada, tendo em vista que há outra parcela de jovens que por diversas razões não consideram o campo como um espaço ideal para se viver.

Outra dimensão enfatizada no relato da jovem MD é a questão da diversão, pois segundo ela, morar numa agrovila proporciona diversos espaços para o jovem que gosta de sair, beber e se divertir. A concepção que a juventude pesquisada menciona como espaço de lazer diz respeito à saída para bares, à saída para clube de dança, banhar em igarapés da

região, frequentar lanchonetes e ir a jogos de futebol na comunidade e em comunidades vizinhas.

Outra representação presente no relato são as novas tecnologias, que na opinião dos jovens, insere as populações do campo no mundo moderno. Um exemplo destacado é o acesso à internet, que proporciona à juventude a oportunidade de expandir os relacionamentos através do universo digital. O acesso à internet apresentado acima é visto como um aspecto positivo, pois, para alguns jovens, isso já os insere na modernidade e, por isso, a vila não é atrasada. Como podemos perceber no relato abaixo:

Rapaz, pelas algumas partes eu acho boa porque todo dia a gente ta por dentro das coisas que ta acontecendo, e por outras eu acho ruim por causa do barulho, zuada, num tem? porque as vezes a pessoa num ta sossegado naquele local por causa que tem muita gente que é a toa né, fica perturbano a pessoa e em questão da pessoa morar num lote ou então numa fazenda, é o silencio né, é o tempo muda tudo é mais tranquilo e muito (MS, jovem de 20 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

Este relato apresenta novos aspectos que se opõem à outra parcela da juventude pesquisada, a tranquilidade não aparece no relato acima quando se trata do espaço da agrovila. O que alguns jovens consideram como diversão, abordada anteriormente: a saída para bares e escutar músicas, por exemplo, para outros jovens é considerada uma maneira de perturbar as pessoas que não gostam de sair e permanecem em casa. Nesse sentido, apesar da agrovila ser o espaço social onde geralmente os moradores se encontram em seus diversos espaços, na representação acima é perceptível que esta parcela da juventude se identifica com a vivência no lote ou em fazendas, alegando que o silêncio (e assim a tranquilidade) é bem mais presente.

Enquanto uma representação da juventude pesquisada narra a opinião sobre a vivência no campo considerando a tranquilidade e outras questões apresentadas acima, outra utiliza da experiência enquanto filhos de camponeses para apresentar suas opiniões. Nessa perspectiva, parte dos jovens entrevistados destaca o trabalho no campo como construção de um tipo de ser humano. Nesse aspecto, apresentamos um relato que traz novamente uma comparação da vida no campo em relação à cidade:

Olha, às vezes eu chego a comparar, né! Se eu tivesse crescido lá, na cidade, ia ser muito diferente, né, da realidade daqui. A experiência que eu adquiri aqui, trabalhar junto com meu pai e com a minha família! Rapaz, eu chego a comparar que se eu tivesse ficado na cidade, tinha sido muito pior, ou não! Não sei! Ninguém sabe! E aqui, no assentamento é muito interessante a experiência que a gente adquire, principalmente no convívio e no trabalho (AJ, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

A representação acima retrata o lado positivo de viver no campo em relação ao acúmulo de experiências que é possível encontrarmos. É perceptível que esta representação coloca a família e a agrovila como espaços de aquisição de conhecimentos tanto para o convívio quanto para o trabalho. Nesse sentido, “[...] O papel do trabalho na sociedade vai além da simples troca de força de trabalho por salários, pois exprime o espaço dos indivíduos nesta sociedade, com função social e simbólica que ultrapassa a função de atender as necessidades individuais de sobrevivência” (FERNANDES, 2008, p. 27). Ainda na concepção do trabalho no campo como uma condição de melhoria na vida da juventude, a representação abaixo reafirma esta ideia, a importância do trabalho como construção de um ser humano.

É, em relação a morar no assentamento foi uma mudança total na nossa estrutura, na nossa vivência né, na nossa vida, porque a partir do momento que nós viemos pra cá, mudou totalmente a nossa vida né, hoje nós temos lotes e nesses lotes nós trabalhamos né, e tiramos o nosso sustento daí desses lotes, criamos um gado é, plantamos e colhemos então é a partir dos lotes que nós estamos tendo essa nova perspectiva de vida (GM, jovem de 30 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

Através da representação acima entendemos que o trabalho, em especial o trabalho no lote, é considerado como algo coletivo, executado pela família. Dessa forma, partindo desse pressuposto, este é compreendido por esta parcela de jovens como uma perspectiva de mudança tendo em vista que este aspecto trouxe certa modificação na vida da família. Assim, a valorização do campo como um lugar seja de conhecimento ou de trabalho, é bastante presente nesta pesquisa.

A visão positiva com relação à vivência no campo foi abordada com as representações apresentadas anteriormente, a juventude que corresponde a estes sujeitos são jovens que em sua maioria participam do Movimento atuante na agrovila. Assim, é possível perceber a contribuição que o MST tem dado na formação da juventude em diversos aspectos, seja nos encontros de jovens de assentamentos e acampamentos, nos cursos de formação política ou mesmo dentro dos espaços formais nas escolas. Por conta dessas contribuições, e a partir do acúmulo de experiências que estes sujeitos possuem, conseguem ver no campo aspectos positivos de sobrevivência.

3.1.2 O campo como um local de ausências

Considerar a vivência no campo pela ótica das ausências foi observado por outra representação da juventude pesquisada. Estes sujeitos que pertencem ao grupo de jovens que não participam do movimento atuante na agrovila apresentam concepções que se divergem do grupo apresentado no subtópico anterior. Esta juventude possui uma concepção de campo

partindo da falta de elementos que consideram importantes, mas que estão apenas na vida urbana. Dessa forma, os aspectos negativos da vivência no campo, enfatiza que viver no campo é bom, mas nas falas as limitações são destacadas.

O relato que segue demonstra essa concepção de ausência: “Pelo menos no meu caso, nem pra todos, é em questão de diversão, porque só tem bar, festa, e eu não sou muito de andar nisso, então falta opção de diversão pra jovem aqui. Tipo, a opção mais é bar” (LC, jovem de 22 anos, entrevista concebida em 27/07/2015). Esta representação reafirma a visão do grupo anterior quando se trata de diversão, pois ambos consideram que na agrovila os espaços de diversão se restringem a bares e festas. No entanto, nesta representação aparece um novo elemento que é a falta de lazer para jovens que não frequentam esses espaços. Esses aspectos fomentados nos levam a concluir que “além do direito ao “mínimo necessário”, as necessidades para o bem estar dos jovens na sociedade contemporânea, dizem respeito às necessidades de lazer, informação, saúde, cultura, muito além de bens e serviços oferecidos pela sociedade de mercado” (FERNANDES, 2008, p. 55).

O aspecto da falta de espaços de lazer e recreação tem influenciado bastante na visão da juventude sobre o campo, já que a categoria se caracteriza também pelo vigor em desenvolver diferentes atividades junto com outros jovens. Nessa perspectiva, a representação da juventude que afirma não se apropriar dos espaços de lazer existentes na agrovila, fica sem alternativas de diversão caindo, conseqüentemente, na rotina do dia a dia e negativando o meio rural como um espaço que oferece alternativas de lazer e diversão. Assim, é necessário se pensar quais as alternativas de lazer que os jovens anseiam no campo para que este não passe a ser visto como algo que só é possível no acesso à cidade.

Esta concepção é representada pela juventude quando estes apresentam o desejo de ver o rural com aspectos completamente urbanos. No relato abaixo, a representação que considera a vila pelas ausências, afirma que: “Não é tão ruim (morar na Vila), mas, nem tão bom porque o que precisa nós não temos, tipo uma praça, essas ruas que o povo não bota broquete, e é isso!” (LS, jovem de 15 anos, entrevista concebida em 29/07/2015). Como podemos observar no relato, a ausência de asfalto ou calçamento das ruas é apresentado como um problema. Este nos permite analisar que o desejo de homogeneização da paisagem ou a considerada limpeza permitida a partir do asfaltamento da rua, é um aspecto que o jovem entende que inferioriza o campo. A expressão: “estas ruas que o povo não bota broquete!” demonstra uma concepção que esta jovem possui de meio rural é a de que este é atrasado e precisa evoluir para se igualar em alguns aspectos à cidade. O fato da agrovila possuir uma

praça, mas, não apresentar as características de praças localizadas nas cidades (bancos de cimento, jardim, iluminação, calçamento, ornamentação), permite esta representação da juventude considerar a agrovila como espaço que precisa superar alguns desafios para se igualar à cidade.

Os jovens entrevistados destacam aspectos que demonstram que o campo não é desenvolvido como a cidade e que precisam ser superados como expressão de atraso. Morar na agrovila não agrada a todos os jovens. Por meio da divisão dos grupos abordados no início do tópico é possível considerar que os jovens que tem uma atuação no MST possuem um ponto de vista completamente positivo sobre o meio rural, estando isto, atrelado a formação política que estes sujeitos possuem pela experiência no movimento, bem como, o acesso a diferentes espaços que os permite ampliar a visão de mundo, fato que os diferencia dos jovens que não participam. Em sequência, os jovens que não militam tem uma visão da vivência no campo a partir da escassez e da falta igualando o campo com a cidade sentido falta de um possível desenvolvimento. A organização da agrovila é uma das temáticas que foram destacadas nas entrevistas para condição de permanência dos jovens, são aspectos que discutiremos no próximo tópico.

3.2 ORGANIZAÇÃO DA AGROVILA NOVA CONQUISTA

É de suma importância conhecer a opinião dos jovens sobre seu local de moradia. Com esta pesquisa, foi possível ter conhecimento deste fator bem como nos aproximarmos da discussão referentes às alternativas de continuação da vida no campo para a juventude. Nesse sentido, se torna significativo compreendermos que a agrovila por ser um espaço conquistado através da luta de um movimento social, apresenta um processo de organização baseado nos princípios deste movimento.

Na estrutura organizativa do MST não há qualquer mecanismo formal de filiação (preenchimento de cadastros, pagamento de mensalidade etc): é do Movimento quem se identifica com suas bandeiras e se envolve com suas atividades em qualquer lugar e em qualquer tempo. No geral, participam famílias inteiras e não indivíduos como tal, em especial quando se trata de acampamentos, ocupações e atividades nos assentamentos (MEDEIROS, 2009, p. 6).

Essa inserção no movimento social se dá então, mediada por instrumentos de aproximação que estão ligados à organização conjunta de povos em prol da resolução ou

controle de suas necessidades. Esta concentração de diferentes indivíduos está presente nas ocupações, nos acampamentos, e ainda que tímida, dentro dos assentamentos, onde é possível observar a diversidade de povos e situações, mas que se organizam de acordo com os princípios antes declarados.

A representação que segue reafirma este processo de organização ao declarar que a agrovila é composta, tanto por assentados legalmente, quanto por pessoas que não possuem nenhuma posse de terra:

Hoje o assentamento, é uma agrovila na verdade, uma agrovila do P.A Açai, me parece que é mais ou menos umas 6 agrovilas né, o assentamento no total, e aí na nossa agrovila, na nossa comunidade, comunidade Nossa Senhora Aparecida que é o assentamento Nova Conquista, nós temos mais ou menos umas duzentas famílias assentadas, são os moradores, fora os agregados né, que trabalham, que trabalham e moram com parentes nos lotes, em casas, na própria vila e, tem pessoas que moram também no próprio lote, né, trabalhando direto (GM, jovem de 30 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

A representação acima, demonstra como a agrovila está organizada a nível de assentamento, dessa forma, como abordado no primeiro capítulo esta pertence ao conjunto de seis agrovilas dentro do Assentamento PA. Açai. Composta por cerca de 200 famílias assentadas. No relato anterior é possível perceber que neste espaço de vivência também se encontram pessoas que não possuem a posse da terra e que, assim, não estiveram presentes em sua consolidação. Nesse sentido, percebemos que “o MST acabou construindo um tipo de organização que mistura a versatilidade de um movimento social, no qual *entra todo mundo o tempo todo* (grifos da autora)” (CALDART, 2001, p. 207). Considerando a concepção da autora e levando em consideração a agrovila como um espaço de organização do MST, percebemos que nestes espaços existe uma constante inserção de pessoas.

A representação que segue dá continuidade à organização da agrovila, mas agora, considerando o trabalho coletivo.

Olha, precisa melhorar bastante principalmente no trabalho coletivo né! a questão que eu observei bastante é quando convoca as pessoas, né! os assentado pra uma reunião, pra uma assembleia geral. As pessoas já não dão mais aquela importância tanto assim, pro que vão dizer na reunião, muitos nem vem. Alguns vem, as vezes, alí pelo meio das coisas, vão embora, e, a organicidade (organização) tá um pouco assim deixando a desejar também (AJ, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

Este relato nos remete a pensar sobre um elemento que é de suma importância para o desenvolvimento da vida no campo: a organização coletiva. O fato do campo está perdendo sua característica principal, que é o trabalho coletivo, influencia no andamento interno de sua

organização, pois, o central das comunidades rurais é a organização coletiva das famílias.

Dessa forma:

À medida que os sem-terra se enraízam na organização coletiva que os produz como sujeitos, passam a viver experiências de formação humana encarnadas nesta trajetória. Mesmo que cada pessoa não tenha consciência disso, toda vez que toma parte das ações do Movimento, fazendo uma tarefa específica, pequena ou grande, ela está ajudando a construir esta trajetória e a identidade Sem Terra que lhe corresponde; e está se transformando e se reeducando como ser humano (CALDART, 2001, p. 214-215).

Para o movimento social, apresentado pela autora, a organização coletiva é vista como algo central na formação do ser humano e na identidade sem terra, no entanto, considerando a representação da juventude anteriormente abordada (AJ) esta organização já não se faz tão presente no espaço da agrovila, tendo em vista que os sujeitos não tem participado das reuniões para decisões coletivas.

Em contrapartida à representação da juventude que apresenta agrovila pelos aspectos organizativos estruturais, há outra parcela de jovens que consideram a organização do espaço a partir das estruturas físicas. Assim, existem vários elementos que estes sujeitos consideram como uma conquista no processo de organização da agrovila, estes elementos são apresentados abaixo:

As questões das conquistas assim a organização do assentamento ele tá muito assim diferente de quando a gente chegou aqui, né, quando eu cheguei aqui a gente não tinha escola, não tinha energia, e hoje a gente tem tudo isso, tem uma escola com ensino médio que foi a primeira luta foi pra consegui o prédio da escola e a segunda luta foi pra consegui, pra trazer o ensino médio pra cá. E tudo isso a gente conseguiu! E a terceira luta foi conseguir o curso técnico, que tá aí, a gente conseguiu e teve um ano que teve, né? Teve uma turma de curso técnico em agropecuária aqui, que se formou e tal, e também tem a questão do posto de saúde, que a gente tem, tem profissional daqui mesmo, tem o técnico, daqui do assentamento mesmo não, mais da redondeza né, é! Deixa eu vê mais o que a gente conquistou; acho que a questão da, da...abriu um leque de oportunidades de aprendizado assim! Muita gente daqui tá se formando pelos cursos do MST, é...acho que uma das conquistas maiores assim foi a questão da educação que a gente tem assim bem...(MD, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 30/07/2015).

Ah, de hoje prá antigamente tá é bom ó!!!. Aqui, tem, tem escola, que ensina o ensino fundamental e o ensino médio. Tem posto de saúde; agora vai ter uma escola estadual, tem muito desenvolvimento a vista o que era quando começou, que nem energia num tinha! Era no barraco de lona, casa de barro, e agora não! (M, jovem de 21 anos, entrevista concebida em 29/07/2015).

Tá desenvolvido que tem escola, posto de saúde, pega celular com antena, internet... ta bem desenvolvido hoje (AR, jovem de 18 ano, entrevista concebida em 30/07/2015)

Em questão de educação, eu já não participo mais tanto assim, não sou muito por dentro assim do que acontece! Mas o que eu sei, é bem organizado! Apesar de hoje, tem uma juventude muito rebelde porque no meu tempo era mais, não é que fosse mais severo, mas os alunos eram mais calmos. Eu não acho que a educação daqui

não é ruim! Apesar de ser de interior, ser de assentamento! (LC, jovem de 22 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

A juventude representada anteriormente relaciona a organização da agrovila com as políticas públicas conseguidas através da luta dos assentados dentro do MST, tais como: escola de Ensino Fundamental e Médio e a participação em cursos de ensino médio profissionalizante e superiores em diversas áreas de formação ofertados nacionalmente em Universidades Federais a partir do MST, saúde, infraestrutura (tais como: a construção das casas de alvenarias, energia elétrica, acesso à internet e fácil acesso à cidade de Açailândia e etc.).

Percebemos que o acesso à educação é um dos aspectos centrais destacados pelos jovens, assim, para esta representação, uma das maiores conquistas dentro da agrovila foi o acesso à educação formal, em seus diversos níveis; e principalmente, o acesso ao Ensino Superior. Nota-se que os jovens ainda entendem essas políticas públicas como uma doação do Estado e não como um direito a todos os cidadãos, e a negação às populações do campo de modo geral, que são excluídos desses direitos.

A agrovila é considerada um espaço privilegiado pelo acesso a essas políticas, tendo em vista que o comum no campo brasileiro tem sido a ausência de políticas, principalmente para a juventude. A educação, por exemplo, tem sido uma política pública inexistente em várias comunidades rurais, no entanto, na agrovila Nova Conquista esta está presente desde a pré-escola até o ensino médio, e para além destes seguimentos, o movimento social atuante dentre da agrovila proporciona o ingresso destes jovens em cursos técnicos e/ou superiores em vários estados brasileiros. Percebemos, então, que: “a promoção e a implementação de políticas públicas vêm sendo a pauta dos movimentos sociais do campo para reverter os sérios problemas de acesso e de permanência dos sujeitos do campo na educação básica e superior” (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012. p. 241-242).

Diante disso, corroboramos a ideologia de que a educação é um fator importante na vida dos seres humanos, principalmente dentro de uma comunidade rural, pelo fato de que é através dela que os sujeitos do campo podem desenhar uma realidade diferente da realidade conhecida historicamente. É necessário, no entanto, analisar como se deu a conquista da educação na agrovila tendo esta como um local de atuação do movimento em seus diferentes espaços, pois, “quase ao mesmo tempo em que começou lutar pela terra, o MST através das famílias acampadas e depois assentadas, começou a lutar pelo acesso dos Sem Terra à escola” (KOLLING; VARGAS; CALDART, 2012. p. 503). É importante ressaltar que a pauta de reivindicação do movimento não é apenas pelo acesso à escola (prédio), mais o acesso a uma

educação que seja voltada para atender todas as necessidades dos sujeitos do campo, uma escola que forme os sujeitos para enfrentar uma sociedade de exclusão camponesa. Nessa perspectiva, o boletim da educação produzido pelo MST em 2014 afirma que:

E a escola estará ajudando bastante na formação política da nossa juventude se construir um método adequado de estudar história e de exercitar a análise da realidade, em situações da vida cotidiana, mais visando à compreensão do desenvolvimento histórico mais amplo: entender o que são contradições e como elas movem as transformações das sociedades, do ser humano, das relações entre ser humano e natureza (boletim da educação, 2014, p. 121).

Através das entrevistas apresentadas acima podemos perceber que no quesito educação a agrovila oferece alternativa para o jovem permanecer até o término do ensino médio e também superior através do vínculo com o MST. No entanto, apesar destas representações revelarem este aspecto como positivo dentro da agrovila, a categoria em suas colocações afirma que a agrovila não oferece alternativas para uma permanência do jovem na localidade.

Nesse sentido, “a saída de jovens filhos de agricultores familiares do meio rural em direção às cidades vem se intensificando nos últimos anos. Mais do que constatar essa tendência, procurar entender as razões desse processo é um desafio para estudiosos do mundo inteiro” (FERRARI, *et al*, 2004, p. 237). O presente tópico apresenta a opinião da categoria sobre a permanência ou não destes sujeitos no campo.

Uma das primeiras representações de campo como espaço que não oferece alternativa para a juventude é a ausência de emprego assalariado, como podemos perceber no relato abaixo:

Eu acho bom, num é melhor porque num tem emprego pro uma pessoa jovem, escola tem, estudo tem, mais a pessoa se forma aqui, e quando vai trabalhá tem que sair daqui pra trabalhá nouto lugar porque né muito desenvolvido assim prá negócio de emprego (M, jovem de 21 anos, entrevista concebida em 29/07/2015).

A temática da falta de emprego assalariado é forte e recorrente entre os jovens. E a partir dessa representação, a agrovila é apresentada pela ausência, por não oferecer alternativas de trabalho para a juventude. Assim, compartilho de Fernandes (2008), ao dizer que “em sociedades em que se privilegia o valor de ter poder, quer pelas aparências, quer pelo dinheiro, quer pelos bens de consumo os jovens valorizam o acesso a bens simbólicos e matérias, o que influencia expressivamente sua visão sobre o valor do trabalho em suas vidas”. A concepção de trabalho apresentada por esta representação da juventude não condiz com o trabalho como formação de um ser humano como observado nos relatos dos jovens

anteriores; a concepção expressa aqui, diz respeito ao emprego assalariado como forma de acrescentar na vida das pessoas no sentido financeiro. Nesse sentido, “estes veem nas cidades melhores condições para ganhar seu próprio dinheiro, maiores oportunidades para estudar e melhor remuneração do trabalho” (FERRARI, *et al.* 2004, p. 266).

Nessa representação da juventude, há a desvalorização do trabalho agrícola, quando afirmam que no campo não há trabalho. Essa desvalorização permeia a juventude que não tem se identificado com o trabalho na roça e, assim, tem migrado para as cidades à procura de outras oportunidades. Essa concepção de trabalho, no entanto, apresentada por esta representação é algo que não está alheio à sociedade capitalista a qual estamos inseridos, tendo em vista que esta é imagem repassada pelos meios de comunicação, onde, o sistema capitalista apresenta para os sujeitos e em especial aos jovens rurais através da TV e também da escola uma imagem da cidade como um espaço de crescimento financeiro através do trabalho do emprego assalariado.

A opinião abaixo condiz com representação apresentada anteriormente, pois ambas expressam que a agrovila não oferece alternativas para a continuação do jovem no campo devido não ter alternativas de emprego assalariado. Para estes jovens uma maneira de permanência da juventude na agrovila seria oferecendo mais oportunidades de empregos, tendo em vista que os jovens que se deslocam para as cidade é em busca de profissões que não se restringe a agricultura, ao contato com a terra. O relato que seguem expressa essa afirmação:

Rapaz! Eu vou lhe explicar! Eu... no meu entender, o jovem pra continuar aqui, eu acho fraco assim, pr'um jove que ele quer subir na vida, no caso, ele quer estudar e ele quer acrescentar algo na sua vida, a num ser se ele quiser só trabaia cum roça. No caso, trabaia mais os pais, se ele tiver um pai aqui, que tenha terra e ele quiser trabaiaí mais o pai dele, tudo bem! Aqui é lugar bom pra ele! Mas se ele disser assim: eu quero trabaiaí, só num serviço determinado, eu quero ser independente, pois aqui, eu no meu achar, aqui num é um bom lugar, não! Aqui até tem o estudo sabe, mais a questão aqui é que você tem o estudo aqui, mais num tem o emprego pra manter o estudo (O, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 29/07/2015).

Nessa representação destacamos três questões importantes: a primeira, diz respeito ao conceito de “subir na vida”, remetendo a questão de ter sucesso, ter condição financeira, o jovem tem que sair do campo, pois, o campo não oferece esta alternativa; a segunda, diz respeito ao termo “trabaia cum roça”, para o jovem o campo em especial, a agrovila só oferece alternativa para o que deseja trabalhar na roça, assim, quem deseja trabalhar em outro espaço também precisa sair da agrovila; e por último, o termo “ser independente”, a entrevista mostra que o jovem que deseja ser independente deve procurar outro espaço longe do trabalho

com os pais, pois, o campo não oferece esta alternativa. Diante do relato do jovem, percebemos que este tem uma concepção completamente tradicional do meio rural: a de que este é um espaço apenas para aquelas pessoas que desejam trabalhar na roça, para os jovens que pensam em viver e trabalhar com os pais e para aqueles que se contentam em viver sem acesso a vários espaços que a localidade não oferece.

Com isso, é possível perceber um novo elemento presente nas representações que apresentam a saída dos jovens em busca do trabalho assalariado como alternativa para a juventude. Neste caso percebemos que a categoria demonstra que a falta de alguns aspectos no campo, em especial na agrovila pesquisada, não possibilita uma possível reprodução camponesa. No entanto, segundo Bem e Almeida (2011):

[...] a reprodução camponesa deve ser interpretada na perspectiva do desenvolvimento desigual e contraditório do capitalismo. É nesta compreensão, que as lutas camponesas podem ser compreendidas e interpretadas na sociedade capitalista de produção, sociedade esta, que é mediada pelas lutas constantes entre as classes sociais que tem interesses distintos e antagônicos (BEM; ALMEIDA, 2011 p. 126).

Considerando a juventude camponesa como integrante dessa sociedade capitalista de produção, percebemos que este sistema influência diretamente na visão que estes sujeitos constroem: o campo como um lugar de ausência e escassez. No entanto, podemos retomar Bem e Almeida (2011) e assumir que não há como tratar da reprodução destes sujeitos sem levar em consideração o “desenvolvimento desigual e contraditório do capitalismo”.

É bem verdade que historicamente os filhos de agricultores são preparados pela família para dar continuidade ao trabalho nos estabelecimentos agrícolas, contudo, o fato dos jovens considerarem o campo apenas pelo viés das ausências tem provocado constantes migrações destes sujeitos para os centros urbanos. “Essa construção é fruto da percepção do tempo vivido em uma área rural desvalorizada socialmente nos espaços urbanos que frequentam, tanto nas referências estigmatizadoras sobre a sua população, quanto pela “exclusão” ao acesso a serviços públicos e mesmo privados” (CASTRO, 2008, p. 118).

Com a pesquisa foi possível constatar que a agricultura na agrovila se restringe a criação do bovino de leite, isso se dá porque nas proximidades da agrovila existe um laticínio que recebe a bacia leiteira da região³. Dessa forma, quando os jovens se referem ao trabalho na roça estão associando à criação do gado: “As terras é só capim, então, a questão é criação

³ O laticínio nomeado como laticínio Beth fica localizado a 2 km da agrovila e emprega 6% dos jovens pesquisados diretamente, além de comprar o leite dos agricultores de toda região.

de gado ou pro corte ou a criação leiteira, que é pra já pra fornecer o leite pro laticínio” (LC, jovem de 22 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

Heredia (1979) discorre da criação do gado pelo pequeno produtor da seguinte forma: “Em termos do uso da terra, o gado está subordinado ao roçado. Entretanto, a existência do gado é uma fonte de reserva de considerável importância, representando uma forma de garantir a produção de novos ciclos agrícola, através da possibilidade de acesso a novas terras” (HEREDIA, 1979, p. 139). A afirmação da autora se contradiz á presente pesquisa no que diz respeito “ao gado subordinado ao roçado”, tendo em vista que na agrovila o que predomina é a criação do gado sobre a existência de roçados. Todavia, a afirmação da autora sobre a importância que os agricultores dão para a existência do gado reafirma a pesquisa, pois, este é mais valorizado pelos produtores.

Em contrapartida à representação que defende a ideia do trabalho assalariado como forma da juventude se manter no campo, outra parcela apresenta alternativas voltadas à agricultura que prevalece na agrovila:

[...] as pessoas que trabalham com o leite, é... tem muito serviço, e eu acho né, que não tem muita renda porque o leite, nós temos aqui um laticínio, o leite em si, ele não tá trazendo a renda pra o produtor de leite, propriamente dito, traz a renda maior para o laticínio porque o litro de leite quando sai do produtor, ele vai pro laticínio ele sai mais ou menos por uns 70 centavos, agora imagina, se nós tivéssemos uma organização e fizéssemos uma associação leiteira né, como nós já temos aí um projeto na associação, esse projeto vai receber o leite do produtor a um real, qual a diferença agora, e esse leite vai ser da nossa própria associação, dos próprios moradores, então a renda vai ser subtraída pra todos os moradores, vai ser dividida em partes percentuais para todos os moradores e aí nós temos uma perspectiva de melhora, tanto estrutural para o assentamento como também na perspectiva do pequeno produtor, pra ele ampliar a sua produção (GM, jovem de 30 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

A reflexão acima é de suma importância para se pensar o campo em relação à agricultura. O laticínio que recebe o leite da agrovila para muitas pessoas é uma espécie de solução à falta de emprego e também à falta de incentivo à criação de gado por parte do governo, tendo em vista que a implantação da empresa, perto da agrovila, beneficia a vida dos agricultores. No entanto, há algumas pessoas que acreditam que o trabalho cooperado seria mais interessante para a agrovila, como observado na colocação anterior. A existência de uma cooperativa iria proporcionar a obtenção da renda do leite para os próprios agricultores de forma que além de receber o leite iria empregar boa parte da juventude, em seus diferentes espaços, assim, os jovens teriam mais um incentivo no campo.

Aqui, o trabalho é visto por esta representação, como uma dimensão diferente dos jovens que avaliam este pelo viés do assalariamento. A associação entre os produtores é percebida como uma alternativa de manter a economia dos agricultores na comunidade.

A forma de trabalho representada através da cooperação dos produtores se contrapõe ao sistema capitalista de produção, de forma que essa organização coletiva dos associados permite aos agricultores serem proprietários de sua força de trabalho. Além disso, traz um valor simbólico do trabalho como uma forma de construção humana, não mais como simples forma de sobrevivência.

Outra questão presente na pesquisa é o envolvimento da juventude nessa prática de agricultura voltada à criação bovina, nas representações dos jovens, estes declaram que: “ainda é tímida, não tem envolvimento maior da juventude, eu acho que tá faltando na juventude é, um beliscão né, esse beliscão da sabedoria né, porque assim, os jovens não estão empolgados em perspectivas de futuro, eles querem viver imediatismo, pra eles o agora é que vale (GM, jovem de 30 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).” O relato do jovem confirma o que muitas pesquisas sobre juventude constata ao declarar que a categoria não tem tido um grande envolvimento com a agricultura nas comunidades rurais.

A representação mostrada acima se confirma no momento em que o presente tópico discorre sobre como estes jovens percebem a organização da agrovila e como a comunidade contribui ou não com os projetos de vida destes sujeitos no campo. Dessa forma, ao retomarmos a divisão dos grupos do início do capítulo, fazendo um comparativo entre a juventude que é militante do MST e os jovens que não participa do movimento, constatamos que as visões destes sujeitos são distintas e esse fator se dá por uma construção social e histórica: que a negação de vários elementos para os sujeitos, permite a própria categoria enxergar o espaço pelo viés das ausências, sem considerar outros elementos que também são importantes.

3.3 PROJETOS DE VIDA DA JUVENTUDE DA AGROVILA NOVA CONQUISTA

O perfil da juventude construído no decorrer deste trabalho, nos permitiu ter uma dimensão da forma como a categoria está organizada no “cenário rural” que se encontra a agrovila pesquisada, além de fazer um comparativo com a categoria em um sentido mais geral. Para, além disso, permitiu relacionar os projetos de vida destes sujeitos com a forma

como estes estão organizados na atualidade. Dessa forma, as respostas sobre as perspectivas futuras da juventude apresentam tanto sentidos distintos quanto similares, assim, grande parte dos relatos apontam para um investimento na educação e obtenção de um trabalho, este executado ou não no espaço da agrovila.

Este tópico busca inicialmente demonstrar os projetos de vida da juventude que não milita no MST, assim, através de entrevistas com os próprios sujeitos foi possível ter uma dimensão de como esta categoria almeja se organizar, quais os projetos que desejam alcançar.

A realidade mostrada nas pesquisas relacionadas às perspectivas da juventude camponesa tem mostrado que a migração tem se sobressaído, Castro (2008, p. 115) enfatiza que “a imagem de *jovens* desinteressados pelo campo e atraídos pela cidade não é nova, faz parte da literatura clássica sobre campesinato”. O fato do campo não oferecer espaços diversos para a categoria, seja de trabalho (emprego assalariado), educação ou de lazer, influencia constantemente em seus projetos de vida. Por mais que muitos jovens se identifiquem com a vivência no campo, como visto neste capítulo, a falta desses espaços tem “obrigado” estes sujeitos a se deslocar para as cidades em busca de outras alternativas, e também de uma autonomia, tanto social quanto financeira.

Os relatos que ora analisaremos, demonstram os projetos de vida da juventude pesquisada e como estes se constroem em uma comunidade camponesa.

Daqui pra frente eu penso em se organizar... só em questão mermo do jeito que eu tô, criando gado de corte e, acho que só mermo... Eu penso em terminar só o ensino médio mermo, e depois que eu terminar o ensino médio, fazer um curso pra policial, em questão de casamento, eu não penso em se casar, por enquanto não... Penso em passar uma temporada na cidade pra fazer esse curso de polícia, tipo assim em questão do emprego, a pessoa sabe que só acha se for lá né, então se eu conseguir mermo passar nesse curso, eu vou continuar com minha casa aqui, minha terra aqui, minha casa aqui e trabalhar eu vou ter que ficar lá nos dias de trabalho, agora nos dias de folga em venho pra cá. (MS, jovem de 20 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

É importante salientar que o jovem acima, pertence à porcentagem de jovens que moram sozinhos, este declara durante a entrevista que o que o levou a morar sozinho foi o termo da separação dos pais, assim, ficou com uma parte do lote para desenvolver as atividades. A perspectiva demonstrada por ele diz respeito ao trabalho com o gado de corte, bem como, com o término do ensino médio e posteriormente uma formação em policial. Ao relatar sobre projetos o jovem aponta dois pontos importantes: primeiro o fato de que por mais que se identifica com a vida no campo, um dia vai ter que sair para alcançar uma expectativa, o segundo diz respeito ao fato de sair e não perder o vínculo com a localidade.

Estes elementos apresentados pelo jovem nos permite considerar uma junção entre campo e cidade, onde, a possível saída se dá pelo motivo de que a agrovila não oferece a alternativa que este almeja. Carneiro (2007) apresenta um debate sobre um dos motivos da saída da juventude rural para a cidade da seguinte forma:

É certo que esta combinação do “melhor dos dois mundos” não depende exclusivamente da vontade do jovem, ao contrário, depende, primordialmente, das condições materiais (acesso a bens e serviços) do lugar onde mora, como também da possibilidade de realizar uma renda própria, ter um emprego que, de preferencia, possibilite também a realização de um projeto profissional (CARNEIRO, 2007, p. 60).

O “melhor dos dois mundos” apresentado pela autora é um contraste bastante presente nesta pesquisa, tendo em vista, que praticamente todas as entrevistas aqui abordadas expõem o campo como um local ideal para se viver mais que retém algumas limitações que precisam ser superadas, declarando assim que pretendem suprir esta falta tendo um possível vínculo com a cidade, seja pelo viés do emprego assalariado ou da diversão.

A realização profissional na forma de trabalho assalariado permite a juventude considerar que no campo não há espaço para execução de seus projetos de vida, tendo em vista que segundo estes a agrovila não oferece um espaço para possível realização.

Não, aqui num tem onde a gente trabalhar ou então fazer essas coisas... eu também queria ir embora porque eu vou fazer o primeiro ano, ano que vem. Eu queria ir embora, estudar na rua, só que minha mãe não quer deixar eu ir, ai... porque aqui não tem onde eu trabalhar, só que ela quer que eu vou no segundo ano, só que eu não vou, quer dizer, eu queria estudar na CFR também, passo uma semana lá e uma semana aqui, ai ficava bom pra ela também (LS, jovem de 15 anos, entrevista concebida em 29/07/2015).

A representação acima demonstra um elemento muito presente quando se fala em projetos de vida da juventude: a influência da família. Heredia (1979) declara que “enquanto o filho faz parte da unidade familiar está sob a dependência do pai e, por conseguinte, não alcançou sua maioridade”. A concepção apresentada pela autora reforça a questão da hierarquia existente quando se fala de juventude, tendo em vista que constantemente a família na figura do pai exerce uma autoridade sobre a categoria. No entanto, no relato acima a figura do pai é materializado na figura da mãe que influencia diretamente nos projetos da filha de sair da agrovila.

Para Rosas (2007) “nesse processo de escolhas e de reconstrução, a família exerce um papel importante, pois numa mesma família pode ter indivíduos que vivenciam combinações diferentes entre o rural e o urbano, seja no âmbito do trabalho ou no de projeções simbólicas – por exemplo” (p. 185). A influência da família nos projetos de vida da

juventude está bastante relacionada à forma como está organizada, da quantidade de membros (filhos), na ausência de pai ou mãe, e além de tudo na condição financeira destes sujeitos. No caso específico da realidade camponesa a família leva em consideração uma série de fatores que se sobrepõe a estes apresentados. Neste caso, é necessário considerar principalmente uma herança familiar de valores, cultura e trabalho. “Dito isto, famílias não transmitem somente bens materiais aos seus jovens, transmitem também visões de mundo, concepção de trabalho, um código moral, uma ideia sobre futuro (formando ideários pessimistas ou não)” (ROSAS, 2007. p. 185).

O desejo de sair da agrovila não se mostrou um aspecto forte nas entrevistas já que a parte dos jovens que apresentam a possibilidade de sair justifica que vão buscar melhorias mais que almejam voltar, a representação que segue apresenta um projeto de vida de continuar morando na agrovila e se instabilizar em termos de trabalho na agricultura.

Rapaz eu, no meu pensar, eu tou naquela, no ponto dos jove, eu tô na fase de aprendizado sabe, só porque no meu pensar eu já tenho colocado na minha cabeça, eu tou trabaiano fora mais não é isso que eu quero pra minha vida, pra sempre né! Então, o meu modo de pensar eu não tenho terra, no caso eu não tenho terra aqui, mas eu tenho uma criaçãozinha pequena de gado, no terreno do meu pai, então no meu pensar, eu quero investir na criação de gado pra no caso, eu ter um recurso de eu poder adquirir uma terra, nem que seja comprada! Por causa que no caso do movimento, assentado já tá, vamo se dizer parado, então meu pensar é esse deu investir na criação de gado, pra mais na frente eu poder comprar um pedaço de terra pra eu trabaia pra mim, não trabaia pros outros...Rapaz! Eu falar a verdade, eu num, num, acredito assim na minha capacidade deu ir pra outro lugar, eu num acredito pelo que eu sei, eu num acredito que eu queira um lugar melhor do que esse, não porque pra mim aqui tá bom (O, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 29/07/2015).

O relato acima apresenta um forte desejo em continuar morando na agrovila e investir na agricultura, é importante que saibamos que o jovem pertence a uma família que tem um histórico de trabalho com a agricultura, este possui um estado civil de união estável e não deu continuidade aos estudos, parando no segundo ano do ensino médio. Assim devido não ter conciliado estudo e trabalho, optou pelo trabalho, abandonando os estudos. O seu relato apresenta um diferencial acerca dos relatos dos outros entrevistados, o desejo de permanecer na agrovila e comprar uma terra pra dar continuidade com a criação de gado que iniciara nas terras da família. Segundo Castro (2008, p. 118) “apesar das difíceis condições de vida e produção apontadas pelos próprios *jovens*, um número importante de “jovens” vem reafirmando querer ficar no campo”. Nesse contexto, é notório que apesar de historicamente as práticas agrícolas serem negada pela juventude como uma alternativa de permanência no campo, ainda há uma parcela destes jovens que desejam dar continuidade ao trabalho dos pais.

No desenvolver da pesquisa foi possível constatar que os jovens que já apresentam certa estabilidade no campo anseiam em permanecer, a representação que segue demonstra esse interesse pelo motivo que já possui um emprego e que se algum dia chegasse a sair da agrovila seria por motivo emocional⁴.

Olha, em questão de... Se for só pela estabilidade, eu acho que eu fico aqui por bastante tempo. É bom aqui, é muito bom pra se viver, não é tanta despesa. Olha, agora, no momento, eu não posso dizer que ta ruim, mas eu tenho vontade de voltar a estudar, de continuar, aliás, continuar meus estudos, me formar em alguma área. Eu não sei se isso é desculpa ou se, se é desculpa da minha parte ou se realmente é isso porque em questão do meu filho porque como o gasto é muito grande, eu fico nessa de que não dá, não dá, porque, tipo, fica mais alta a despesa, fica mais cara. Mas eu tenho vontade de voltar a estudar... eu gosto muito daqui, eu gosto muito do meu emprego⁵, e eu creio que se eu sair daqui, tem horas que eu tenho vontade de sair, mas é por questão mesmo emocional. Por questão emocional, não por questão de que aqui é ruim e tal (LC, jovem de 22 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

O relato acima é de uma jovem solteira mais que já teve união estável, possui um filho e concluiu o ensino médio na agrovila pesquisada. Esta que reside na agrovila desde o início já foi embora uma vez da localidade em busca de oportunidade de emprego, no entanto, ao perceber que o custo de vida é muito alto na cidade e que precisava acompanhar o crescimento do filho optou por voltar. Hoje declara que deseja se formar em alguma área, continuar os estudos, mais acrescenta ser difícil devido à responsabilidade de ter que trabalhar para sustentar o filho. Assim, conclui que pretende permanecer porque gosta do emprego.

O fator novo que aparece na representação acima diz respeito ao custo de vida no campo que é mais acessível, assim, a saída de muitos jovens para a cidade os faz confrontar com uma realidade completamente diferente a qual estão acostumados, a imagem da cidade como um complemento ao que falta no campo, demonstra que a solução para os problemas da falta de emprego no campo não está na migração para a cidade, pois, estes jovens não vão se realizar completamente em um ambiente que não estão acostumados e que o meio de vida se torna completamente inacessível, dependendo do emprego que conquistarem.

O campo se torna mais acessível para a juventude devido ter o apoio da família para o desenvolvimento de diferentes atividades, seja voltadas ao trabalho na terra com a família ou não. A partir da pesquisa foi possível constatar o que Severine Carmem Macedo coloca em uma de suas falas em um seminário acerca das perspectivas da juventude rural, que ocorreu no Rio de Janeiro no ano de 2007, esta diz que “a juventude rural sabe a dimensão dos

⁴ [...] namoro já há dois anos e é fora, não é aqui. Exatamente por isso que eu falei, que se eu sair daqui é por questão emocional porque ele não é daqui, é da cidade mesmo, de Açailândia. (LC, jovem de 22 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

⁵ Eu sou auxiliar de laboratório e controle de qualidade de um laticínio.

problemas que tem no campo, mais também conhece os problemas da cidade”. Diante da participante do seminário, é possível perceber que a juventude ao se deslocar para as cidades sabe os possíveis riscos que vai percorrer Severine então continua esclarecendo “a necessidade de construir oportunidades para tornar real a condição de permanência no campo [...] assim, o jovem que for embora para a cidade, vai porque gosta ou se identifica com a cidade, e, não porque não teve oportunidade de ficar no campo”.

Além destes jovens que apresentam um projeto de vida bem planejado, há aqueles que não demonstram clareza no que pensam em fazer daqui pra frente, ou que pensam em fazer algo mais não conseguem descrever os caminhos a percorrer para a execução de seus planos. A representação que segue confirma esta concepção:

Eu penso né voltar a estudar... Eu preciso de arrumar um trabalho melhor” (A, jovem de 17 anos).

No momento, não tenho nada pensado em nada, não. Mas o que aparecer, a gente faz... Eu queria estudar fazer um curso, arrumar um emprego bom e viver a vida, ter uma família” (F, jovem de 20 anos).

[...] ficar mais a vó, não se eu arrumasse emprego aqui, mermo sendo pouco pra mim, ficar aqui mais ela era melhor, mais em questão de emprego tem mais é em Açailândia. Ela num vai embora daqui, e eu num vou pra mim deixar ela, então é ficar aqui, veno o que que vai dar daqui pra frente... Não, vontade de estudar eu ainda tenho, que eu parei de estudar nova. E hoje em dia, do jeito que o mundo tá, inté pra ser gari tem que o estudo, mais aí é porque minha cabeça num dá é mais pra estudo. Eu já pelejei, mas num dar mais não. Não, não penso em casar não, que se casamento tiver parte boa eu num conheci ela. (M, jovem de 21 anos, entrevista concebida em 29/07/2015).

A articulação dos projetos de vida da juventude está bastante relacionado às condições em que estes sujeitos se encontram, dessa forma, a representação acima se trata de jovens – adolescentes que abandonaram a escola ainda no ensino fundamental, jovens que não militam no movimento atuante dentro da agrovila. De uma forma ou de outra, estas questões influenciam bastante na tomada de decisões destes sujeitos. Com relação à educação a representação acima reafirma o que muitas pesquisas revelam, que fica no campo aquele jovem que menos estudou.

A representação acima demonstra uma acomodação por parte da juventude. Neste caso, o desejo de ficar se apresenta como uma espera “em ver o que vai dar daqui pra frente”, ou seja, o desejo de permanecer está atrelado ao vínculo que possui com a localidade, com a família e não por conta de um possível projeto de vida bem desenhado e discutido.

3.3.1 Projetos de vida da juventude militante do MST

Ficar porque se identifica com o campo foi um fator bastante presente na pesquisa, e os motivos são os mesmos discorridos no decorrer do trabalho: o fato de o campo ser um lugar “tranquilo” para se viver. É importante salientar, que os jovens que apresentam um projeto mais consistente frente a permanência se tratam de jovens que tem um histórico de participação no movimento atuante dentro da agrovila, este fator mostra certa influência, tendo em vista que a experiência no movimento é carregada da valorização e contribuição às comunidades camponesas.

O relato que segue narra à perspectiva de um jovem que pertence a uma família que reside na agrovila desde o processo de ocupação e desenvolve as atividades com bastante fervor no lote, este é militante do MST e estudante do curso de veterinária no Rio Grande Sul⁶. Ao receber a pergunta de como pensa em se organizar daqui pra frente, qual sua perspectiva? O jovem declara:

Daqui pra frente, depois de formado eu pretendo trabalhar, principalmente aqui no assentamento né, dano assistência técnica, e também na cooperativa que ta pra ser construída né, e eu pretendo dá essa assistência aqui né. De inicio não né, primeiro depois de formado conseguir um emprego né, que é o sonho que todo jovem almeja, ter um emprego, pretendo terminar meus estudos fazer uma especialização quem sabe, aí uma pós (AJ, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

A representação acima é bem enfática ao afirmar que como perspectivas de futuro pretende continuar na agrovila trabalhando na sua área de formação, o fato do jovem participar do MST influenciou na sua formação tendo em vista que o ingresso se deu devido a militância no movimento. Este aponta ainda para uma possibilidade de dar continuidade aos estudos de forma a fazer uma especialização na área. O diferencial na fala do jovem aponta para um ser jovem no MST, que se constitui no fato de assumir a militância no movimento e consequentemente a identidade e continuidade da vida no campo.

Em conformidade, a representação anterior o relato que segue declara que seu desejo é permanecer na comunidade. É importante esclarecer que esta jovem apresenta um aspecto diferente de todos os jovens entrevistados, o fato de ter saído da comunidade após o termino do ensino médio para cursar o ensino superior na cidade. A mesma fez quatro anos de

⁶A faculdade que eu tô fazendo é de Medicina Veterinária, lá no Rio Grande do Sul, e isso eu consegui através do PRONERA né, um programa de educação. O curso funciona com períodos de tempo-escola e tempo-comunidade, o tempo escola lá são treze semanas né, são uns três ou quatro meses, e tem o tempo escola, que as vezes eles mandam pra cá, e mandam trabalhos pra fazer, indicações pra fazer estágios né, participar, se inserir mais no Movimento (Adão Jonathan, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

enfermagem em universidade particular. Assim, ao direcionar a pergunta acerca das perspectivas futuras esta declara:

O meu plano é de trabalhar no posto de saúde daqui é, e morar aqui no assentamento, eu gosto muito daqui, e assim, meu primeiro plano é esse e se eu não conseguir, é tentar emprego na cidade né, aí eu também tava até conversando com minha mãe um dia desse que existe uma pressão muito grande da sociedade quando você se forma todo mundo fica: e aí você já tá trabalhano? E aí isso, as vezes eu fico pressionada e as vezes me leva a tomar decisões precipitadas, entendeu? Fazer concurso em outro estado e tudo, sendo que meu, meu primordial assim, a principio eu sempre pensei em trabalhar aqui, ficar aqui, colaborar com o posto de saúde daqui, com a população daqui, só que se eu não consegui vou procurar em outros lugares, e eu acredito que mais por esse negócio da pressão né, ah porque tu tem que trabalhar e tal, tal, aí eu não posso esperar né, esperar abrir uma vaga aqui e tal conseguir um emprego aqui (MD, jovem de 23 anos, entrevista concebida em 30/07/2015).

A jovem se mostra bastante segura ao declarar que sua perspectiva é permanecer na agrovila e colaborar com o posto de saúde que é sua área de atuação. No entanto, no decorrer de sua fala aparece um elemento novo acerca da discussão sobre juventude: a pressão que é exercida sobre o jovem quando termina um curso superior. A reflexão que a entrevistada apresenta comunga com a discussão exposta neste trabalho a de que o jovem não é respeitado dentro da sociedade, que precisa assumir uma postura de adulto para passar a ser a considerado. Devido esta pressão, a jovem assume que por mais que seu desejo primordial seja permanecer na agrovila, há a possibilidade de sair se não aparecer à oportunidade que almeja. Dessa forma, mais uma vez aparece o elemento de ter que sair pela necessidade da sobrevivência e atuação na área que a juventude anseia.

A perspectiva da entrevistada acima em contribuir com a comunidade diz respeito a forma como a família está organizada, assim, esclarecemos que esta pertence a uma família em que todos os componentes tem participação ativa no MST, onde o pai e a mãe compõe a direção do movimento, dessa forma, esta questão colabora para essa identidade sem terra, com esse desejo em permanecer no campo, de forma que por mais que sua formação acadêmica não tenha sido através do vínculo com o movimento como o relato apresentado anteriormente, esta sente a necessidade de contribuir de uma forma ou de outra com a comunidade.

Concomitantemente aos jovens que pretendem ficar na agrovila e contribuir com a comunidade, a representação que segue, demonstra um projeto de vida bem esclarecido, pautado na educação como centro.

Eu não penso em sair, eu quero permanecer, e assim eu, uma conquista eu já tive que foi prestar concurso municipal e passar, hoje sou professor concursado né, também trabalho no estado, mais, o meu desejo é de trabalhar também no estado

como concursado, então essa é uma meta que eu tenho que superar, além disso, eu não quero parar os estudos, quero fazer uma pós, uma especialização, um mestrado, um doutorado e não parar, esse é meu sonho de conquistar, porque eu quero conquistar através das letras a sociedade (GM, jovem de 30 anos, entrevista concebida em 27/07/2015).

A perspectiva do jovem é bem clara: permanecer na agrovila, passar em um concurso público para o estado e continuar os estudos. Através do relato cima é possível considerar que o jovem possui certa estabilidade por já possuir um concurso público e um contrato na escola da agrovila. O jovem é filho de agricultor e foi através da militância no MST que conseguiu ingressar na graduação, mais uma vez percebemos a diferença nos projetos da juventude que está inserida no movimento e os que não estão. Este jovem tem um projeto desenhado que está buscando aos poucos o alcance, o importante é que além de conseguir conquistar seus planos contribui com a comunidade através da busca por mais capacitação para atuar na educação dos outros jovens da comunidade.

Outro aspecto interessante apontado pelo jovem é o desejo de conquistar a sociedade através das letras. Dessa forma, percebemos que:

A educação é importante não apenas no cotidiano, no momento presente, como é elemento central no projeto de vida desses jovens. Obter mais conhecimentos, valorizar a diversidade de saberes (científicos, tecnológicos e populares), estudar, se formar, é discurso dominante entre os jovens do campo (FREIRE; CASTRO, 2007, p. 233).

O que as autoras trazem, nos permite considerar que a educação tem sido centralidade nos projetos de vida da juventude camponesa, em especial neste trabalho, o anseio em obter uma formação profissional foi bastante presente entre os entrevistados. Dessa forma, para a agrovila em questão é importante ressaltar que os projetos de vida da juventude estão bastante relacionados com o desejo de permanecer no campo, no entanto, por conta de algumas demandas que ainda precisam ser atendidas na localidade alguns se veem obrigados a sair em busca de oportunidades, mais ainda assim, deixam claro que o desejo é de ficar e contribuir de alguma forma com a comunidade.

Com a pesquisa foi possível constatar que o envolvimento da juventude com as atividades agrícolas na agrovila ainda é muito tímida, a criação de gado que é a atividade mais forte dentro da comunidade não aparece como alternativa para muitos jovens, dessa forma, constatou – se que mesmo com o desejo de permanecer na agrovila a juventude quase não relaciona suas possibilidades com a agricultura. Assim, anseiam em permanecer no campo mais com oportunidades de emprego que se distanciam do acesso a terra, com atividades consideradas menos exaustivas que a agricultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso esforço neste trabalho foi de compreender os projetos de vida da juventude na Agrovila Nova Conquista, e problematizar se seus projetos se relacionam com a continuidade ou não da vida no campo.

Através da proposta apresentada por cada objetivo foi possível alcançar vários resultados. O primeiro deles diz respeito a entender a juventude camponesa em um contexto geral. Nessa perspectiva, podemos considerar que através da pesquisa foi possível perceber que existem diversas tentativas de conceituar a juventude: uma delas tem sido a idade como uma tentativa de uniformizar a categoria. Constatamos que na atual sociedade a juventude é vista constantemente como uma idade problema, como aprendizes, sujeitos que precisam se submeter aos mais velhos, constatamos assim que uma hierarquia dos mais “velhos”, mais experientes, sobre os mais jovens. Por esta vasta tentativa de dar sentido a juventude, concluímos que não há como tratar da temática considerando um conceito homogêneo, tendo em vista que é impossível defini-la como uma categoria universal.

Quando se trata da juventude camponesa a pesquisa demonstra uma série de elementos necessários ser considerados para entender a categoria. Foi possível constatar através da leitura de diferentes referências que o fato do meio rural ser historicamente visto como um local de oposição à cidade, um local marcado pela falta de acesso a inúmeras políticas públicas tem provocado na categoria um anseio de conhecer e se inserir no meio urbano, em busca de melhores condições de vida. Assim, a pesquisa comunga com concepções de autores como Castro (2008) de que a imagem do jovem interessado pela cidade não é nova, que está nas diferentes pesquisas sobre o campesinato.

Consideramos a juventude da agrovila Nova Conquista, a faixa etária entre 14 a 30 anos, reforçando que não há um consenso, e que a idade não define e que na construção deste é necessário considerar uma série de outros aspectos. Nesse sentido, foi possível constatar que a juventude pesquisada se trata de jovens que estão inseridos em um assentamento de Reforma Agrária, constituído a partir da organização do MST, no qual, a constituição da agrovila está marcada pela forte participação da juventude.

Apesar da agrovila ter um número considerável de jovens e crianças desde sua gênese, esta não tinha um projeto pensado para a juventude, o que havia considerado como priori foi só a questão da educação, na figura da escola. Por este motivo, os próprios

moradores revelam que a categoria é vítima do próprio assentamento, pela falta de um projeto voltado ao desenvolvimento da juventude enquanto camponeses. Para os moradores um dos maiores desafios hoje é a inserção da juventude nos mais diversos espaços do assentamento principalmente no que tange a produção.

Com a construção do perfil da juventude, nosso segundo objetivo, foi possível constatar que na agrovila pesquisada existem 152 jovens na faixa etária pesquisada, sendo que 48% correspondem ao sexo masculino e 52% ao sexo feminino, totalizando assim uma diferença de 4% entre rapazes e moças. Em relação à categoria percebemos que este trabalho não reafirma o que autores como Brumer (2007) trazem para o debate, uma constante masculinização do meio rural, já que o número de moças se sobrepõe ao de rapazes.

Um fator que tem contribuído para a permanência das jovens na agrovila é o casamento que proporciona uma possível “liberdade” e autonomia, já que estas geralmente não permanecem morando com os pais. Para além disso, a juventude feminina pesquisada tem buscado diferentes formas de se manter no campo através da aquisição de emprego e renda, tais como: o trabalho no laticínio, trabalho autônomo como manicure, o concurso ou contrato pela prefeitura para exercer a profissão de professora e também o trabalho como doméstica.

Por outro lado, a juventude masculina tem utilizado de várias outras ocupações para a obtenção de renda, tais como: atividades informais, na agricultura para outra família, vigia e também no laticínio. Além destes jovens seja do sexo feminino ou masculino constamos uma porcentagem de 26% declaram trabalhar no lar sem remuneração e 26% na agricultura com a família, dessa forma, sem remuneração.

Nos relatos os jovens afirmam não possuir uma renda mensal em dinheiro, no entanto, por mais que a categoria afirma não ter remuneração, é necessário trazermos para a reflexão o fato que Heredia (1979) apresenta, de que todos os membros da família desenvolvem atividades em conjunto com o chefe da família e que a renda adquirida com o trabalho coletivo volta para todos os membros, na figura de remédios, roupas e comidas. Concluimos assim, que a concepção de trabalho apresentado pelos jovens diz respeito principalmente o fato de ganhar dinheiro a partir do assalariamento, ou seja, estes não enxergam o trabalho como outros produtos produzidos pela família, que tem valor não monetário e que contribui no sustento dos mesmos.

Outro aspecto bastante relevante na pesquisa diz respeito aos jovens que se declaram participantes do MST, estes, um número 18%, diz respeito principalmente aos jovens que residem na comunidade a mais de doze anos. Constatamos com a pesquisa, que os jovens que

concluíram ou estão inseridos em algum curso técnico ou superior correspondem a esta juventude que milita no movimento. Percebemos então a importância dos movimentos sociais nos espaços dos assentamentos, pois são estas organizações que tem proporcionado diferentes espaços para a inserção da juventude em outras instancias da sociedade sem que estes percam o vínculo com as comunidades.

Sobre o nosso terceiro objetivo, que diz respeito aos projetos de vida da juventude camponesa, constatamos que em um sentido geral, tem sido constante o número de jovens que tem migrado para os centros urbanos, causando o êxodo rural, assim, os motivos para a saída da juventude do campo são inúmeros: falta de acesso a políticas públicas, falta de espaços de lazer, falta de incentivo a agricultura, a busca pela autonomia financeira, o anseio em contribuir financeiramente com sua família e etc. Para além disso, percebemos que a juventude camponesa de hoje é marcada por um certo fascínio pela cidade, fruto da construção social em que o urbano é apresentado como um espaço de desenvolvimento e o campo tem sido apresentado apenas como lugar de ausências.

Sobre a categoria pesquisada, especificamente na agrovila Nova Conquista, concluímos que estes enxergam o campo como um lugar de ausências, estes enfatizam o emprego assalariado, considerando que por conta dessa falta a agrovila não oferece alternativas para a permanência da juventude na localidade. Contrapondo aos que enxergam o campo a partir das ausências há os jovens que apontam a agricultura como uma alternativa para a juventude, nesse sentido, consideram o trabalho como uma formação do ser humano, como algo que deve ser desenvolvido em coletivo.

Quanto aos projetos de vida da juventude, constatamos que apesar de uma representação da categoria afirmar que não há expectativa de vida na agrovila, estes apresentam em seus projetos, o desejo de continuar morando no campo. Com os relatos mostrados neste trabalho foi possível constatar que os projetos de vida da juventude em sua maioria se constroem da seguinte forma:

Uma representação que possui um vínculo com a agricultura (criação de gado), e que por este motivo pretendem dar continuidade, ampliando a produção, e adquirindo futuramente uma terra própria tendo em vista que desenvolvem atividades no lote dos pais. É importante esclarecer que apesar de relacionar seu futuro com a agricultura a representação anseia adquirir um terra própria, assim, concluímos que estes sujeitos não almejam dar continuidade ao trabalho dos pais na propriedade da família e sim se desvincular trabalhando em outro lote.

Uma representação que já possui uma estabilidade financeira, ou seja, possui um trabalho assalariado, seja no laticínio, contratado ou concursado pela prefeitura, estes narram em seus projetos continuar no espaço de trabalho que estão inseridos, assim, desejo de continuar na agrovila porque consideram o custo de vida na localidade mais barato. Com isso concluímos que a estabilidade financeira proporciona aos jovens o desejo de ficar, já que não necessitam do emprego para se manter e ajudar a família.

Em contrapartida, há os jovens que por já ter constituído família, apresentam em seus projetos o anseio em permanecer, porém, sem destacar em que espaços desejam se inserir, enfatizando, sem um projeto elaborado que desejam ficar na agrovila e esperar as coisas acontecerem.

E por fim os jovens que militam no MST, e assim já concluíram ou estão cursando algum curso técnico ou superior, em seus projetos está inserido o desejo de permanecer na agrovila e contribuir de alguma forma com a comunidade a partir da formação que possuem. Mais uma vez destacamos a importância do movimento na inserção da juventude nos mais diferentes espaços da comunidade, bem como, a influência dos mesmos no incentivo a permanência da categoria no campo.

No que diz respeito às possibilidades de materialização dos projetos da juventude numa vila rural e se apontam para uma reprodução camponesa ou pela desterritorialização, (nosso quarto objetivo), nos permitiu concluir que os projetos de vida apontados pelos jovens são traçados considerando o espaço que estão inseridos. Assim, destacamos que há diferentes possibilidades de materializar estes projetos.

Trazendo como exemplo os projetos voltados para a agricultura (a criação do gado), podemos destacar como possibilidade o que os próprios jovens apresentam: a criação de uma cooperativa (mais especificamente um laticínio) para receber o leite dos agricultores, já que este é o meio de produção mais presente na comunidade. A criação de uma possível cooperativa iria proporcionar também aos jovens que apresentam o emprego assalariado como projeto, a oportunidade de se inserir neste espaço e trabalhar em seus diferentes seguimentos: produção, limpeza, vigilância, motoristas, entre outros. Neste projeto de cooperativa também se inseri a categoria que possui curso técnico ou superior voltado para a agricultura (técnico em agropecuária, gestão de agroindústrias, veterinária e agronomia).

Quanto à materialização dos projetos dos jovens que concluíram ou estão cursando algum curso técnico ou superior voltados a educação ou a saúde (diferentes licenciaturas, técnico em saúde comunitária e enfermagem), concluímos que na agrovila ou em

comunidades bem próximas existe o espaço das escolas que atende desde a pré - escola ao ensino médio. Quanto à área da saúde, a possibilidade de inserção destes sujeitos nos postos de saúde da comunidade e também em comunidade vizinhas.

Sobre as possibilidades de materialização dos projetos de vida dessa juventude no espaço rural é necessário trazermos para a reflexão: primeiro o dever do Estado enquanto maior instância nacional e depois da própria comunidade enquanto participante de um movimento social. Ao primeiro, é imbuída à tarefa de aumentar o acesso dos povos do campo a créditos que fomentem as praticas agrícolas de produção, criar projetos voltados para a inserção da juventude tanto feminina quanto masculina na agricultura; proporcione o acesso dos agricultores e dos filhos de agricultores aos diferentes níveis de escolaridade, em alguns casos particulares a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo em vista que muitos destes sujeitos necessitam de uma atenção especial, quanto ao horário de acesso à escola.

Ao segundo é necessário ampliar inserção da juventude no movimento social para que estes possam ter acesso a diferentes espaços proporcionados pela militância no movimento: cursos técnicos e superiores em diferentes partes do Brasil, através da alternância pedagógica para assim manter um possível vínculo com a comunidade, e posteriormente contribuir ou não com a localidade. A criação de cooperativas para receber a produção dos camponeses e manter a economia dentro da própria agrovila, entre os agricultores, bem como, investir na formação da juventude voltada para a gestão e produção em cooperativas. Por conseguinte é importante que a comunidade através do movimento social crie espaços para inserção da juventude em atividades culturais como: grupos de teatro, grupo de dança, artesanato, entre outros.

Trazendo para o debate a questão da reprodução camponesa, destacamos que o vínculo das famílias com a terra representa muito mais que um meio de sobrevivência, pois, inclui um valor simbólico que se estende entre as gerações. E que este meio de reprodução é uma forma das famílias camponesas se contrapor as estratégias capitalistas que estamos inseridos.

Considerando a reprodução camponesa como uma possível continuidade da juventude na agricultura com família, constatamos nesta pesquisa que esta não se faz presente nos projetos de vida da categoria, já que estes, não apresentam a continuidade do trabalho com a família. Neste sentido, alcançamos com nosso quarto objetivo o fato de que os jovens em sua maioria anseiam a permanência na agrovila, porém, desvinculados da agricultura. Em

suma, concluimos que apesar da juventude se encontrar em um território de construção e reconstrução da luta pela terra estes não projetam se reproduzir enquanto camponeses.

Para não concluir, tendo em vista a complexidade que é o tema da pesquisa, ressaltamos a importância em nos aprofundarmos em alguns aspectos, tais como: uma abordagem mais ampla sobre as questões de gênero entre a juventude, novas discussões sobre a relação da juventude com a terra e a inserção da juventude em movimentos sociais, questões estas, que não foram discutidas com maior profundidade neste trabalho, portanto, esperamos que estes aspectos fomentem novas pesquisas e novas reflexões.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas**. 1999. 2ª edição São Paulo: Editora Pioneira.

BEM, Anderson; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. A reprodução camponesa na contramão da formalidade do capital. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, 2011. v. 6, n. 11, p. 113-130.

BOGO, Ademar (org). **Teoria da organização política**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p.83 – 125.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. Estud. av.[online]. 2001, vol.15, n.43, pp. 207-224. ISSN 1806-9592.

CAMARANO, Ana Amélia; PAZINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange; VIANNA, Caroline. **A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios?** Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5510/1/bmt_n.21_transi%C3%A7%C3%A3o.pdf . Acessado em 15. Abril de 2015.

CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa. G. de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 53-66.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez (orgs). **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica;– Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013.**

CARVALHO, Daniela Moreira; SANTOS, Alyson Brayner; JÚNIOR, Jalmir Pinheiro Souza; FERRER, Moises Tenorio. **Perspectivas dos Jovens Rurais: Campo Versus Cidade**. Porto Alegre, 2009.

CASTRO, Elisa Guaraná de. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; WHITAKER Dulce Consuelo Andreatta (Orgs). **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara [co-editor] 2008, p. 112 - 130. (Nead Especial).

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. São Paulo Perspec. [online]. 2001, vol.15, n.4, pp. 105-118. ISSN 1806-9452.

COSTA, Fernando Luis Martins; RALISCH Ricardo. **A Juventude Rural do Assentamento Florestan Fernandes no Município de Florestópolis (PR)**. Piracicaba - SP, Vol. 51, Nº 3, p. 415-432, Jul / Set 2013.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **O MST e as reformas agrárias do Brasil**. Año IX Nº 24 - Outubro de 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de, PAULILO, Maria Ignez (orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas, v.2: a diversidade das formas das lutas no campo**/– São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

FERNANDES, Cláudia Monteiro. **Juventude em transição para o mundo do trabalho**. Salvador, 2008.

FERRARI, Dilvan Luiz; ABRAMOVAY, Ricardo; SILVESTRO Milton Luiz; MELLO Márcio Antonio de, TESTA Vilson Marcos. **Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir?**- *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, vol. 12, no. 2, 2004: 237-271.

FREIRE, Jaqueline Serra; CASTRO, Edna. Juventude na Amazônia Paraense: Identidade e Cotidiano de Jovens Assentados da Reforma Agrária. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa. G. de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 215 a 236.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação básica no Brasil: Entre o direito social e subjetivo e o negócio. **II Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária – II ENERA**. Textos para estudo e debate. 1ª edição, MST, dezembro de 2014.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida**: Trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

<http://www.maranhaodagente.com.br/numero-de-analfabetos-no-maranhao-cresceu-no-governo-roseana/>. Acessado em novembro de 2015.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raúl de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico – metodológica. 37 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOLLING, Edgar Jorge; VARGAS, Maria Cristina; CALDART, Roseli Salete. MST e educação. In CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. /. – Rio de Janeiro, São Paulo: EPSJV/Expressão Popular, 2012. p. 500 – 507.

LOERA, Nashieli C. Rangel. Para além da *barraca de lona preta*: redes sociais e trocas em acampamentos e assentamentos do MST In FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez (orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas, v.2: a diversidade das formas das lutas no campo**/– São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

MALAGODI, Edigar; MARQUES, Roberto. Para além de ficar ou sair: As estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa. G. de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 197-214.

MARINHO, Dalcione Lima. **Entre Ideologias & Utopias: As expectativas dos jovens rurais quanto ao seu ingresso na Escola Família Agrícola de Marabá**. UFPA. Marabá, 2007.

MEDEIROS Leonilde Servolo de. **A luta por terra no Brasil e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra**, março de 2009.

NOVAIS, Regina Célia Reyes; CARA, Daniel Tojeira, SILVA, Danilo Moreira da, PAPA Fernanda de Carvalho (orgs.) **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas** /– São Paulo: Conselho Nacional da Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de; CAMPOS Marília. Educação Básica do Campo. In CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. /. – Rio de Janeiro, São Paulo: EPSJV/Expressão Popular, 2012. p. 239 – 245.

ROSAS, Eduardo Nunes Leite. Do campo para a cidade: saindo para ficar. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa. G. de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 183-196.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. reve. e atual. – Cortez, São Paulo. 2007.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara Bueno. **Produção associada e autogestão**. In CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. /. – Rio de Janeiro, São Paulo: EPSJV/Expressão Popular, 2012. p. 614 – 619.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa. G. de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 21-33.